

O OLHAR DA MULHER CIGANA: A FOTOGRAFIA
HÍBRIDA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO,
REFLEXÃO E MUDANÇAS

Relatório de projeto

Lara Lima Verde Pessôa Franco

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof. Dra. Filipa Rodrigues, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Prof. Maria Kowalski, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Leiria, setembro 2022

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA



**O OLHAR DA MULHER CIGANA:
A FOTOGRAFIA HÍBRIDA COMO INSTRUMENTO
DE COMUNICAÇÃO, REFLEXÃO E MUDANÇAS**

AGRADECIMENTOS

“A mulher pode ser tudo que ela quiser”

(Lygia, participante do projeto)

Primeiramente gostaria de agradecer as participantes que fizeram parte que tornaram possível a sua implementação deste projeto de intervenção artística-social, bem como as estagiárias, assistentes e a coordenadora do projeto *Giro ó Bairro*, por todo o suporte dedicado, muito obrigada.

Ao António Palmeira, pelo auxílio prestado durante o processo de construção das câmeras estenopeicas e ao Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), pela disponibilização do espaço do laboratório para a revelação do material fotográfico produzido ao longo do projeto.

À minha mãe cuja paixão pelo estudo e pelo trabalho sempre foi a minha maior fonte de força e inspiração.

À minha tia Karine que inspirou e incentivou o meu contato com a arte desde a infância.

Ao meu parceiro Lucas Costa, cujo suporte e incentivo foram fundamentais para a finalização do mestrado.

Á toda turma do MIAA, professores e orientadoras, enfatizo um especial agradecimento: Aos meus colegas, obrigada por terem me recebido tão bem – como estrangeira sempre me senti em casa; aos professores por todo os esclarecimentos e apoio prestado, sobretudo as professoras Filipa Rodrigues e Maria Kowalski, cuja orientação e suporte fornecido foram fundamentais para a conclusão deste projeto de investigação.

RESUMO

Apesar dos avanços em termos legais e políticos em defesa dos princípios da igualdade, o problema da desigualdade de género e da violência contra a mulher persistem a nível global. Portugal, está abaixo da média europeia nos índices sobre igualdade de género e lidera o *ranking* dos países europeus em violência doméstica. Vivemos em uma sociedade regulada por princípios misóginos, machistas e patriarcais, que invalidam e menosprezam a atuação das mulheres no meio social, tendo relação direta com o desequilíbrio nas relações de poder estabelecido entre homens e mulheres. Em algumas culturas a marca desses preceitos estão fortemente enraizadas na expressão das tradições, como é o caso da etnia cigana, na qual as suas leis constituem um código de conduta que estrutura as práticas sociais e regula as ações de crianças, jovens e adultos, sendo afirmado desde a infância os valores de submissão das mulheres a autoridade masculina. Com o objetivo de combater essas normas estigmatizantes, além de promover a autoperceção e o bem-estar das participantes, este projeto de intervenção se beneficiou da arte, em especial da fotografia híbrida, como vetor de construção de uma consciência crítica e libertadora ao apresentar as participantes a fotografia como instrumento de comunicação, reflexão e mudanças, através de uma abordagem artística-terapêutica. O projeto utilizou como metodologia de pesquisa a *a/r/tografia*, que explora a compreensão da experiência do investigador enquanto *artista/pesquisador/professor* e coloca a criatividade à frente do processo de pesquisa incentivando novas maneiras de interpretar questões teóricas e práticas. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir com algumas indicações sobre as especificidades da intervenção com mulheres de etnia cigana no contexto em questão, bem como possíveis sugestões para a sua replicabilidade em projetos futuros.

Palavras-chave

Intervenção artística-social; A/r/otografia; Fotografia Híbrida; Fotografia Terapêutica; Etnia Cigana; Desigualdade de Género; Feminismos.

ABSTRACT

Despite legal and political advances in the defense of the principles of equality, the problem of gender inequality and violence against women persists globally. Portugal is below the European average in the indexes on gender equality and leads the ranking of European countries in domestic violence. We live in a society regulated by misogynistic, sexist, and patriarchal principles, which invalidate and discourage women's actions in the social environment, this has a direct relationship with the imbalance in the power relations established between men and women. In some cultures, the mark of these presumptions is strongly rooted in the expression of traditions, as is the case of Roman ethnicity, in which their laws constitute a code of conduct that structures social practices and regulates the actions of children, young people and adults, being affirmed since childhood the values of submission of women to male authority. In order to combat these stigmatizing norms, in addition to promoting the self-perception and well-being of the participants, this intervention project benefited from art, especially hybrid photography, as a vector for the construction of a critical and liberating awareness by presenting the participants to photography as an instrument of communication, reflection and capable of promoting change, through an artistic-therapeutic approach. The project used as research methodology *a/r/tography*, which explores the understanding of the researcher's experience as an artist/researcher/teacher and puts creativity ahead of the research process encouraging new ways of interpreting theoretical and practical questions. It is expected that this research may contribute to some indications about the specificities of the intervention with Roman women in the context addressed, as well as possible suggestions for its replicability in future projects.

Keywords

Artistic-social intervention; A/r/tography; Hybrid Photography; Therapeutic Photography; Roma ethnicity; Gender Inequality; Feminisms.

ÍNDICE GERAL

O Olhar da Mulher Cigana: A Fotografia Híbrida como Instrumento de Comunicação, Reflexão e Mudanças.....	1
Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract.....	5
Índice Geral	6
Índice de Figuras	8
Índice de Tabelas	12
Introdução.....	14
Problema de investigação e pertinência do estudo	18
I Enquadramento teórico	23
1.1 A Mulher na Tradição Cigana e os Tabus no Feminino	23
1.2 O Empoderamento Feminino pela Arte	25
1.2.1 A Arte como Ferramenta de Promoção do Bem-estar.....	27
1.3 A Fotografia como Instrumento Terapêutico	28
1.4 A Fotografia Híbrida ou Expandida	33
1.5 A Utilização da Fotografia Lenta na Era Digital.....	36
II Desenho de Projeto	37
2.1. Questão de investigação e objetivos	39
2.2 Metodologia.....	39
2.2.1 Arts-based reserch (ABR) e Arts-based educational reserch (ABER).....	40
2.2.2. A/r/tografia	42
2.3 Questões Éticas.....	44
2.4 Orientações metodológicas.....	45

2.5 Contexto de Implementação e Participantes.....	48
2.5.1 InPulsar - Associação para o Desenvolvimento Comunitário/ Giro ó Bairro	48
III Implementação do Projeto	49
IV Apresentação e discussão de resultados	52
# Sessão 1 (20/04/2022)	53
# Sessão 2 (27/04/2022)	57
# Sessão 3 (04/05/2022)	72
# Sessão 4 (11/05/2022)	86
# Sessão 5 (25/05/2022)	93
# Sessão 6 (15/06/2022)	97
Reflexão Geral e Limitações do Projeto.....	102
V Considerações Finais	105
i. Lar não é um lugar, é um sentimento: os pés sabem o caminho.....	107
ii. Quando as raízes que me prendiam os pés encontraram um novo caminho	110
iii. Sigo o ritmo do coração que pulsa fora da caixa-torácica.....	113
iv. Permito-Me Dançar Com A Inevitabilidade Do Erro	115
v. Protesto contra tudo aquilo que é imposto e não me cabe	118
Anexos	120
Referências bibliográficas	176

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Colagem de notícias sobre a desigualdade de género na sociedade contemporânea.....	13
Figura 2 - Câmera estenopeica, primeiros testes	50
Figura 3 - Tempo de exposição	50
Figura 4 – Foto-elicitção #sessão 1	54
Figura 5 – Dinamica Post-its #sessão 1	55
Figura 6 – Foto-elicitção #sessão 2	58
Figura 7 – Fotografia de autoria de Farzana Wahidy	58
Figura 8 - Fotografia de autoria de Inge Morath	58
Figura 9 – Resultado desafio fotográfico 1	59
Figura 10 - Resultado desafio fotográfico 1	59
Figura 11 - Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico #sessão 2.....	60
Figura 12 - Fotografia híbrida Clarice #sessão 2.....	61
Figura 13 - Fotografia híbrida Anita #sessão 2	64
Figura 14 - Fotografia híbrida Frida #sessão 2.....	66
Figura 15 - Fotografia híbrida Berthe #sessão 2	67
Figura 16 - Fotografia híbrida Hilda #sessão 2	68
Figura 17 - Fotografia híbrida Mary #sessão 2	70
Figura 18 – Desafio Fotográfico.....	71
Figura 19 – Fotografia de autoria de Anna Volpi.....	73
Figura 20 - Fotografia de autoria de Eylül Aslan	73
Figura 21- Fotografia de autoria de Elena Anosova.....	73
Figura 22- Fotografia de autoria de Helen Levitt	74
Figura 23- Fotografia de autoria de Farzana Wahidy.....	74
Figura 24- Fotografia de autoria de Meridith Kohut	75
Figura 25- Resultado desafio fotográfico 2	74
Figura 26- Resultado desafio fotográfico 2	75
Figura 27 - Resultado desafio fotográfico 2	74
Figura 28 - Resultado desafio fotográfico 2	75
Figura 29 - Resultado desafio fotográfico 2	75
Figura 30 - Resultado desafio fotográfico 2	76

Figura 31 - Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico #sessão 3	76
Figura 32 - Fotografia Híbrida Anita #sessão 3	77
Figura 33 - Fotografia Híbrida Frida #sessão 3	78
Figura 34 - Fotografia Híbrida Berthe #sessão 3	80
Figura 35 - Fotografia Híbrida Hilda #sessão 3	81
Figura 36 - Fotografia Híbrida Mary #sessão 3	82
Figura 37 - Fotografia Híbrida Tamara #sessão 3	84
Figura 38- Desafio Fotográfico #sessão 3	85
Figura 39 - Foto-elicitção #sessão 4	87
Figura 40 - Foto-elicitção #sessão 4	86
Figura 41 - Foto-elicitção #sessão 4	87
Figura 42 - Resultado desafio fotográfico 3	87
Figura 43 - Resultado desafio fotográfico 3	88
Figura 44 - Resultado desafio fotográfico 3	87
Figura 45 - Resultado desafio fotográfico 3	89
Figura 46 - Resultado desafio fotográfico 3	87
Figura 47 - Resultado desafio fotográfico 3	89
Figura 48- Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico #sessão 4	89
Figura 49 - Fotografia híbrida Lygia #sessão 4	90
Figura 50 - Fotografia híbrida Tamara #sessão 4	91
Figura 51 - Elaboração do painel "A vida do cigano"	94
Figura 52 - Elaboração do painel "A vida do cigano"	94
Figura 53 - O casamento.....	95
Figura 54 - Respeito pelos "mais velhos"	95
Figura 55 - O luto	96
Figura 56 - Dança, música e festas	95
Figura 57 – Culinária tradicional.....	96
Figura 58 - Dificuldades enfrentadas	96
Figura 59 - Não ao preconceito	97
Figura 60 - Foto-elicitção #sessão 6	98
Figura 61 - Dinâmica concordo ou discordo das afirmações	99
Figura 62 - Colagem Berthe #sessão 6	101
Figura 63- Colagem Anita #sessão 6.....	101
Figura 64 - A(pro)funda-o	107

Figura 65 - Não-Lugares em Leiria	108
Figura 66 - Interstícios.....	109
Figura 67 - Entre-Mundos	109
Figura 68 - Que se faça luz.....	110
Figura 69 - A-terra-dor	111
Figura 70 – Costurando Asas.....	112
Figura 71 - Chá de Sumiço	113
Figura 72 - Quem és tu?	114
Figura 73 - Aquela que mora no espelho.....	115
Figura 74 - Um corpo que sofre.....	115
Figura 75 – Quando dancei a minha morte	116
Figura 76 - Onde estás?	117
Figura 77 - Olhar com olhos de ver.....	118
Figura 78 - Liberdade ou Libertação?	119
Figura 79 - Eve Arnold	171
Figura 80 - Annie Leibovitz	171
Figura 81 - Inge Morath	172
Figura 82 - Justyna Mielnikiewicz	171
Figura 83 - Carrie Mae Weems	171
Figura 84 - Justyna Mielnikiewicz	172
Figura 85 - Maureen Bisilliat	171
Figura 86 - Ruth Orkin	171
Figura 87 - Justyna Mielnikiewicz	172
Figura 88 - Farzana Wahidy	171
Figura 89 - Ruth Orkin	171
Figura 90 - Fabiana Figueiredo	172
Figura 91 – Clarice #sessão 2.....	173
Figura 92 – Berthe #sessão 2.....	172
Figura 93 – Berthe #sessão 2.....	173
Figura 94 - Hilda #sessão 2	172
Figura 95 - Hilda #sessão 2	173
Figura 96 - Carrie Mae Weems	173
Figura 97 - Dorothea Lange.....	173
Figura 98 - Eve Arnold.....	174

Figura 99 - Juliana Rocha	173
Figura 100 - Juliana Rocha.....	173
Figura 101 - Annie Leibovitz	174
Figura 102 - Farzana Wahidy	173
Figura 103 - Justyna Mielnikiewicz	173
Figura 104 - Nan Goldin.....	174
Figura 105 - Inge Morath	173
Figura 106 - Justyna Mielnikiewicz	174
Figura 107 - Berthe #sessão 4.....	174
Figura 108 - Hilda #sessão 4	175
Figura 109 – Desafio Fotográfico #sessão 4	174
Figura 110 - Desafio Fotográfico #sessão 4	175
Figura 111 - Justyna Mielnikiewicz	174
Figura 112 - Jo Spencer	174
Figura 113 - Justyna Mielnikiewicz	175
Figura 114 - Justyna Mielnikiewicz	174
Figura 115 - Farzana Wahidy	174
Figura 116 - Anna Volpi.....	175

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Planeamento das sessões	51
Tabela 2- Sugestão de significado para as cores	60
Tabela 3 – Análise da imagem:	62
Tabela 4– Análise da imagem:	64
Tabela 5– Análise da imagem:	66
Tabela 6– Análise da imagem:	67
Tabela 7– Análise da imagem:	69
Tabela 8– Análise da imagem:	70
Tabela 9 – Análise da imagem:	77
Tabela 10– Análise da imagem:	79
Tabela 11– Análise da imagem:	80
Tabela 12– Análise da imagem:	81
Tabela 13– Análise da imagem:	83
Tabela 14– Análise da imagem:	84
Tabela 15 – Análise da imagem:	90
Tabela 16 – Análise da imagem:	92
Tabela 17 - Concordo ou discordo das afirmações.....	99

Figura 1 – Colagem de notícias sobre a desigualdade de género na sociedade contemporânea

Home > Bússola

VOZES: Violência nos tempos de cóleras

Para 2022, houve o menor planeamento financeiro para políticas para as mulheres dos últimos quatro anos



Portugal abaixo da média europeia em igualdade de género

O novo Índice de Igualdade de Género da Europa mostra que o país tem ainda um longo caminho a percorrer mas está a esforçar-se e a galgar positivamente a tabela. A violência doméstica continua a ser a vergor nacional enquanto, pela positiva, as quotas são a estratégia a dar melhores resultados.

Exclusivo "Avançou-se muito nos direitos das mulheres, mas não se avançou em relação à violência doméstica"

Inicia-se amanhã, em França, o Fórum Igualdade, pela Igualdade de Género na Europa, assinalando as comemorações dos direitos das mulheres. Será homenageada uma das "Três Marias" das "Novas Cartas Portuguesas", nos 50 anos da publicação.



A Educação é a melhor arma para empoderar as mulheres e reduzir a desigualdade

Igualdade foi uma das palavras que marcou a tertúlia do DN no Dia Internac Garantir a independência financeira às mulheres é, consideram as oradoras entre géneros. Mas para isso é preciso conseguir uma mudança cultural e c liderança e, sobretudo, voz ativa na sociedade.

"Não vou mais ceder", o grito das mulheres numa canção

Matriz é o tema hoje lançado, nos dias da Mãe e do Trabalhador, para lutar contra violência e pelo empoderamento do sexo feminino

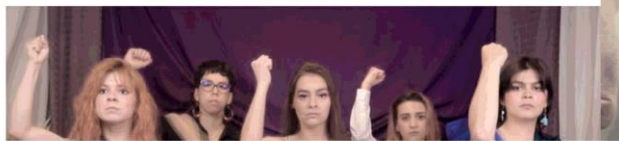
Cáu Neves
01 Maio 2022 — 00:29



TÓPICOS

Violência de género não é entretenimento

A violência contra as mulheres é, ainda, o por Porque ela existe sob muitas formas e porqu Para aqueles que dizem que o feminismo já r



Mulheres ganham menos 17% que os homens

Agência Lusa, PP

Faltam 30 anos para as mulheres terem o mesmo salário para as mesmas funções que os homens



Violência contra a mulher no trabalho exige coalizão urgente

Para as 76% das mulheres foram vítimas de violência no trabalho no país, revela pesquisa do Instituto Patrícia Galvão. Entre as modalidades, 'um ou péssima em MG, conforme estudo inédito do Movimento Minas 2032 – Pela Transformação Global, cr Comércio

PSP sinalizou 2880 vítimas de violência doméstica para teleassistência no 1.º semestre

neiros seis meses do ano, a PSP fez 32 425 contactos periódicos com vítimas de violência doméstica e opostas de medidas de coação ao agressor.

322 — 68:48



Doméstica
ica de Segurança



GNR apreende diversas armas na posse de um homem acusado de violência doméstica

Violência doméstica: Detidas 177 pessoas desde janeiro na Grande Lisboa

A PSP deteve 177 pessoas desde o início do ano por suspeita do crime de violência doméstica na região da Grande Lisboa, mais 14% do que em igual período de 2021, destacou a notícia

Agente da PSP condenado a três anos de prisão por violência doméstica, mas com pena suspensa

Na sentença são dados como provados vários episódios de violência, os mais antigos em 2003 e 2008. Para o Tribunal, o agente da PSP causou à mulher "sofrimento psíquico e físico", tendo agido "com o propósito

41 crimes por dia de violência doméstica entre janeiro e maio

s este ano são superiores aos de 2020 e 2021, marcados por d-19, mas "ainda assim, em média, inferiores aos de 2019".



Mulheres brasileiras são as maiores vítimas de crimes de ódio em Portugal

Estudo confirma o que as imigrantes suspeitavam: 58,2% das vítimas de discursos de ódio no país europeu são mulheres do Brasil. Estigma denota racismo, colonialismo, xenofobia e machismo

INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é um problema recorrente na sociedade, sua origem aponta para os primórdios da humanidade e está fortemente ligada a cultura patriarcal, cultura essa que invalida e menospreza a atuação das mulheres no meio social, tendo relação direta com o desequilíbrio nas relações de poder estabelecido entre homens e mulheres (Scheffler, 2018). Esse lugar de dor e opressão, ocupado pelas mulheres durante anos, vem sendo amplamente combatido por movimentos feministas e emancipatórios, fomentando uma reação em potencial que possibilita o enfrentamento dessa situação de assimetrias hierárquicas e estruturais, buscando a afirmação e legitimação dos direitos das mulheres (Scheffler, 2018).

Apesar dos avanços políticos na sociedade contemporânea no sentido de validação do papel social da mulher, isto é, com pleno direito de agir e intervir na sociedade, exercendo sua cidadania, no cotidiano sofrem constantemente com micro e macro violências que não se limitam apenas a violência física, englobam também violência emocional e psicológica, intimidação, coação, ameaça, assédio moral, isolamento social, abuso econômico/financeiro, violência sexual, entre outros. Como agravante a esse cenário, nos últimos anos, durante a pandemia de covid-19, foi constatado o aumento dos casos de violência contra a mulher a nível global.

E quando a desigualdade e a violência vivenciada pela mulher é transpassada por questões étnico-culturais? Cada cultura possui uma forma particular de construção da vida em sociedade, contudo, é fundamental diferir as práticas culturais que contribuem para a formação da identidade e do sentido de comunidade, pertencimento e territorialidade de um povo (Scheffler, 2018), das justificativas que utilizam a cultura como base para infringir os direitos humanos e o direito das mulheres, devendo neste caso, serem questionadas e combatidas (Scheffler, 2018).

No caso da comunidade cigana, a presença da desigualdade de gênero é culturalmente tolerada e faz parte do cotidiano das mulheres dessa etnia, que são privadas da sua liberdade de escolha em diversas áreas da vida, envolvendo questões como permanência na escola, vestuário, trabalho, relações sociais e o casamento (Magano & Mendes, 2014), essas imposições variam em número e grau de tolerância entre as diferentes comunidades.

Nesse sentido, o desenvolvimento deste projeto de pesquisa perpassa por investigar as vivências e percepções relacionadas a influência étnico-cultural do que representa ser mulher na comunidade cigana – na sua dimensão individual, na dimensão

de atuação familiar e na sociedade – realizando atividades que promovam o autoconhecimento e o empoderamento feminino, levando à reflexão sobre aspectos que sejam vistos por elas como negativos em suas vivências pessoais, transformando-os em potência criativa e incentivando uma criação artística-terapêutica entorno dessas adversidades.

As linguagens artísticas vêm ganhando espaço nos últimos anos como recurso terapêutico, principalmente pela possibilidade de comunicar questões que muitas vezes não são alcançadas por meio das palavras, beneficiando processos emocionais e ajudando a lidar com situações que nos afetam negativamente, nessa perspectiva, podem atuar como instrumento facilitador de comunicação, reflexão e mudanças.

A arte dispensa palavras, nos permite a interpretação a partir de uma gama de significados e símbolos que se relacionam com a cultura, com o conhecimento e com as vivências pessoais, desse modo, pode ser utilizada com o objetivo de auxiliar mulheres que sofrem desigualdades de gênero a criarem uma consciência libertadora (Rechena & Furtado, 2020), promovendo a reflexão sobre características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade (Berth, 2019), trazendo visibilidade aos problemas por elas vivenciados e gerando novas percepções críticas sobre si e sobre sua relação com o outro, o que contribui para a sua autonomia, autoconhecimento e bem-estar, além de promover a inclusão social (Rechena & Furtado, 2020).

Projetos de intervenção artística-social nos proporcionam diversas abordagens com os diferentes públicos, independente de idade ou limitações, nos possibilita explorar criativamente conceitos que se relacionam com experiências de vida ou vindos da própria imaginação, o que nos leva a trabalhar potencialidades físicas, mentais e emocionais.

A fotografia ultrapassou a barreira do caráter formal, deixou de ser apenas um recorte temporal, e passou a ser suporte para intervenções diversas, capaz de abranger a subjetividade e pluralidade de seus autores e as demandas da contemporaneidade. Narra uma multiplicidade de valores simbólicos e de temporalidades que provoca uma relação íntima de pertencimento, identidade e sentidos, estabelecendo uma conexão entre a imagem e quem a observa e que contempla a complexidade simbólica que envolve cada olhar (Quintas, 2015). As imagens comunicam com quem as observa de maneira rápida e sensível, favorecendo a expressão emocional baseada em experiências pessoais e promovendo a expressão não verbal.

Pensamos através de imagens, ver é interpretar, estando esta interpretação condicionada por valores socioculturais. As dinâmicas foto interativas dentro de um

projeto de intervenção em grupo permitem buscar aspectos que nos unem em torno da imagem, tecer reflexões, relatar experiências, despertando os envolvidos nesse diálogo fotográfico para novas possibilidades de ser, viver e compreender. Esse espaço de partilha e expressão do potencial criativo, promove a autonomia e confiança dos participantes, o que pode contribuir para a superação de crenças limitantes.

O poder que a fotografia tem de conectar um indivíduo com o seu mundo interior e com os outros, evocando uma resposta emocional, é experienciado em dinâmicas que utilizam a fotografia como ferramenta terapêutica, nas quais os participantes compartilham a sua visão pessoal e subjetiva da realidade através de práticas fotográficas que visam promover o bem-estar do indivíduo ou de um grupo (Gibson, 2018).

Aliado a abordagem terapêutica a fotografia, o projeto apresentado neste relatório de pesquisa – “O Olhar da Mulher Cigana: A Fotografia Híbrida como Instrumento de Comunicação, Reflexão e Mudanças” – procurou desenvolver atividades foto interativas que envolveram processos híbridos de intervenção plástica sobre o suporte fotográfico. Os processos híbridos surgiram na fotografia com o objetivo de superar o “esgotamento imagético” vivenciado pela sociedade contemporânea devido a superexposição de imagens provocada pela expansão ao universo digital e as novas medias, neste sentido, buscaram-se novas formas de criar, fugir do tradicional e superar paradigmas, incorporando na imagem fotográfica dimensões subjetivas relacionadas aos sentimentos e emoções de quem a produz.

Através da experimentação artística-terapêutica, buscou-se gerar vetores críticos e criativos para repensar os essencialismos e padrões impostos pelas hierarquias de poder, utilizando-se da fotografia híbrida como ferramenta para produzir modos de subjetivação e criação de outras possibilidades de existências. Procurou-se construir um espaço que possibilitasse a livre expressão, centrado no respeito as diferenças em sua pluralidade, apropriando-se dessa diversidade enquanto potencia criadora e transformadora.

Com o intuito de fortalecer o debate entorno do empoderamento feminino durante as sessões deste projeto e buscando contrariar o contexto histórico no qual durante séculos as mulheres foram retratadas nas artes segundo a visão do homem - em um panorama no qual as mulheres para terem seus trabalhos artísticos apreciados adotavam um pseudônimo masculino - optou-se como estratégia utilizar durante as práticas de “diálogo fotográfico” somente imagens produzidas por mulheres, dentre elas: *Amy Friend*, *Barbara kruger*, *Danny Bittencourt*, *Dorothea Lange*, *Francesca Woodman*, *Helena Almeida*, entre tantas outras artistas notáveis, de forma a servirem como exemplo e

inspiração, além de contribuir com a educação da cultura visual, sendo este um elemento central para o desenvolvimento de uma consciência social e sentimento de justiça (Dias & Irwin, 2013).

O percurso do projeto foi direcionado por um paradigma de pesquisa que visa produzir conhecimento por meio de práticas artísticas (Dias & Irwin, 2013), encontrando na *a/r/tografia*, enquanto metodologia de investigação, espaço para problematizar os dispositivos socioculturais de controle do feminino através de uma prática artística educacional, promovendo o diálogo e o pensamento crítico. A *a/r/tografia* está mais preocupada em fomentar dúvidas do que conceber respostas, é somente por meio dos questionamentos e incertezas que somos capazes de encontrar outras possibilidades para o “agora”, gerar reflexões e promover mudanças.

É uma metodologia que enfatiza a produção da cultura visual e problematiza as metodologias hegemônicas que formatam e conduzem a pesquisa científica acadêmica (Dias & Irwin, 2013). Enquanto as pesquisas normatizadas costumam omitir ou negar a posição do sujeito, a *a/r/tografia* desafia as convenções de representação e envolvimento com o texto, explorando a compreensão da experiência do artista/pesquisador/professor (Dias & Irwin, 2013). Coloca a criatividade à frente do processo de pesquisa incentivando novas maneiras de interpretar questões teóricas e práticas, desafiando noções conservadoras da academia (Dias & Irwin, 2013).

A *a/r/tografia* privilegia tanto o texto quanto a imagem, ambos se referem ao problema de investigação, de forma a se complementarem e criarem significados, as imagens não são vistas como meramente ilustrativas, mas como produtoras de conhecimento. Não existe um modelo para a apresentação de resultados de uma pesquisa *a/r/tográfica*, mas estas buscam produzir novos modelos de compreensão, conectar-se com o leitor e fazer reverberar as relações entre sujeito, experiência e contexto (Dias & Irwin, 2013). Portanto o volume de páginas contidas nesse relatório de pesquisa se deve a importância inquestionável da presença da imagem. Além disto, esta pesquisa abraçou a possibilidade de subjetivação encontrada na *a/r/tografia*, fazendo-se repensar as barreiras onde arte, educação e pesquisa se constroem.

Segue-se uma introdução teórica que procura explicar a problemática que impulsionou a elaboração deste projeto de pesquisa com a finalidade de expor a necessidade urgente de propostas de intervenção social que visem o enfrentamento a desigualdade de gênero a nível social, mas com enfoque na comunidade cigana,

caracterizando este grupo tendo em conta as particularidades que os diferenciam em Portugal.

Posteriormente, a estrutura do trabalho é dividida em cinco capítulos, no primeiro capítulo é apresentado o “enquadramento teórico” iniciando-se com a reflexão sobre os *tabus* do feminino enfrentados pelas mulheres de etnia cigana, seguindo para uma proposição da arte como ferramenta de empoderamento e promoção do bem-estar e por último apresenta-se a fotografia como instrumento de intervenção e ferramenta terapêutica com a clarificação de conceitos como foto-elicitación, fotografia híbrida e câmara estenopeica.

Nos capítulos II, III e IV são apresentadas as questões referentes ao desenvolvimento deste projeto, desde a sua concessão/desenho, seguindo por sua implementação e por fim a discussão dos resultados. O quinto e último capítulo envolve os meus próprios questionamentos enquanto artista/pesquisadora/professora, apresento como ao decorrer da pesquisa fui sendo afetada por todo o processo e questionamentos que insurgiram do estudo e partilha do conteúdo em evidencia, expressando o desejo de criar saídas às forças que segregam a vida (Stubs, 2015) através de reflexões textuais e visuais.

Proferindo algumas considerações finais, este trabalho espera possibilitar aos leitores uma aproximação a cultura cigana, fornecer algumas indicações sobre as especificidades da intervenção com mulheres de etnia cigana no contexto em questão, bem como possíveis sugestões para a sua replicabilidade em edições futuras. Proponho também, a possibilidade de olhar para a intervenção participativa baseada nas artes como uma forma de partilha constante, na qual não só os participantes aprendem algo novo, mas nós enquanto pesquisadores, além de aprendermos sobre o outro, aprendermos sobre nós mesmos, como meio para repensar e viver as nossas práticas.

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

Durante os processos de recolha de informação optei por basear-me nas informações disponibilizadas pelo *Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas*, que foi coordenado pelo CEMRI-Uab (Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, da Universidade Aberta) e pelo CIES-IUL (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Instituto Universitário de Lisboa). Trata-se de uma investigação realizada entre janeiro e agosto de 2014, contendo informações que permitem “esboçar uma primeira aproximação aos perfis sociais e quadros de vida em

que se movem as pessoas ciganas residentes em Portugal”, bem como uma “estimativa de pessoas ciganas residentes em Portugal” (Mendes, Magano & Candeias, 2014, p.11).

Este relatório permitiu quantificar e caracterizar a população cigana em algum nível, tendo em vista que apenas 54% dos municípios portugueses responderam ao inquérito de pesquisa, ou seja, “em cerca de metade dos municípios continentais, foi declarado o conhecimento da existência de 24.210 ciganos” (Mendes, Magano & Candeias, 2014, p.144). Na distribuição por grandes regiões (NUTS II), a região Centro apresenta 23,2% do total de indivíduos de origem cigana distribuídos em território nacional, ficando atrás apenas da região Norte, com 24,8% (Mendes, Magano & Candeias, 2014).

Com base nesse estudo, que se utilizou de inquéritos às autarquias como ferramenta de recolha de dados. “As autarquias respondentes identificaram em território nacional 822 “comunidades” e/ou núcleos residenciais de pessoas e famílias ciganas” (Mendes, Magano & Candeias, 2014, p.143), Leiria apresentou, de acordo com os resultados da pesquisa, 47 comunidades/núcleos residenciais que correspondem a 5,7% do total registado, foi apresentado também, o número de 1109 indivíduos de origem cigana residentes no distrito Leiria.

No que concerne a caracterização dos agregados familiares, o inquérito aplicado reuniu informações a respeito de 6809 indivíduos de origem cigana, e verificou-se que 48,7% eram mulheres, além de que apenas 25% dos respondentes tinham mais de 35 anos, o que evidencia uma população maioritariamente jovem. Destaca-se ainda, a “elevada proporção de filhos(as) nos agregados (recorde-se, 43,0%)” e “um elevado número de pessoas casadas e em união de facto, representando 13,8% e 31,5%, respetivamente” (Mendes, Magano & Candeias, 2014, p.170).

No que diz respeito ao nível de ensino dos elementos do agregado familiar, “existem mais mulheres sem saber ler e escrever do que homens; há mais mulheres com o 1º ciclo e a presença das mulheres tende a diminuir à medida que subimos no patamar dos níveis de ensino” (Mendes, Magano & Candeias, 2014, p.172). Quando é analisado o exercício das atividades económicas, “verifica-se que há uma percentagem maior de mulheres domésticas, reformadas e que nunca trabalharam do que homens. Em contrapartida, existem mais homens ativos com profissão, desempregados, inválidos/reformados e estudantes do que mulheres” (Mendes, Magano & Candeias, 2014, p.176).

Contudo, em matéria divulgada no Diário de Notícias em maio de 2017, o Alto-Comissário para as Migrações, Pedro Calado, apresentou novos dados no painel "Crianças imigrantes, refugiadas e das comunidades ciganas: promoção e proteção, numa visão de Governação Integrada", do Encontro Nacional de Avaliação da Atividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), que demonstram que a população de etnia cigana residente em Portugal é de 33 mil indivíduos, dos quais 91,3% não têm o 3.º ciclo, dois terços dos ciganos casaram antes dos 19 anos e 16%, fizeram-no entre os 12 e os 14 anos.

Historicamente, em Portugal e em grande parte da Europa, os ciganos foram sujeitos a segregação social, com perseguições, tentativas de expulsão e o desejo de extermínio, provocando a consequente marginalização e estigmatização desses indivíduos (Magano, 2011). Observando as dinâmicas do espaço urbano e a relação das pessoas não-ciganas com as de origem cigana, é perceptível a influência dos discursos de intolerância disseminados na sociedade, deixando a população temerosa e rejeitando qualquer contato com a cultura cigana, o que acaba por afastar a comunidade cigana do convívio social.

Para discutir as relações sociais entre o povo português e a etnia cigana, é importante falar sobre o conceito de territorialidade. Segundo Schefler (2018), “o território resulta da interação diferenciada entre as múltiplas dimensões do poder” (p.32), podendo adotar diferentes conotações, seja de dominação e controle político, militar, de um espaço delimitado, ou, mais subjetivamente, de apropriação cultural, ideológica (Schefler, 2018). Segundo a mesma autora, o poder de apropriação deveria se sobrepor ao de dominação, “de forma que os territórios pudessem se constituir em espaços de alteridade e expressões dos grupos sociais, ocorre ao contrário, prevalecendo a dominação, que, sob a lógica da acumulação capitalista, confere aos territórios um sentido meramente mercantil.” (Schefler, 2018, p.33)

Magano (2011) acrescenta que tal modelo capitalista fomenta “a alteração das categorizações dos grupos e dos estatutos sociais devido à mobilidade simultaneamente espacial e social” (p.23). Essa mobilidade social e a disputa de poder inerente ao sistema capitalista, exige das pessoas um alto nível de qualificação profissional, de forma a serem capazes de mudar a sua posição na “pirâmide social”. Deste modo, esse poder de dominação por parte de um estado/país pode ser visto como um dos fatores responsáveis pela desigualdade e pela segregação social.

A questão da pluralidade cultural relaciona-se directamente com o poder (económico, social ou simbólico) que não está equitativamente distribuído e, por isso, contribui para a formação de novas formas de diferenciação social onde cada grupo social desenvolve estratégias de defesa e tenta auto-preservar-se impedindo a entrada de elementos exteriores. (Magano, 2011, p.25)

Utilizar-se das diferenças culturais e étnicas como justificativa para a exclusão de um grupo na sociedade recetora, é, de acordo com Magano (2011), “muitas vezes, uma avaliação negativa e hierarquizante, associada a uma orientação para a discriminação do outro, que é sentida como estigma por aqueles a quem a diferença é atribuída” (p.35). É imperativo a qualquer sociedade o respeito as diferenças culturais, sendo a igualdade do direito a cidadania o principal indicador de uma sociedade democrática.

Esses valores de igualdade e respeito não se refletem na realidade da sociedade moderna, o que é percebido, é uma sociedade individualista, marcada pela estratificação social, onde grande parte da população sobrevive a margem de qualquer direito usufruído por um cidadão “comum”. Magano (2011) explica que, “os indivíduos circulam em universos e espaços sociais diversos e interagem com eles, construindo uma multiplicidade de modos de se autodefinir ao mesmo tempo que articulam os seus traços de identidade(s)” (p.5). Contudo, para que essa interação e articulação de traços identitários ocorra, se faz necessária uma abertura, e disponibilidade, da sociedade recetora para acolher a cultura de fora, ou seja, “a possibilidade de integrar-se na sociedade dominante sem diluição da identificação cigana” (Magano, 2011, p.6).

Voltando-se ao conceito de territorialidade, este pode ser explorado ainda dentro da própria comunidade cigana, a partir de uma ótica direcionada a desigualdade de género. Sob este enfoque, “admite-se a existência de experiências histórico-sociais pautadas nas diferenças sexuais que se sobrepõem ao determinismo econômico” (Scheffler, 2018, p.33), essa divisão de papéis sociais entre homens e mulheres, baseado em valores histórico-culturais, é passível de ser observada nas relações interpessoais dentro da comunidade cigana e são expressas “através de normas, valores, costumes, práticas, nos quais tais diferenças são culturalmente significadas e socialmente incorporadas de modo diferente.” (Scheffler, 2018, p.34).

O papel da mulher na comunidade cigana incorpora os mesmos dilemas das relações de disputa de poder de uma cultura patriarcal e machista, “a educação da rapariga é feita em subordinação ao homem. Em menina obedecem ao pai, depois também aos irmãos e, com o casamento, a submissão da mulher cigana ao homem continua com a

deslocação da mulher para a família do marido” (Barroso, 2015, p.42). Essa subordinação impositiva da mulher na cultura cigana entra em confronto com o exercício da cidadania em termos de igualdade de género.

Na percepção de Schefler (2018), os espaços ocupados pela mulher na sociedade estão em permanente transformação e se consolidam nas ações humanas nas diversas esferas relacionais. Para ela, a reivindicação desses espaços de direito, implica na reconstrução das relações sociais em dimensões mais equitativas, “envolvendo as dimensões social, cultural (simbólica, de pertencimento), política, econômica e a natural” (Schefler, 2018, p.39 e 40).

Quando analisamos o caminho percorrido pelas mulheres de etnia cigana ao longo dos anos, é possível perceber uma “evolução” do seu papel social dentro da comunidade (com maior liberdade de escolha em determinados aspetos), essas mudanças variam entre as comunidades, refletindo-se em grupos mais, ou menos ligados as tradições. Contudo, essa “evolução” ainda está aquém do esperado em relação ao cumprimento dos direitos da mulher. Na conceção Magano & Mendes (2014), essas mudanças refletem experiências de aproximação e distanciamento na tentativa de integrar-se socialmente, mas sem perder a identidade cigana.

Ainda que tenha havido mudanças adaptativas nas relações culturais ciganas em aproximação a cultura ocidental, as desigualdades de género persistem, de forma que as mulheres ciganas se veem obrigadas a cumprir um papel social no qual são muitas vezes privadas de liberdade de escolha, seja na duração de seus estudos, no modo de vestir-se ou nos rituais de matrimónio, sendo constantemente observadas pela comunidade e temendo a punição em seu meio social.

De acordo com Paiva (2013), a comunidade cigana é múltipla, composta de diferentes facetas, de forma que cada indivíduo tem consciência do seu papel social dentro da comunidade. A mesma autora apresenta o conceito de *paítos* ao referir-se aos não ciganos, estendendo este conceito para definir as relações e fronteiras culturais à medida que há um distanciamento ou proximidade com a sociedade maioritária, respetivamente, “aumentando o lado cigano e aciganando os elementos culturais *paítos*” ou “aumentando o lado não cigano, *apayonando-se*” (p.219). Tudo isso reflete a identidade complexa das pessoas ciganas, que vivem a tensão entre o desejo individual e o coletivo. Acrescenta ainda que:

Estas mudanças podem ainda revelar-se através de várias e diversas manifestações do modo de ser cigano, cuja heterogeneidade e variabilidade deve ter em consideração a idade, o género, o estatuto, o nível de integração, a religião, a origem territorial, as trajectórias adaptativas, cujas adaptações, pelo caminho, com frequência, seleccionam umas características e sepultam outras. (Paiva, 2013, p.123)

Nos últimos anos em Portugal tem havido propostas e projetos de intervenção social que apostam em estratégias para o empoderamento das mulheres ciganas, visando a promoção da igualdade de género e a possibilidade de conciliação das diversas esferas da vida (profissional, pessoal e familiar). Dentro dessa proposta destaca-se o Programa de Apoio ao Associativismo Cigano (PAAC) que em janeiro de 2022 chegou a sua 5ª edição e prevê o apoio a projetos com a duração de até doze meses, estes deveriam ter como objetivo a promoção do combate à discriminação, a sensibilização da opinião pública, a promoção de formação sobre cidadania, além da promoção do conhecimento da história, língua e cultura ciganas. Programas como estes são fundamentais para que se haja uma maior conscientização e reais avanços no enfrentamento a desigualdade de género dentro da comunidade cigana.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 A MULHER NA TRADIÇÃO CIGANA E OS TABUS NO FEMININO

A desigualdade de género é vivenciada desde muito cedo pelas mulheres de etnia cigana, “as raparigas, são educadas desde pequenas no sentido de cumprir um dever permanente para com a família e os seus, devendo esquecer-se de si próprias” (Barroso, 2015, p.42), baseando as suas prospeções de futuro nos papéis exercidos pela mulher cigana dentro da sua comunidade. Segundo Caré (2010), essa hierarquia social conservadora, na qual se valoriza a figura de poder do masculino em contraposição a subordinação do feminino, contrastam com uma construção social dita democrática.

Nas comunidades em que a lei cigana é seguida mais estritamente, as mulheres são afastadas do convívio com os não-ciganos ainda na infância. Durante o seu crescimento o processo educativo e de socialização, fica a cargo da mãe e da comunidade cigana, que exige que “permaneça junto da mãe, numa espécie de gineceu étnico, protegido de eventuais influências externas, de modo a adquirir todos os preceitos e

valores culturais, os saberes ancestrais transmitidos inter-geracionalmente, assumindo como todas as mulheres ciganas o papel de guardiã das tradições” (Caré, 2010, p.52).

De acordo com Magano & Mendes (2014), devido a esse anseio em preservar os preceitos e valores da cultura cigana, as mulheres desta etnia são postas em uma situação de subordinação e subjugação, de forma a ficarem temerosas em transgredir as “leis ciganas” por receio de ficarem mal vistas na comunidade, “existe um sistema diferenciado de papéis masculinos e femininos que legitima a dominação masculina” (Magano & Mendes, 2014, p.4). Magano & Mendes (2014) acrescentam que, por se tratar de valores interiorizados desde a infância, raramente as mulheres ciganas contestam a posição de desigualdade, porque são fatores de coesão e de harmonia da comunidade cigana e acabam por cumprir a atribuição que lhes é prescrita.

Conforme Caré (2010), Magano & Mendes (2014) e Barroso (2015), uma parte considerável dos indivíduos de etnia cigana julgam que o sistema escolar representa uma ameaça a perpetuação da cultura cigana, por se tratar de um ambiente “desenhado à imagem da sociedade majoritária” (Barroso, 2015, p.40), receiam que as crianças absorvam a cultura dominante.

Magano & Mendes (2014) complementa que a pressão exercida pela comunidade cigana é inibidora, “os pais não querem por um lado que a filha seja difamada por permanecer na escola para além da idade socialmente aceitável, e por outro, que o grupo familiar seja alvo de processos de exclusão e de marginalização interna” (p.6 e 7). Outra questão que corrobora com o abandono escolar, segundo Caré (2010) e Barroso (2015), é o facto de que muitas meninas assumem a responsabilidade de cuidar da família, corriqueiramente dos irmãos mais novos, enquanto os pais trabalham, “o que naturalmente se vai reflectir nos seus percursos escolares, pautados por historais de retenções repetidas, mesmo nos níveis mais baixos de escolaridade” (Caré, 2010, p.53).

Para além das questões referentes ao abandono escolar, existem normas nas “leis ciganas” no que concerne ao matrimónio. É exigido das mulheres ciganas que mantenham a virgindade até a realização do casamento, a partir do qual, segundo Barroso (2015), passa a viver com a família do marido até o nascimento do primeiro filho. Essa imposição acaba por restringir o seu convívio social, que é controlado pela comunidade cigana com o objetivo de preservar a virgindade da mulher (Magano & Mendes, 2014). Desta forma, a castidade é percebida como uma questão de honra para a família, e a mulher torna-se refém da sua própria cultura, “funcionando como sustentáculo da identidade étnica, na

sua condição de procriadora, continuadora da etnia e das suas tradições” (Barroso, 2015, p.45 e 46).

Em consonância, Caré (2010), Magano & Mendes (2014) e Barroso (2015) acrescentam que é incentivado o casamento dentro do grupo de pertença, como forma de controle, pois “com os casamentos exogâmicos a família passa a “valer menos” perante os outros ciganos” (Magano, 2013, p.8). Esse incentivo “pode ser interpretado como estratégia de sobrevivência e preservação da identidade e da tradição” (Caré, 2010, p.53), face a possibilidade de aculturação. Apesar das restrições, segundo Magano & Mendes (2014), as mulheres ciganas encontram maneiras de “burlar” as leis ciganas, através de “táticas de ocultação e encobrimento” que são facilitadas “pelas características das sociedades modernas mais abertas em termos de interação social e pelo uso de Tecnologias da Informação e Comunicação” (p.8 e 9).

Com o passar dos anos, as mulheres de etnia cigana, encontraram estratégias para contornar as práticas impostas por sua cultura, essas estratégias podem ser percebidas como “um caminho incontornável de emancipação, autonomia e liberdade individual, afirmação de poder no feminino, na consagração do direito de decidir sobre o seu corpo, o seu destino, a sua vontade” (Caré, 2010, p.54 e 55). Para contribuir com o processo de enfrentamento á desigualdade de género, é importante o reconhecimento “dos mecanismos simbólicos e discursivos, produtores e reprodutores das desigualdades” (Scheffler, 2018, p.40), a partir dessa compreensão, será possível vencer barreiras culturais, no sentido de encontrar novas formas de integração social em que haja o respeito a diversidade, porém fundamentada no cumprimento dos direitos da mulher.

1.2 O EMPODERAMENTO FEMININO PELA ARTE

Durante muitos anos a mulher não teve liberdade de expressão, o seu corpo e a sua sexualidade foram censurados e “objetificados”, sendo a figura feminina idealizada segundo paradigmas de uma sociedade essencialmente patriarcal e machista. Na história da arte, muito frequentemente foram retratadas segundo a visão masculina, não tendo espaço para a manifestação artística da sua percepção de mundo acabavam por adotar pseudónimos masculinos na esperança de conseguirem lugar no mercado da arte (Ciornai, 2004).

Foi somente na década de 1970 que a arte feminista ganhou espaço na cultura contemporânea, onde a exaltação da beleza do corpo feminino e a estética perdem força para questões que destacam a função social da mulher, criando espaço para o papel de

mulher transgressora e agente de mudanças (Ciornai, 2004). De acordo com Macêdo (2017), os movimentos feministas da década de 70 tiveram um papel importante na proliferação de manifestações artísticas de caráter político-social, que lutavam pela igualdade de gênero. Em Rechená & Furtado (2020), afirma-se que esse movimento estabeleceu um conjunto de estratégias ativista e critérios estéticos, utilizando a arte para expressar “questões identitárias do foro do pessoal e íntimo das mulheres, constituía uma estratégia política para combater a desigualdade de gênero complementam” (Lacy como citado em Rechená & Furtado, 2020, p.117).

A partir desse ponto de vista, não é possível dissociar a arte da política quando se aborda o enfrentamento à desigualdade de gênero. Casoli (2019) considera que a arte tem uma relevância significativa no processo de libertação interna da mulher vítima de violência, e que a voz encontrada pelas mulheres na criação artística contribui para o processo de empoderamento das mulheres. Rechená & Furtado (2020) acrescentam que a arte sendo patrimônio coletivo e individual pode ser utilizada para despertar a consciência acerca da desigualdade de gênero, bem como fomentar capacidades e dar visibilidade aos problemas enfrentados pelas mulheres, contribuindo para inclusão e uma participação efetiva na sociedade.

Deste modo, o empoderamento feminino pela arte, para além de contribuir com a consciência político-social sobre as adversidades que enfrentam, promove a autoestima, o autoconhecimento, a solidariedade e a empatia. Fomentando o fortalecimento das bases para o enfrentamento das situações de desigualdade e violência vivenciadas. Berth (2019) afirma que, a partir das novas reflexões e percepções críticas adquiridas somos capazes de elaborar ferramentas próprias para atuar no meio em que vivemos em benefício da sociedade.

As artes associadas às questões de gênero podem, e devem, ultrapassar o individual para alcançar o social, pois essa luta pertence e ganha força na coletividade. Berth (2019) complementa que, os empoderamentos individuais e coletivos são indissociáveis, pois a coletividade é resultado de um conjunto de indivíduos que partilham do mesmo objetivo e que se mobilizam para promover transformações como resposta a uma problemática social: “É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas” (Berth, 2019, p. 35).

Segundo Casoli (2019), “a arte pode tornar-se um meio de sensibilização das diferenças, criando-se assim, uma possibilidade para o fim das discriminações étnicas e culturais” (p.258). Por ser uma ferramenta multifacetada, a arte nos permite intervir em diferentes contextos e públicos, possibilitando um diálogo criativo e lúdico frente a diferentes problemáticas. De acordo com Rechená & Furtado (2020), a arte aliada a discussão em torno das questões de gênero contribui para “o incremento da análise crítica, da tolerância e solidariedade face à diferença, para superar preconceitos e estereótipos tradicionais associados ao gênero e mudar comportamentos e atitudes” (p.118).

Deste modo, o empoderamento feminino pela arte, contribui para que mulheres encontrem a sua voz, e reconheçam que podem viver e falar por si, fomentando e fortalecendo a luta pela igualdade de gênero e pelo fim da violência contra a mulher, ocupando e resistindo para demarcar seus espaços de direito na sociedade. Sendo primordial, segundo Caré (2019), reconhecer e “dar visibilidade aos mecanismos produtores de desigualdades e de opressão contra as mulheres” (p.48), impulsionando a criação e proposição de estratégias de enfrentamento a essas situações.

1.2.1 A ARTE COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR

De acordo com Oliveira & Jardim (2008) A arte é "simultaneamente um instrumento libertador de emoções e um canalizador de vivências. É um objeto potencial de relação com múltiplas dimensões" (p.263). Ciornai (2004) afirma que o ato de criar nos coloca em contato com o nosso mundo interior, podendo se tornar um instrumento de cura e processamento de emoções, possibilitando “a recriação, ressignificação e amadurecimento em um plano interno, com maior contato, consciência e criatividade” (p.173).

A arte desperta o potencial criativo do ser-humano, segundo Teixeira (2010) a arte e a criatividade são ferramentas terapêuticas dotadas de um poder de transformação e promoção do autoconhecimento, salienta que a produção artística carrega um valor simbólico que expressa a individualidade do seu autor. Enfatiza-se que o ato criador não deve ser pensado como um momento de inspiração ou atribuído a genialidade, mas sim como algo que exige dedicação e comprometimento.

As artes contribuem para a promoção das dimensões emocional, ética e moral do ser humano, Pereira (2010) destaca que, do ponto de vista moral, é importante estabelecer “uma boa integração entre razão e emoção” (p.23), e que no setor das emoções “as artes e humanidades apresentam vantagens únicas no nutrir de uma sensibilidade estética e

ética” (p.23), ressalta ainda a importância do equilíbrio emocional para um bom funcionamento da razão.

A partir dessa perspectiva a arte pode ser percebida como ferramenta educativa e de promoção do bem-estar. As práticas e experiências artísticas ampliam o nosso olhar para questões que não envolvem apenas cultivar e celebrar a singularidade do indivíduo, mas fomentar a compreensão mútua, na direção do autoconhecimento e do encontro com o outro, reforçando a empatia e a sensação de pertencimento, aliados a descoberta de novas formas de expressão, comunicação e partilha.

1.3 A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

Segundo Weiser (2015) e Gibson (2018), a documentação mais antiga sobre o uso de técnicas terapêuticas baseadas em fotografia, datam do ano de 1856 e foram aplicadas pelo Dr. Hugh Diamond com o propósito de documentar os diferentes distúrbios mentais de seus pacientes e como tratamento para que eles pudessem perceber como os outros os viam (Gibson, 2018). Mais recentemente, a psicóloga canadense Judy Weiser foi a primeira a estruturar e clarificar as técnicas utilizadas em fototerapia (Gibson, 2018), as quais vinha utilizando em seu trabalho com crianças nascidas surdas a partir de 1973, vindo a publicar o seu primeiro artigo com o termo “técnicas de fototerapia” em 1975 (Weiser, 2015).

Weiser passou a utilizar a fotografia como ferramenta em suas sessões de terapia e aconselhamento (fototerapia), acreditando que a comunicação visual e não-verbal são tão importantes quanto a comunicação verbal. A expressão criativa através da fotografia é vista por ela como projeções de nós mesmos e podem ser utilizadas para o desenvolvimento psicossocial de um indivíduo (Gibson, 2018). Quando a fotografia é utilizada com esse objetivo, trata-se de um método que exige ser aplicado somente sob a orientação de um terapeuta licenciado e treinado nessa técnica, de modo que o paciente irá explorar emocionalmente as suas fotografias ao mesmo tempo em que é guiado pelo terapeuta.

Por outro lado, a fotografia terapêutica ou utilização da fotografia como instrumento terapêutico pode ser feito fora do contexto clínico, visto que o principal interesse é gerar mudanças positivas, bem como a promoção do bem-estar a nível pessoal, comunitário e/ou social, utilizando-se frequentemente de técnicas da fotografia participativa. Em complemento, Judy Weiser afirma que:

They are simply contrasting ways of using emotional information that has been unconsciously embedded in people's personal snapshots. One requires the involvement of a professionally trained therapist to formally guide and support the process, whereas the other doesn't. One emphasizes the therapy, and the other, the photography (2001-2022, n.d)

Com o passar dos anos, houve um aumento no interesse em utilizar técnicas terapêuticas baseadas em fotografia para a promoção do bem-estar, em contexto individual ou em grupos, com utilização de métodos formais e não-formais. De acordo com Weiser (2015), um dos fatores que corroborou para esse crescimento foi a sua ampla divulgação na mídia popular nos últimos 30 anos, desde então, ocorreram muitos debates, apresentações e eventos envolvendo fototerapia, fotografia terapêutica e outras técnicas relacionadas, permitindo comparar e contrastar as diversas práticas (Weiser, 2015):

This strongly attests to increasing interest in using photography, photographs, and people's interactions with these, during therapy in psychology, social work, art therapy, and other mental health field applications (PhotoTherapy) and in using photography and photographic interactions oneself, as naturally therapeutic personal healing activities on their own (Therapeutic Photography). (2015, p. 4)

No que concerne ao percurso de desenvolvimento que envolve especificamente a fotografia terapêutica, de acordo com Dennet (2009), teve o seu início na década de 70, quando o professor de arte e drama Keith Kennedy iniciou o que chamou de “group camera” (camera de grupo) com o objetivo de ser implementado com pacientes psiquiátricos no *The Henderson Psychiatric Hospital*. Durante esse período, Kennedy compartilhou as suas técnicas com a fotógrafa profissional Jo Spencer, que foi chamada para auxiliá-lo em suas sessões. Esse encontro pode ser visto, segundo Dennet (2009), como um evento decisivo para o subsequente desenvolvimento da fotografia terapêutica.

Jo Spencer é considerada pioneira no desenvolvimento das técnicas de fotografia terapêutica. Em 1982, após descobrir o diagnóstico de cancro de mama, ela decidiu desenvolver métodos de fotografia terapêutica como forma de tratamento alternativo durante a sua luta contra a doença. Utilizando-se da fotografia como estratégia para lidar com a situação em que se encontrava, Jo Spencer foi capaz de trazer à sua vivência com a doença, o seu *background* enquanto fotógrafa como uma forma alternativa de promoção do bem-estar e superação das adversidades. Dennet (2009) afirma que e desde o início

Spencer utilizou a fotografia não apenas para autoterapia e documentação pessoal, mas também objetivando o seu “uso futuro como material crítico de campanha para os movimentos de mulheres e pessoas com deficiência” (p.10).

De acordo com Gibson (2018), fotografia terapêutica é o termo utilizado para práticas fotográficas que visam beneficiar um indivíduo ou um grupo em termos de promover um conhecimento aprofundado de si com o objetivo de reduzir conflitos internos, propiciando estratégias de enfrentamento aos conflitos e contribuindo para combater problemas sociais como a exclusão, isolamento, relações conflituosas, entre outros, criando mudanças positivas a nível individual, comunitário e/ou social. Weiser (2001-2022) define a fotografia terapêutica como sendo atividades foto-interativas, que podem ser autoaplicadas ou conduzidas por um único facilitador (ou como parte de um grupo ou projeto organizado), mas onde nenhuma terapia formal ocorre e nenhum terapeuta ou psicólogo precisa estar envolvido.

Durante as atividades o facilitador fornece o tema a ser trabalhado e pode utilizar diferentes métodos que baseiam-se no uso da fotografia como instrumento de recolha de informação, por exemplo pedindo que façam o registo fotográfico ou apenas utilizando-se de imagens pré-selecionadas para iniciar as discussões (*Photo elicitation*), independentemente do método utilizado, é sempre o participante que está no controle do que vai fotografar e/ou o que irá comunicar a partir daquela imagem (Gibson, 2018).

De acordo com Gibson (2018), para uma atividade ser definida como terapêutica, deve-se haver uma definição clara dos resultados esperados dos participantes, para que não se chegue aos benefícios acidentalmente. Dessa forma, os participantes precisam ser envolvidos no processo de intervenção e entender o que está sendo oferecido e quais são os resultados esperados, para que haja a escolha em participar. Segundo o mesmo autor, no caso da fotografia terapêutica, os resultados se enquadram geralmente em quatro categorias: controle/autorrevelação (compartilhar informações sobre si com os outros), autoeficácia (acreditar na sua capacidade de realização), autoestima e empoderamento/resiliência (Gibson, 2018).

É difícil de se quantificar resultados que visam impactos como empoderamento e resiliência nos participantes, porém o conhecimento prático desses princípios pode facilitar o diálogo e o aumento da consciência crítica, resultando na identificação dos problemas que por sua vez podem ser enfrentados através do conhecimento adquirido e das reflexões geradas em grupo (Gibson, 2018). Para que isso ocorra, é importante

construir um espaço seguro onde os participantes se sintam à vontade para partilhar os seus pensamentos, sentimento e emoções.

A resposta emocional ao observar uma fotografia será diferente para cada indivíduo e é baseada nas suas experiências de vida. Além de trabalhar a relação com si mesmo, a fotografia promove a conexão entre indivíduos e suas comunidades. Nesse sentido, possibilita o reconhecimento de problemas e de questões que precisam ser trabalhadas. Através do diálogo e da identificação de formas de opressão, proporciona o desenvolvimento de uma consciência crítica, promovendo a partilha em grupo, sentimento de pertença e identificação com os outros, possibilitando a realização de ações necessárias para o enfrentamento ao problema e contribuindo diretamente para a autoconfiança e o empoderamento.

Durante a intervenção foram realizadas atividades foto-interativas, que tiveram como objetivo a promoção do bem-estar e do autoconhecimento, bem como gerar reflexões sobre o contexto sociocultural do qual fazem parte as participantes, além de servirem como instrumento de recolha de dados para a pesquisa. Para isto, foram utilizadas diferentes técnicas de intervenção com fotografia, trabalhando-se com elementos visuais aliados a abordagem verbal, sendo antes esclarecidas questões relacionadas a confidencialidade, ética e segurança. A seguir será apresentado o método de foto-elicitação que foi amplamente utilizado durante a implementação do projeto de intervenção.

1.3.1 Foto-Elicitação

Quando iniciamos um diálogo a partir e sobre uma imagem, temos em mãos um objeto real e tangível que atrai o olhar e a atenção de todos os envolvidos na discussão, segundo Gibson (2018), esse tipo de dinâmica influencia a linguagem corporal entre o facilitador e os participantes, transparecendo proximidade e segurança, visto que os olhares estão direcionados para as fotografias e não para o interlocutor. O autor acrescenta que para algumas pessoas a comunicação verbal pode ser difícil, e a incorporação de um elemento visual pode auxiliar na expressão de ideias, emoções, pensamentos, retirando o peso de comunicar-se somente através de palavras.

De acordo com Harper (2002), a foto-elicitação baseia-se na utilização da fotografia como recurso durante uma entrevista de pesquisa, afirmando que a diferença entre utilizar imagem e texto ao invés de apenas a informação verbal está na forma como as pessoas reagem a essas formas de representação simbólica. Segundo o autor, “as

imagens evocam elementos mais profundos da consciência humana do que fazem as palavras” (p.13) e isso acontece porque “as partes do cérebro que processam informações visuais são evolutivamente mais antigas do que as partes que processam informações verbais” (p.13). Dessa forma, é possível aceder a diferentes tipos de informação que surgem apenas com a introdução do elemento visual na entrevista, devido a conexão estabelecida entre o sujeito e a imagem.

Segundo o mesmo autor, o termo *photo elicitation* foi utilizado pela primeira vez em um artigo publicado pelo fotógrafo e pesquisador John Collier. Essa técnica foi colocada em prática quando Collier propôs a inserção da fotografia na entrevista como solução para um problema prático enfrentado por sua equipa de pesquisa, que estava tendo dificuldades em trabalhar o tema “*the environmental basis of psychological stress*” (Harper, 2002, p.14) no contexto da pesquisa, optaram então por adicionar o recurso do elemento fotográfico á entrevista.

Devido ao modo como a memória é ampliada pelas fotografias, os pesquisadores tendem a receber respostas mais profundas do que quando utilizam apenas entrevistas verbais. Harper (2002) afirma que entrevistas feitas através da foto-elicitación conectam dimensões pessoais, sociais, culturais e históricas. As fotografias empregadas na entrevista variam de acordo com o campo de estudos no qual a pesquisa se insere, sendo utilizadas, segundo Harper (2002), desde fotografias mais técnicas como “inventários visuais de objetos, pessoas e artefactos”, como também “fotos de trabalho, escolas ou outras experiências institucionais, ou imagens que retratam eventos que ocorreram no início da vida dos sujeitos” ou até “fotografias que retratam as dimensões íntimas do social, da família, ou o próprio corpo” (p.13).

Trata-se de uma forma de trabalho colaborativo entre participantes e pesquisadores, pois juntos discutem o significado das fotografias e tentam chegar a um entendimento, as imagens funcionam então como pontes entre subjetividades e mundos culturalmente distintos (Harper, 2002). Albalawi (2020) afirma que, durante o processo de foto-elicitación, os participantes trazem percepções que não estão necessariamente explícitas na fotografia, a medida que falam sobre o significado do que veem na imagem, os pesquisadores podem observar as suas emoções e a forma como reagem a cada elemento discutido.

Durante o processo de foto-elicitación os participantes têm o poder de enquadrar e formular suas respostas, o que permite aos pesquisadores abstraírem e interpretarem os significados estabelecidos, contudo, é fundamental que os participantes esclareçam o que

genuinamente pretendem expressar sobre suas fotografias para que haja uma maior fiabilidade das descobertas (Albalawi, 2020). Para uma maior confiabilidade das informações recolhidas é essencial a triangulação entre diferentes fontes de recolha de dados, como por exemplo, mesclar a interpretação da fotografia às técnicas tradicionais de entrevista verbal, o que pode trazer diferentes pontos de vista para a pesquisa (Albalawi, 2020).

No decorrer do projeto de intervenção foram utilizadas duas abordagens distintas da foto-elicitacão, em algumas dinâmicas foram utilizadas fotografias pré-selecionadas pela investigadora e em outras foi pedido as participantes que fizessem a captaçã das imagens para serem discutidas posteriormente. Ambos os processos permitem que os participantes escolham sobre o que querem falar a respeito da imagem durante a entrevista, todavia, segundo Albalawi (2020), permitir que os participantes tirem suas próprias fotografias dá a eles uma maior liberdade e segurança, “ficam mais relaxados porque conhecem o conteúdo da entrevista com antecedência, podem decidir a ordem em que as fotografias são discutidas e têm mais controle sobre a direçã da entrevista” (p.63).

1.4 A FOTOGRAFIA HÍBRIDA OU EXPANDIDA

Com o passar dos anos e com a revoluçã tecnológica a fotografia deixou de ter relaçã apenas com o contexto visível, transcendeu o seu papel de documento histórico, recorte da realidade e passou a incorporar características relacionadas a subjetividade do seu idealizador, expandindo as suas potencialidades narrativas.

É importante referir que ao longo desse capítulo optou-se por utilizar a *grafia* câmara ao invés de câmara, por ser a forma mais comumente empregada no Brasil. Segundo o Instituto Português de fotografia, nunca existiu oficialmente um verdadeiro consenso científico ou oficial sobre a utilizaçã de uma *grafia* específica, mas que esta foi derivando em funçã da forma falante, podendo assim serem consideradas ambas as formas corretas.

A fotografia híbrida ou expandida nasce da superaçã dos paradigmas tradicionais do fazer fotográfico e da procura de seus idealizadores por incorporar na imagem fotogrífica as suas dimensões subjetivas, seus sentimentos e emoçõs. Durante essa tentativa de alcançar o significado idealizado, sã feitas diversas experiências plásticas de intervençã sobre o suporte fotográfico, utilizando-se de técnicas formais e informais. De acordo com Júnior (2006), é uma expressã da fotografia contemporânea que foge da homogeneidade visual, refletindo-se em uma experiências onde o foco principal está no

processo de criação, e que possibilita uma diversidade de proposições a partir da multiplicidade dos procedimentos.

A fotografia híbrida tem seu cerne em uma ideia ou conceito que atravessa um processo de criação e construção de uma imagem mestiça, híbrida, que busca despertar o olhar do espectador diante de uma intenção e vivência pessoal do autor com o conceito retratado. Júnior (2006) e Bittencourt (2021) destacam o uso de processos primitivos, alternativos, explorando técnicas ou “não-técnicas”, associadas ou não as novas tecnologias, que visam expandir esse mundo simbólico de significados.

Júnior (2006) em seu artigo *Processos de Criação na Fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica*, apresenta um conjunto de propostas para construção de imagens dentro do panorama da fotografia expandida, tendo como base as estratégias propostas por Müller-Pohle no ensaio *Information Strategies* (como citado em Júnior, 2006, p.17). O autor divide os procedimentos em três categorias de intervenção, são elas: 1- “O artista e o objeto” (p.17)- Na qual o artista interfere diretamente no assunto a ser fotografado antes de ser feito o registo da imagem, dentre os procedimentos mencionados estão o *cut paper* e o *still life*; 2- “O artista e o aparelho” (p.17)- Na qual o artista intervém diretamente na câmera/aparelho utilizado para o registo da imagem, explorando as potencialidades do seu programa de funcionamento e buscando ultrapassa-las, reinventa-las, dentre os procedimentos mencionados estão o uso de câmeras artesanais, a superposição de imagens e o desfoque; 3- “O artista e a imagem” (p.17)- Na qual o artista intervém diretamente no suporte fotográfico, ou seja na imagem positiva e/ou negativa, combinando diferentes tipos de procedimentos e suportes, dentre os procedimentos mencionados estão a solarização, a cianotipia e a manipulação através de *softwares* variados.

Além das diferentes possibilidades de representação visual oferecidas pela fotografia contemporânea expandida, compreende-se a possibilidade de apropriação desses processos para a intervenção social no sentido de promover o autoconhecimento e o bem-estar. A artista visual Danny Bittencourt (2021), apropria-se da fotografia híbrida como recurso na construção de uma poética visual mais significativa e para trabalhar temáticas que fazem parte da sua vivência pessoal, evidenciando um caráter terapêutico de transformação durante o seu processo de concepção.

Bittencourt (2021) reforça a conceituação de Júnior (2006) quando defende a importância do processo de criação, estando este em constante mutação, um lugar

contemporâneo que permite indagações e experimentações. Fala de um processo no qual foi preciso borrar as fronteiras da imagem para que suas inquietações coubessem no processo e que pode ser interpretado como transcender os limites da fotografia para alcançar o significado pretendido. Bittencourt (2021) relata três fases do processo criativo: **Liberdade** - trata-se de libertarmo-nos do senso comum e da opinião não fundamentada dos outros, pelo contrario, explorarmos as ideias e conceitos a partir do significado que estabelecemos com eles; **Experimento** – afirma que é preciso explorar as diversas possibilidades de representação e não se abster as primeiras ideias que surgirem; **Errabilidade** – defende que o erro é fundamental para o processo criativo, não deve ser visto como um inibidor mas sim como um ponto de partida para novas possibilidades de criação.

Em complemento, Bittencourt (2021) classifica as suas intervenções fotográficas em três categorias, são elas: **Técnicas**, que se refere a técnicas formais que já foram amplamente estudadas e são frequentemente utilizadas, como por exemplo a pintura, o bordado e a colagem; **Não-técnicas**, técnica informais que ainda são pouco exploradas, como por exemplo o furo e a ferrugem; **Gestos**, que consiste em fazer as imagens passarem por algum tipo de experiência, como por exemplo congelar, colocar na água, queimar, enterrar.

Essa produção imagética não se materializa apenas no cruzamento dos diferentes suportes e linguagens, mas também dos “deslocamentos poéticos, desvios e reflexões que nascem desses movimentos” (Bittencourt, 2021, p.40). Segundo a mesma autora, a produção imagética contemporânea atua na “desconstrução e desconforto”, convocando os espectadores para uma reflexão, ressalta ainda que da mesma forma em que o artista constrói a obra a partir de suas vivencias pessoais, o espectador vai interpretá-las partindo de suas próprias experiências, agregando dessa forma múltiplas interpretações. Bittencourt (2021) afirma que toda imagem é construída e sempre que escolhemos um assunto para fotografar estamos automaticamente excluindo uma vastidão de elementos, sendo assim, não pode ser definida como uma representação do real, mas como um recorte que nasce da projeção do olhar do fotógrafo.

Dessa forma, a fotografia é impermanência, vestígio e efemeridade, é concretizada dentro da relação entre o fotografo, a imagem e o espectador. Para além das múltiplas interpretações e definições cabíveis, a fotografia contemporânea híbrida ou expandida, manifesta liberdade, experimentação, reflexão e poder de fala, ela não se

esgota, mas transborda nas inúmeras possibilidades de intervenção, é um processo vivo e dinâmico que supera a ordem das aparências (Bittencourt, 2021).

1.5 A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA LENTA NA ERA DIGITAL

Vivemos hoje em um mundo frenético que nos impõe o desafio de despertar o espectador diante de milhares de imagens as quais somos expostos diariamente. Esse desafio da sociedade moderna exige que sejamos cada vez mais criativos e inovadores, encontrando novas técnicas e maneiras de explorar a dimensão imagética.

Walter Benjamin em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, expõe o *status quo* da obra de arte no século XX, momento no qual questionava-se a transição de uma arte tradicional para uma arte tecnicamente reproduzida. De acordo com Benjamin (2018), a arte tradicional possuía um caráter essencialmente “aurático” no qual a obra de arte era vista como sagrada, única (não reproduzível) e cultuada, esta última definição é apresentada pelo autor por um viés ritualístico onde apenas algumas pessoas teriam acesso, sendo inalcançável para as massas. Benjamin (2018) define a “aura” inerente a obra de arte tradicional como “uma trama peculiar de espaço e tempo: a aparição única de uma distância, por mais próxima que esteja” (p.41).

A partir da inserção da reprodutibilidade técnica na obra de arte, primeiramente com a fotografia e posteriormente com o cinema, há uma mudança de estrutura e a arte perde o seu valor de culto, o que afeta também a forma como é percebida. Essa mudança de valores da arte é chamada por Benjamin (2018) de “movimento pós-aurático”, no qual o “valor de culto” é substituído pelo “valor de exposição”. Segundo o mesmo autor, essa disseminação e massificação de imagens aproximou a obra de arte dos espectadores e contribuiu para uma politização das massas. O autor afirma que:

Formulado de modo geral, a técnica reprodutiva desliga o reproduzido do campo da tradição. Ao multiplicar a reprodução, ela substitui sua existência única por uma existência massiva. E, na medida em que ela permite à reprodução ir ao encontro do espectador em sua situação particular, atualiza o reproduzido. (Benjamin, 2018, p.40)

Flusser (2002), em sua obra *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, apresenta um modelo hipotético para pensar as mudanças culturais que ocorreram até a ascensão das imagens técnicas, sendo a imagem entendida por ele como um código de comunicação que tem como propósito fazer a mediação entre o

homem e o mundo. Com o surgimento da imagem técnica “O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens” (p.9), nesse sentido perde a capacidade de decifrar imagens, substituindo a imaginação pela alienação (Flusser, 2002).

Para conseguir destacar-se ante a exposição massiva de imagens Flusser aponta para a necessidade de se superar os paradigmas impostos pelos fabricantes de equipamentos fotográficos. Para ele, o fotógrafo deve, antes de tudo, ter um conhecimento aprofundado sobre o equipamento que utiliza, pois, somente depois de dominar todas as funções prescritas para a utilização da câmera, o fotógrafo será capaz de superar as limitações impostas pelos fabricantes de equipamentos e transpor à imagem fotográfica novas dimensões nunca exploradas. Na concepção de Flusser (2002), o artista deve inventar o seu processo e não cumprir um programa pré-determinado.

Visto que na sociedade contemporânea a captação da imagem costuma anteceder a sua conceitualização e com o objetivo de trazer uma dimensão de experimentação e reflexão, foi adotado durante a implementação do projeto o uso da fotografia estenopeica. Trata-se de uma câmera escura, ou seja, um compartimento todo fechado onde não existe luz no qual faz-se um pequeno orifício para que a luz seja captada e por não possuir elementos óticos, como uma lente, a sua imagem não é formada baseada na refração da luz, mas sim projetada para a parede oposta ao orifício e sofre um movimento de inversão.

O advento da câmera digital nos permite com muita facilidade registrar um grande número de imagens em sequência, com o uso da fotografia estenopeica propõe-se a reflexão acerca da imagem que se intenciona criar antes de se fazer o registro fotográfico, proporcionando uma maior concentração no processo de criação da imagem, que irá se formar primeiro na mente, exigindo-se das participantes estarem atentas durante todo o processo. Neste tipo de captação fotográfica, não temos o acesso imediato ao resultado da imagem, que só será percebido após a revelação do papel ou película fotográfica.

II DESENHO DE PROJETO

Com o passar dos anos o papel da arte na sociedade veio se transformando, moldando-se e adaptando-se aos novos desafios da contemporaneidade, deixou de ser centrada em si mesma, afastando-se da idolatria desenfreada pela estética e do conceito de “arte pela arte”, passou a ser a “expressão cultural das pessoas, uma mensagem, um conteúdo para ser interpretado e valorizado por seu potencial simbólico” (Gonçalves & Majhanovich, 2016, p.3), atualmente esta mais preocupada com os significados,

revelando uma apropriação pessoal que reverbera na criação de múltiplos sentidos da realidade.

Gonçalves & Majhanovich (2016), afirmam que a cultura não existe separada dos indivíduos, não é algo que exista por si só, mas que é um conjunto de significados partilhados e que resultam do convívio social. Assim, nasce a consciência de que arte esta intrinsecamente relacionada ao contexto cultural do seu criador, bem como com as suas vivencias e experiências pessoais, passando por um processo de codificação e decodificação e percorrendo um caminho que é ao mesmo tempo sensorial, imaginativo e conceitual (Gonçalves & Majhanovich, 2016). Dessa forma, torna-se um “instrumento poderoso para promover a compreensão intercultural, comunicação e valorização da diversidade” (p.6).

Através dos projetos de intervenção artística e da troca intercultural proporcionada, conseguimos entender melhor aos outros e a nós mesmos. Ao assegurar o respeito e a liberdade de expressão, cria-se um ambiente igualitário e seguro para que todos sintam-se confortáveis em partilhar suas ideias, pensamentos e emoções. Esses contextos ricos em diversidade contribuem para o desenvolvimento da criatividade, solidariedade e inclusão, propiciando novas formas de entender e agir no mundo. Auxiliando no combate à discriminação, desigualdade social e outros cenários de injustiça.

O projeto “O Olhar da Mulher Cigana: A Fotografia Híbrida como Instrumento de Comunicação, Reflexão e Mudanças” nasce do desejo de contribuir para um mundo mais justo e igualitário, abraçando a possibilidade de fazer a diferença através da arte. Escolhendo-se a fotografia como instrumento de intervenção pelo seu potencial terapêutico e expressivo que possibilita alcançar e interpretar o mundo simbólico que cada um traz dentro de si e que se revela também através das vivencias e da partilha em grupo.

A fotografia estabelece uma relação íntima de identidade e sentido com o observador que, a partir da visualização da imagem, abstrai um conjunto de significados únicos e pessoais, provocando o sentimento de afinidade e pertença. Refletem inevitavelmente um contexto histórico, social e cultural, intrinsecamente relacionada ao seu criador, concebendo uma atmosfera indiciária, formada por signos e símbolos que nos conduzem a estabelecer relações e conexões com o que vemos.

Abordar o tema da desigualdade de género por intermedio da fotografia é trazer visibilidade a um contexto que foi experienciado por muitas vezes sem ser realmente percebido, possibilitando um novo olhar para o problema e para as circunstâncias em que

se prolifera, criando dúvidas e incertezas que conduzem a uma reflexão sobre o que a imagem representa, expandindo nossa visão e pensamento. Somente a partir do questionamento dos paradigmas sociais impostos, seremos capazes de vencer as barreiras da desigualdade que nos cercam e que frequentemente não depositamos o olhar atento necessário para enxergá-las. A fotografia provoca esse olhar, colocando o observador em contato direto com a realidade apresentada, de forma a contribuir para construção e reestruturação de pensamentos e opiniões.

2.1. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

O presente trabalho procura analisar o processo de transmutação de sentimentos e percepções relacionadas a experiências pessoais de “ser mulher” - no meio social, no núcleo familiar e como indivíduo - em potência criativa. Para tal, definiu-se a seguinte questão de partida:

Qual o potencial da fotografia híbrida enquanto contributo para um processo de autoconhecimento e empoderamento da mulher cigana face às desigualdades de género dentro da comunidade em estudo?

Tendo em vista a problemática descrita no tópico anterior, pretende-se valorizar a identidade de cada participante, resgatando a sua percepção enquanto ser mulher e ser cigana, cada uma com a sua individualidade e singularidade, além de potencializar capacidades e competências criativas e artísticas. Com essa finalidade, traçaram-se os seguintes objetivos:

- Compreender de que forma a fotografia híbrida pode ser utilizada como instrumento de comunicação, reflexão e mudanças de percepção e autopercepção das participantes;
- Perceber de que maneira a fotografia expandida pode promover o bem-estar de mulheres ciganas que frequentam o projeto *Giro ó Bairro* (InPulsar);
- Observar de que maneira os traços culturais das participantes vão influenciar e atuar no processo de criação artística decorrente do projeto de intervenção implementado.

2.2 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração deste projeto baseou-se num paradigma qualitativo interpretativo. Selecionamos a *Arts-based educational research* (ABER), mais especificamente a **a/r/tografia**, como metodologia de investigação. Durante a implementação das atividades, foram utilizadas métodos

relacionados ao uso da fotografia como instrumento terapêutico, realizando-se dinâmicas de carácter participativo que visam a promoção do bem-estar e que não envolvem apenas a registo fotográfico, mas também outras atividades foto-interativas, como visualização de fotos em grupo, leitura e interpretação de imagens, e o foco dos processos está na utilização da fotografia aliada a intervenção plástica (fotografia híbrida) e nas reflexões que surgem da partilha em grupo.

2.2.1 ARTS-BASED RESERCH (ABR) E ARTS-BASED EDUCATIONAL RESERCH (ABER)

De acordo com Greenwood (2019), o conceito de *arts-based research (ABR)* é abrangente e compreende uma série de abordagens metodológicas e epistemológicas. Indica ainda, que, o que unifica esta diversidade de trabalhos, é a definição de uma pesquisa na qual uma ou mais formas ou processos artísticos, estão envolvidos em sua realização. Segundo Mulvihill & Swaminathan (2019) a *arts-based educational reserch (ABER)* está englobada dentro do conceito mais amplo da *arts-based research (ABR)*, afirmam que para entender a ligação entre a pesquisa qualitativa baseada nas artes e a educação é necessário ter uma visão clara dos objetivos dessa tipologia de pesquisa, que perpassam por compreender as múltiplas perspetivas sobre a educação enquanto atividade humana.

Dias (2014) afirma que a **ABR** e a **ABER** não possuem uma tradução literal para o português, e são consideradas metodologias participativas que incorporam características da **investigação-ação**, como por exemplo o seu teor prático que promove reflexões e críticas sobre as ações realizadas, pressupondo uma transformação da realidade dos participantes. A **investigação-ação** consiste, segundo Coutinho et al (2009), em uma metodologia essencialmente prática e direcionada a resolução de problemas reais, da mesma forma, a **ABER** é uma metodologia de investigação de carácter intervencionista e orientada para a prática, onde a construção de significados acontece ao decorrer da intervenção, “teorizando a prática e praticando a teoria” (Dias & Irwin, 2013, p.15), interpretando a pesquisa-ação como uma prática viva em constante mutação e adaptação (Dias & Irwin 2013). Dias (2014) acrescenta que:

O argumento chave para estas metodologias é que elas, ao enfatizar a produção cultural da cultura visual, rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem,

formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. (Dias, 2014, p.4)

Wang et al (2017) define a **ABR** como uma metodologia que utiliza “formas e expressões artísticas para explorar, compreender, representar e até mesmo desafiar as experiências humanas” (p.6). Essa abordagem voltada para entender a ação e a experiência humana utilizando-se da arte como ferramenta, despertou o interesse dos investigadores com uma prática de pesquisa socialmente engajada, isto é, segundo Froggett et al (2011), uma pesquisa “desenvolvida por meio de colaboração, participação, diálogo e experiências imersivas” (como citado por Wang et al, 2017, p.7) e que visa envolver os participantes e gerar mudanças a nível pessoal, comunitário e/ou social. Greenwood (2019), complementa que “uma das principais razões para o crescimento das abordagens de pesquisa baseadas em artes é o reconhecimento que as experiências de vida são multissensoriais, multifacetadas e relacionadas de maneiras complexas ao tempo, espaço, ideologias e relações com os outros” (p.3).

Wang et al (2017) baseando-se no estudo da literatura, classificaram em três grupos centrais as pesquisas que envolvem a arte: *research about art*, *art as research*, and *art in research*, desses grupos apenas os dois últimos (*art as research*, and *art in research*) são considerados “*arts-based*” pois são as que fazem o uso efetivo das expressões artísticas. Para esta classificação foram analisadas um conjunto de características presentes em cada pesquisa, de acordo com a “função do componente artístico, como se relaciona com a parte de pesquisa do projeto, e qual é a perspectiva primária do artista-pesquisador” (p.14).

A partir da análise da classificação descrita acima, pode-se concluir que o presente projeto de intervenção artística se enquadra na divisão de *art in research*, visto que a descrição desta categoria é compatível com a pesquisa realizada. Segundo Wang et al (2017), na divisão de “arte em pesquisa”, a arte é ativamente utilizada por participantes e/ou artistas-pesquisadores como processo criativo em uma ou mais fases do projeto, estando os investigadores necessariamente envolvidos no processo de fazer arte ou na orientação dos participantes no processo artístico e sendo este um estudo comprometido com fenômenos das ciências sociais e comportamentais (Wang et al, 2017).

No que concerne a *arts-based educational reserch (ABER)*, Mulvihill & Swaminathan (2019) apresentam em seu livro “*Arts-based educational research and qualitative inquiry: Walking the path*” a classificação feita por Savin-Baden e Major

(2013) na qual dividem o uso da arte na pesquisa educacional em três categorias: *arts-informed research*, *arts informing research* e *arts-based inquiry*. A pesquisa é classificada como *arts-based inquiry* quando o processo artístico é utilizado para entender a própria arte ou a experiência artística das pessoas, na *arts-informed research* o papel da arte na pesquisa é o de representar as descobertas de um estudo e na *arts informing research* a arte é utilizada para evocar respostas de um público. Sendo as duas últimas classificações comumente utilizadas em pesquisas qualitativas para coleta e apresentação de dados (Mulvihill & Swaminathan, 2019).

Dessa forma, o elemento artístico está presente na pesquisa como uma ferramenta de suporte a investigação, podendo ser utilizada para gerar, coletar e analisar dados, bem como para representar uma resposta aos resultados obtidos, envolver o público e gerar novos significados. Devendo-se ter uma percepção clara do foco e dos objetivos da pesquisa para que seja escolhida a metodologia mais adequada dentro do vasto campo da *arts-based research* (ABR).

2.2.2. A/R/TOGRAFIA

A etimologia da palavra **a/r/tografia** vem da junção das palavras *artist/researcher/teacher* (artista/pesquisador/professor) somadas a terminologia *grafia* (escrita/representação), o que resulta em uma identidade híbrida, onde a criação artística, a investigação em artes e a prática educativa, estão em constante interação (Dias, 2014). Essa multiplicidade inerente a a/r/tografia desencadeia uma representação criativa do projeto, desconstruindo a escrita acadêmica dominante e refletindo “a riqueza e a complexidade das amostras e dados de pesquisa, promovendo múltiplos níveis de envolvimento, que são, simultaneamente, cognitivos e emocionais” (Dias, 2014, p.4).

Segundo Dias (2014), a “**a/r/tografia** é uma forma de *Arts Based Educational Research* (ABER) que foi originada por Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University, nos Estados Unidos, entre os anos 1970s e 80s” (p.6). Para o mesmo autor, o ponto chave dessa metodologia, é como estabelecemos ligações entre o “fazer artístico e a compreensão do conhecimento” (Dias, 2014, p.6), o que culmina em novas e criativas formas de aprendizagem e produção do conhecimento. É uma metodologia fluida, aberta a experimentações e que congrega a inovação na pesquisa acadêmica e nas práticas do ensino e da arte.

Dias & Irwin (2013) afirmam que esses métodos de pesquisa são fundamentalmente qualitativos e respondem a questões relacionadas a “atitudes,

sentimentos, sensações, percepções e construções sociais de sentido” (p.16), descrevem que esse tipo de pesquisa é, por si só, um ato criativo, visto que diferentemente de pesquisas que seguem abordagens mais tradicionais, a **ABER** baseia-se no preceito de que “o sentido não é encontrado, mas construído e que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo” (p.23). Os mesmos autores acrescentam que, ao contrário de inúmeras metodologias de pesquisa que visam reportar um conhecimento já existente ou desvendar um novo tipo de conhecimento, a **a/r/tografia** está interessada em “criar as circunstâncias para produzir conhecimento e compreensão através de um processo carregado de pesquisa” (Dias & Irwin, 2013, p.142), utilizando-se de processos artísticos e educacionais.

Dessa forma, os **a/r/tógrafos** (aqueles que praticam a **a/r/tografia**) buscam integrar o saber, a prática e a criação através de linguagens artísticas que visam promover significados e não fatos (Dias & Irwin, 2013, p.129). Estes “artistas-pesquisadores-educadores” procuram contestar modelos de produção hegemônicos, quebrando narrativas cristalizadas e promovendo inovação no campo das pesquisas acadêmicas. Além disso, “como espectadores podem perceber o seu trabalho diferentemente em várias situações e, como eles mesmos, podem ser e mudar através de suas práticas correntes de Pesquisa Viva” (p.34). Dias & Irwin definem:

A pesquisa viva é um compromisso de vida com as artes e a educação por meio de atos de pesquisa. Estes atos são formas teóricas, práticas e artísticas de criar significado através de formas recursivas, refletivas, responsivas, mas resistentes de compromisso. (2013, p.147)

Segundo Dias & Irwin (2013), quando utilizamos a criatividade como elemento primordial no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, instigamos novas maneiras de refletir, interpretar e interagir com questões teóricas e práticas, dessa forma, abrimos caminhos para reações inovadoras e inesperadas. Greenwood (2019) acrescenta que, não é necessário ser um artista, mas no mínimo, precisa-se ter conhecimento sobre a área artística com a qual vai trabalhar, “para estar ciente do seu potencial e como manipulá-lo” (p.5). O desafio é ir além de uma produção artística impactante e encontrar maneiras criativas para que os participantes consigam expressar os seus pensamentos e emoções.

Outra questão importante a ser levantada é como avaliar os elementos verbais e não-verbais coletados durante o projeto de intervenção para a sua interpretação no contexto da pesquisa, Dias & Irwin (2013) propõe que “os elementos verbais e não-

verbais possam ser considerados em termos de triangulação de evidências, sem perder de vista que não podemos esquecer o porquê de estarmos incluindo representações estéticas” (p.58), dessa forma, somente com a análise do conjunto de todos os elementos coletados – sejam eles visuais, escritos, gravados, etc.- será possível aproximar-se de uma interpretação mais verossímil da realidade, lembrando-se de que não existe uma verdade final mas um espaço que é “sensorial, múltiplo-interpretativo, intuitivo e sempre cambiante” (P.58).

2.3 QUESTÕES ÉTICAS

De acordo com Goldbard & Matarasso (2021) “nenhum discurso sobre arte e sociedade pode evitar a ética” (p.5), os projetos de investigação, principalmente quando lidam diretamente com pessoas, deparam-se frequentemente com questões morais e éticas, desse modo, o tipo de investigação poderá determinar a natureza dos problemas que poderão surgir. Os desafios éticos, por não serem algo definitivo e variarem de acordo com as circunstâncias, fazem da prática profissional uma vivência fundamental para conseguir-se avaliar com “perícia e flexibilidade” cada situação, pois através do debate e reflexão sobre o assunto reforçamos o nosso autoconhecimento e encontramos soluções melhores para lidar com o problema (Goldbard & Matarasso, 2021). Os autores afirmam que:

Os valores e a ética não são algo definitivo. Como tantas outras coisas de valor — a excelência, o amor e a democracia, por exemplo — estes surgem da colaboração e da negociação, da experiência da vida real. É por esta razão que os valores e a ética que moldam o nosso trabalho dependem de quem somos e daquilo que estamos a tentar fazer: aquilo que é o mais acertado para determinado grupo de pessoas e circunstâncias pode ser bastante inconveniente noutros casos. (2021, p.20)

Os mesmos autores citam competências éticas importantes para os artistas que trabalham com a arte participativa, como por exemplo envolver os participantes nas explicações e decisões do projeto de modo que seja entendido por todos, definem que a melhor solução para questões éticas “é aquela que reorienta as soluções de forma a que todos sejam ouvidos, respeitados e incluídos no resultado final” (Goldbard & Matarasso, 2021, p.21), de modo que através da partilha e da escuta ativa sejamos capazes de chegar a uma resolução definida por todos e prosseguir com o projeto.

Dessa forma, nosso papel enquanto pesquisadores e facilitadores durante o projeto é garantir que o que foi acordado com os participantes esteja sendo cumprido. No campo da fotografia, segundo o artigo da *Photography Ethics Centre Ltd* (Publicado na revista '*Research Matters*', edição de setembro de 2017), frequentemente os fotógrafos veem-se tendo de tomar decisões éticas no momento da prática, sendo necessário levar em consideração inúmeras variáveis, “incluindo método, assunto, contexto e intenção” (n.d), aponta também o consentimento como uma questão ética fundamental, devendo-se levar em consideração que a decisão de consentir o registro fotográfico pode ser revogado independentemente das circunstâncias e a qualquer momento.

Chaves (2016) complementa que “mesmo pelo bem do conhecimento, existe um limite que deve sempre ser garantido: o do respeito pelos participantes e da manutenção da sua segurança, dignidade e liberdade” (p.26), afirma que o consentimento informado é obrigatório, devendo os participantes estarem cientes das atividades que serão desenvolvidas, bem como, “potenciais riscos e benefícios, natureza voluntária da ação, possibilidade de desistência a qualquer momento sem repercussões e compreensão de que nenhuma fotografia que implique sua identificação será divulgada sem uma autorização própria para tal” (p.26).

2.4 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

De acordo com Aires (2011), a investigação qualitativa baseia-se na relação de interatividade entre “modelo teórico, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados do projeto de pesquisa” (p.14), constituindo-se em um processo reflexivo e complexo, orientado para captar, compreender e descrever a realidade social (Aires, 2011).

Aires (2011) evidencia ainda o conceito de que “não existe nenhuma janela aberta para a vida interior das pessoas (qualquer olhar é filtrado pela linguagem, gênero, classe social, raça, etnia)” (p.17), dessa forma a observação e compreensão dos fenômenos investigados deve partir de uma análise contextual, histórica e socialmente estruturada. Dito isto, pressupõe-se que o olhar do investigador nunca é neutro e que “nenhum método é capaz de captar as subtis variações da experiência humana” (Aires, 2011, p.18), desse modo, o desafio da investigação será “saber gerir a diversidade e o conflito” (Aires, 2011, p.18), tendo consciência de que a análise interpretativa trará significações e sentido ao contexto investigado.

O desenvolvimento desta investigação qualitativa beneficiou-se do **paradigma semiótico-indiciário**, inspirando-se ainda no conceito de **microgenética** desenvolvido por Salles (1992). De acordo com Ginzburg (1989) por trás do paradigma indiciário (ou semiótico) entrevê-se a origem do “homem-caçador”, que “aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas” (p.151), e que posteriormente refletiu-se também na medicina, na literatura e nas artes, caracterizando-se pela investigação de pormenores considerados negligenciáveis. Ginzburg (1989) acrescenta que a distinção entre natureza e cultura é fundamental, “uma coisa é analisar pegadas, astros, fezes (...), outra é analisar escrita, pinturas ou discursos” (p.171).

O paradigma semiótico-indiciário baseia-se em uma análise mais sutil e minuciosa de dados, que apresentam sinais e indícios muitas vezes negligenciados, para “remontar a uma realidade complexa e não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989, p.152) e que serão dispostos pelo investigador de forma a “dar lugar a uma sequência narrativa” (Ginzburg, 1989, p.152). Segundo Góes (2000), a abordagem indiciária “vincula-se a uma intuição que vem dos sentidos e supera o sensorial. Esse saber, quando incorporado ao âmbito da ciência, pode atender a demandas de rigor, mas um rigor ‘flexível’” (p.19).

A necessidade desta pesquisa em acolher a singularidade dos indivíduos, como pensamentos, sentimentos e emoções, demonstra a pertinência na escolha deste paradigma de investigação, visto que a valorização do singular, segundo Góes (2000), é um aspeto central deste paradigma, no qual os casos individuais são “compreendidos por meio de sinais, signos, pistas, indícios ou sintomas” (p.19). A autora acrescenta ainda que, apesar do paradigma indiciário privilegiar o singular, a ideia de totalidade não é abandonada, buscando-se “a interconexão de fenômenos, e não o indício no seu significado como conhecimento isolado” (p.19).

De acordo com Góes (2000), a microgenética é uma abordagem “orientada para os detalhes das ações; para as interações e cenários socioculturais; para o estabelecimento de relações entre microeventos e condições macrosociais” (p.11), acrescenta que é um método investigativo indissociável de uma visão “sociogenética, histórico-cultural e semiótica do ser humano” (p.12). Dessa forma, a análise do sujeito não pode ser feita a partir de elementos isolados, mas sim, do cruzamento de um conjunto de informações recolhidas durante um processo.

No livro *Crítica Genética*, Salles (1992) direciona os estudos genéticos para a análise do processo de criação artística. Inicialmente esses estudos se dedicavam a análise de manuscritos literários, porém Salles (1992) atesta que, desde o seu surgimento, esses

estudos já traziam “a possibilidade de explorar um campo mais extenso, que nos levaria a poder discutir o processo criador em outras manifestações artísticas” (p.14).

De acordo com Salles (1992), o crítico genético dedica-se ao estudo do processo de criação, procura compreender os rastros deixados pelos artistas, analisa documentos de processo - manuscritos, esboços, partituras, roteiros, ensaios, etc.- e procedimentos de produção, ocupa-se da relação entre a obra e o processo. “Essa crítica refaz, assim, os diferentes momentos do percurso construtivo da obra, com a intenção de reconstruí-lo e compreendê-lo” (Salles, 1992, p.34 e 35), segundo a autora, ao isolarmos um elemento para análise, não podemos esquecer do processo no qual ele se insere e a relação desse percurso criativo com a obra entregue ao público pode ser percebida como um pensamento em processo, pois a obra de arte nunca está terminada e “consiste em uma cadeia infinita de agregação de ideias” (p.19).

De acordo com Chaves (2016) o foco da investigação qualitativa reflete nas “descrições detalhadas do processo, situações e pessoas, interações e comportamentos, (observáveis)” (p.27). As técnicas de recolha de dados utilizadas durante o projeto incluíram: observação participante, foto-elicitación (registros orais transcritos através de mediadores visuais), entrevista, diário de bordo, grelha de observação e portfólio individual.

Por se tratar de um estudo que recolhe componentes verbais e não-verbais para compreender o pensamento, sentimento e opiniões de mulheres de etnia cigana, optou-se por adotar a **análise semiológica** do material visual coletado em triangulação com o conteúdo dos textos e das entrevistas, fazendo-se dessa forma um cruzamento de evidências no qual foco não é o domínio técnico, mas sim a forma como o material visual reflete os enunciados e propostas de intervenção. Em comparação com outras metodologias de análise de materiais visuais, Rose (2016) afirma:

(...) semiology confronts the question of how images make meanings head on. it is not simply descriptive as compositional interpretation appears to be; nor does it rely on quantitative estimations of significance, as content analysis at some level has to. Instead, semiology offers a very full box of analytical tools for taking an image apart and tracing how it works in relation to broader systems of meaning. (p.106)

Essa “caixa de ferramentas analíticas” a qual a autora se refere, relaciona-se ao conceito de *sign*, *signified* e *signifier* desenvolvido por Saussure, no qual procurou criar

um sistema para entender o funcionamento da linguagem (Rose, 2016). O *sign* (**signo**) é descrito como a unidade básica da linguagem, composto de duas partes que só são distinguíveis a nível analítico, a primeira parte é o *signified* (**significado**), um conceito ou objeto acessível a compreensão de todos, a segunda é o *signifier* (**significante**), que pode ser um som ou imagem associada ao *signified*, estando por tanto intrinsecamente relacionado a leitura pessoal de cada indivíduo (Rose, 2016, p.113).

Desse modo, um mesmo **significante** pode ter vários significados diferentes, logo o cruzamento dos dados recolhidos será fundamental para entender a relação entre **significado** e **significante**, de modo a buscar a interpretação mais consistentes com o contexto cultural e de género em estudo.

2.5 CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO E PARTICIPANTES

Numa perspetiva ampla, os destinatários deste projeto são mulheres que vivenciaram situações de desigualdade e/ou violência de género, mais especificamente as mulheres de etnia cigana, sendo este um assunto considerado *tabu* a ser trabalhado e reconhecido junto a comunidade. Ao longo deste projeto de pesquisa, foi evidenciado por um viés quantitativo e qualitativo, a presença marcante da desigualdade de género na comunidade cigana, onde as mulheres desta etnia enfrentam questões como estas cotidianamente, enraizadas em sua própria cultura. O que implica a necessidade de desenvolvimento de um projeto de intervenção no âmbito da desigualdade de género junto a comunidade cigana, dedicando-se uma maior atenção as mulheres desta etnia.

2.5.1 INPULSAR - ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO/ GIRO Ó BAIRRO

O projeto foi acolhido pela InPulsar - Associação para o Desenvolvimento Comunitário, sendo esta uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que vem atuando no distrito de Leiria desde 2012. Entre os principais objetivos da instituição estão o apoio a crianças, jovens e famílias, e o apoio à integração social e comunitária, incluindo em seus objetivos secundários a promoção da igualdade de género e a prevenção e combate a violência de género. A associação busca, através da intervenção social, criar respostas sociais inovadoras junto da comunidade local, guiando-se por valores de equidade, inovação e impulso, articulação e participação, responsabilidade e flexibilidade (InPulsar, 2019).

Sendo uma instituição que realiza trabalhos de intervenção social com diversos públicos e em diferentes contextos, o setor da associação que trabalha diretamente com a comunidade cigana é o *Giro ó Bairro* que se destina a promover a inclusão social de crianças, jovens e famílias de etnia cigana do Bairro Social Cova das Faias (Leiria). O *Giro ó Bairro* utiliza metodologias participativas, criativas e de inclusão pela arte, com o objetivo de promover competências pessoais e sociais que fomentem a autonomia e o sentimento de pertença nos participantes de forma a gerar uma mudança social (Portugal Inovação Social: *Giro ó Bairro*, 2019).

O interesse em aplicar o projeto junto ao *Giro ó Bairro* surgiu após entrevista feita com algumas mulheres ciganas que frequentam a instituição de apoio, onde responderam à pergunta “O que é ser cigano?”. Por meio desta entrevista foi possível determinar um conjunto de elementos culturais que são valorizados pela comunidade cigana, como por exemplo a importância que se dá à família, o respeito pelos mais velhos, a proteção e o cuidado com as crianças e os valores de solidariedade e união existentes nas relações sociais da comunidade. Foi possível perceber ainda, a desigualdade de género enraizada nos preceitos culturais da etnia cigana, com normas e leis estruturadas por conceitos machistas e patriarcais (**Anexo I**).

No decorrer do projeto, o grupo de participantes variava a cada sessão e dependia das mulheres que estavam presentes na associação durante o horário previamente estabelecido, em média 3 a 6 participantes por sessão, com idades que variaram entre os 11 aos 50 anos. Acredito que o número reduzido de participantes durante as sessões contribuiu para o diálogo e permitiu uma abertura e conforto das mulheres durante o projeto.

No que concerne ao processo de recrutamento dos participantes, ocorreu de forma livre e espontânea a partir do momento em que demonstraram interesse em experienciar e aprender sobre as áreas artísticas abordadas pelo projeto, sendo previamente informadas dos objetivos da pesquisa e da programação de cada sessão, bem como do período em que decorreria. Para além do seguimento de princípios éticos com o respeito às suas vontades e a transparência sobre o projeto a ser realizado.

III IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Inicialmente haviam sido planeadas a realização de 1 sessão por semana durante 10 semanas, em período que decorreria de fevereiro a abril, entretanto, em acordo com a coordenadora do projeto *Giro ó Bairro*, Ângela Damásio, optou-se por iniciar o projeto


no dia 20 de abril, em decorrência deste atraso e outros contratemplos só se foi possível realizar 6 sessões - que decorreram de abril a junho - das 10 que haviam sido previstas. Ainda antes do início do projeto, a coordenadora alertou-me sobre a dificuldade de concentração e a impermanência das participantes durante as atividades, sendo sugerido a implementação de atividades mais práticas.

A princípio, havia se pensado fazer a construção das câmeras estenopeicas junto as participantes durante uma sessão planeada com este objetivo, no entanto, devido ao atraso para o início do projeto e a redução do número de sessões, optei por produzi-las antes do início do projeto. Dessa forma, foram construídas um total de 12 “latas fotográficas”, sendo testadas e aferido o tempo de exposição necessário para o seu funcionamento de acordo com a intensidade da luz, em dias ensolarados e nublados.

Figura 2 - Câmera estenopeica, primeiros testes



Figura 3 - Tempo de exposição

		
10' - 15'	15' - 20'	20' - 30'

A proposta seria a de distribuir as câmeras estenopeicas entre as participantes, de forma a terem a duração de 1 semana entre sessões para tirarem as fotografias, estando eu enquanto facilitadora, disponível para fornecer apoio durante este período. Na sessão seguinte seria realizada em grupo a discussão, contextualização e decodificação das fotografias captadas. Contudo, no primeiro encontro, quando o projeto foi apresentado, junto aos aspetos de controle, participação e partilha, as participantes foram questionadas sobre regras de grupo que gostariam de implementar e demonstraram maior predisposição a fazerem o registo fotográfico de forma coletiva.

Além das técnicas de intervenção plástica sobre o suporte fotográfico que foram reproduzidas no decorrer das sessões, outras haviam sido planeadas, como por exemplo, o bordado sobre a fotografia, a utilização da tinta-da-china (nankin), a antotipia, além de exercícios práticos como a construção de narrativas e roteirização de ensaio fotográfico, porém devido a redução do número de sessões não houve tempo hábil para concebê-las. O planeamento original pode ser visualizado no **Anexo II**.

Dessa forma, fizeram-se necessários alguns ajustes no planeamento das sessões que resultaram nas atividades contidas na tabela seguinte:

Tabela 1- Planeamento das sessões

Sessão 1	<ul style="list-style-type: none"> • Explicação do Projeto de intervenção; • Como podemos expressar sentimentos e pensamentos através da fotografia; • Reflexão em grupo sobre questões do feminino; • Como fazer fotografia com uma lata (fotografia esteneopeica); • Aspeto de controle, participação e partilha; • Foto-elicitação sobre empoderamento feminino; • Desafio fotográfico: O que é ser mulher na sociedade contemporânea?
Sessão 2	<ul style="list-style-type: none"> • Foto-elicitação, pensar sobre os elementos da imagem; • Diálogo sobre a escolha da imagem da sessão anterior; • Composição e Intenção de Imagem; • Intervenção plástica na fotografia: aguarela e guache; • Desafio fotográfico: Fotografar uma situação que represente uma mulher forte, feliz, empoderada.
Sessão 3	<ul style="list-style-type: none"> • Foto-elicitação relacionando a fotografia a sentimentos, percepção e personalidade; • Diálogo sobre a escolha da imagem da sessão anterior; • Intervenção plástica na fotografia: marcadores e pastel; • Desafio fotográfico: Fotografar algo que represente você.
Sessão 4	<ul style="list-style-type: none"> • Foto-elicitação sobre o papel da mulher na sociedade; • Diálogo sobre a escolha da imagem da sessão anterior; • Intervenção plástica na fotografia: colagem; • Desafio fotográfico: Como os outros nos veem?
Sessão 5	<ul style="list-style-type: none"> • Foto-elicitação, construindo narrativas; • Construção de um painel sobre a etnia cigana;
Sessão 6	<ul style="list-style-type: none"> • Foto-elicitação, imagens que representam fases da vida; • Dinâmica com afirmações sobre ser mulher, concordo ou não concordo; • Intervenção plástica na fotografia: O que espero para o meu futuro; • Outros exemplos de técnicas de fotografia híbrida.

IV APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Optou-se por dividir este capítulo de acordo com cada sessão realizada, sendo apresentada a triangulação dos dados recolhidos através das diversas técnicas e instrumento de recolha (diário de bordo, entrevistas, grelha de observação, dados das atividades de foto-elicitación, análise do portfólio das fotografias híbridas, e do material audiovisual recolhido durante as sessões). A transcrição das entrevistas feitas durante os exercícios de foto-elicitación encontram-se no Anexo III, enquanto as grelhas de observação referentes a cada sessão encontram-se no Anexo IV.

Como foi explicado no capítulo **2.4 Orientações metodológicas**, será feita a análise semiótica interpretativa do material visual produzido pelas participantes. Para tal, optou-se por, dentre as diversas abordagens possíveis para elaborar a interpretação e descrição dos signos, seguir-se a distinção feita por Barthes (2006) em que os signos podem ser descritos de forma denotativa ou conotativa, a primeira trata-se de uma apresentação descritiva simples do que se ver, em contrapartida, a significação conotativa é construída a partir dos conceitos de retórica (significante) e ideologia (significado), que atuam numa camada invisível intrinsecamente relacionada ao contexto cultural. Apresentando a seguinte definição:

Quanto ao significado de conotação, tem um caráter ao mesmo tempo geral, global e difuso: é, se se quiser, um fragmento de ideologia: o conjunto das mensagens em português remete, por exemplo, ao significado "Português"; uma obra pode remeter ao significado "Literatura"; estes significados comunicam-se estreitamente com a cultura, o saber, a História; é por eles que, por assim dizer, o mundo penetra o sistema; a ideologia seria, em suma, a forma (no sentido hjelmsleviano) dos significados de conotação, enquanto a retórica seria a forma dos conotadores. (Barthes, 2006, p.97)

Pelo facto de os registos fotográficos feitos pelas participantes apresentarem e representarem como elemento principal e crucial a figura humana, mais especificamente a mulher e o seu papel social e cultural, optou-se para o processo de descrição dos signos, aliar a significação denotativa e conotativa de Barthes (2006) a lista de Dyer (1982), que auxilia a análise de materiais visuais centrados na representação de pessoas (como citado em Rose, 2016, p.115-116).

É importante mencionar que a interpretação do investigador é sempre parcial, porém quanto mais evidências forem coletadas mais fiável será a análise. Didi-Huberman

(2004) afirma que as representações visuais possuem sempre um lado oculto, do qual não se consegue fazer uma leitura racional e que só são passíveis de interpretação a partir do entendimento sobre o processo de subjetividade da própria interpretação (como citado em Dias & Irwin, 2013, p.77), “nesses processos interpretativos, intersectam-se as histórias do narrador, do acontecimento narrado e do leitor/espectador confluindo para o sentido final” (Dias & Irwin, 2013, p.77).

SESSÃO 1 (20/04/2022)

Comecei por apresentar o projeto, as atividades e o assunto que seria abordado, inicialmente as participantes aparentavam estar mais agitadas e desconfiadas. Quando comecei a trabalhar as questões de gênero, sobre o papel da mulher na sociedade e perguntei a opinião delas sobre a desigualdade de gênero, a participante **Simone** logo se pronunciou afirmando que “hoje em dia é tudo igual, não existe diferença” (a respeito dos papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade), as participantes **Dorothea** e **Francesca** apenas riram e as outras permaneceram em silêncio.

Em seguida, foram apresentados aspetos de controle, participação e partilha, onde foi informado que, se escolhessem participar do projeto, não precisariam discutir ou fotografar nada que não quisessem, sendo livres para deixar de participar das atividades a qualquer momento. Também foi solicitada a permissão para o registo áudio visual para recolha de dados, de forma que não pudessem ser identificadas, sendo este pedido referido a cada sessão. Foi enfatizada, a importância do projeto em questão para serem trabalhadas competências como o autoconhecimento, autoestima e empoderamento da mulher.

Posteriormente, foram questionadas sobre regras de grupo que gostariam de implementar e, ao contrário do que havia sido sugerido, em fazerem o registo fotográfico individualmente, demonstraram maior predisposição em o fazerem de forma coletiva. Neste momento, também se discutiram questões como confidencialidade, respeito, o não julgar, e não existir certo ou errado/melhor ou pior quando se trata da expressão das opiniões e apresentação dos trabalhos artísticos.

Durante o restante da sessão a presença das participantes foi sempre inconstante, as participantes **Dorothea** e **Francesca** estavam com bebê de colo e estavam sempre a sair para cuidar dos filhos, a participante **Simone**, também com filho pequeno, retirava-se da sala com frequência. A participante **Marlene** teve uma presença constante e esteve sempre atenta as dinâmicas realizadas. Ainda durante a apresentação a coordenadora do projeto Giro ó Bairro e a participante **Tarsila**, juntaram-se ao grupo.

Atividade 1 -

Para a primeira atividade, foi apresentado as participantes um conjunto de imagens e solicitado que as observassem com atenção e distribuíssem essas imagens em sequência, da mais positiva para a menos positiva, tendo em consideração a questão do empoderamento feminino. Inicialmente, pareciam focar-se na expressão facial das mulheres nas fotografias como indicadores de tristeza ou felicidade. Depois de algum tempo, apresentaram uma percepção mais aprofundada, passaram a encontrar novos elementos na imagem, indicando aspetos culturais promotores de felicidade para a etnia cigana, como a dança, a música e a maternidade.

Durante a dinâmica, surgiram questões sobre a ambivalência observada em algumas imagens, que poderiam ser interpretadas tanto de forma positiva quanto de forma negativa. Nesta atividade a participante **Marlene** demonstrou que, para ela, a imagem em que a mulher parecia mais feliz e realizada, era a que mostrava uma mulher andando de bicicleta. A sequência de imagens pode ser apreciada em maior dimensão no anexo V.

Figura 4 – Foto-elicitación #sessão 1



Ao observarmos a sequência escolhida é possível perceber o valor dado a maternidade, seguidos pelo valor de diversão, confraternização e bem-estar proporcionado pela dança e pela música dentro da comunidade. Para se referir a imagem seguinte, na qual se observa uma mulher e uma criança se maquiando frente ao espelho, foi apontada a questão da vaidade entre as mulheres. Para a imagem que mostra uma criança entre duas senhoras idosas foi destacado a importância do valor de respeito pelos mais velhos dentro da comunidade como algo primordial. Analisando as duas últimas fotografias da sequência, percebe-se o desconforto das mulheres representadas na imagem em relação a presença ou ao olhar do homem.

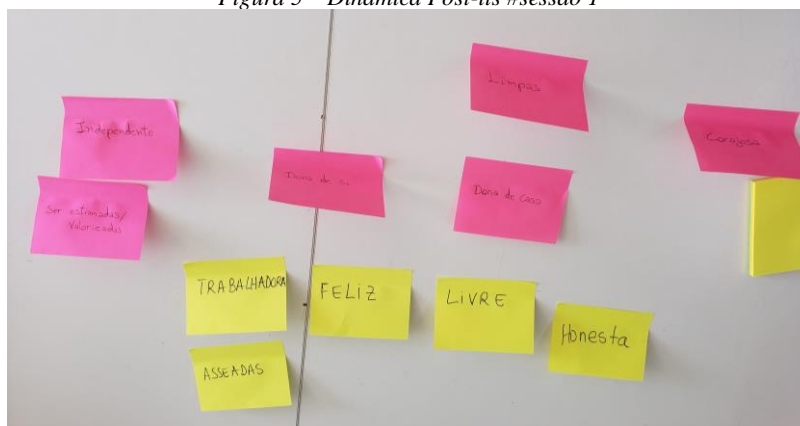
Atividade 2 –

O objetivo desta dinâmica foi fazê-las refletir sobre o papel da mulher na sociedade, sendo solicitado que falassem ou escrevessem palavras, que para elas representassem o que é ser mulher na sociedade. Como algumas das participantes não sabiam escrever, optei por ser eu a escrever as palavras nos *post-its*, tendo a ajuda da coordenadora da instituição. Nessa atividade, estiveram presentes somente as participantes **Marlene**, **Tarsila** e a **Clarice**.

As palavras mencionadas foram as seguintes:

- Feliz
- Livre
- Dona de si
- Corajosa
- Ser estimada/valorizada
- Independente
- Trabalhadora
- Asseadas
- Limpas
- Dona de casa
- Honesta

Figura 5 – Dinamica Post-its #sessão 1



Foi possível perceber a divergência de opiniões entre as participantes **Marlene** e **Tarsila**, enquanto a primeira, com mais idade, escolheu palavras como “dona de casa, limpas/asseadas e honesta”, a segunda, sendo esta sua filha, citou palavras como “independente, trabalhadora e ser valorizada”. Dessa forma, observou-se a influencia do contexto geracional (idade) e da escolaridade na formação das opiniões apresentadas.

Atividade 3 –

Para esta atividade de encerramento da primeira sessão, foi proposto um “desafio fotográfico” no qual as participantes foram desafiadas a responderem à questão “O que é

ser mulher na sociedade contemporânea?” através da fotografia. Para iniciarmos a atividade, expliquei-lhes o funcionamento da câmera estenopeica, o tempo de exposição necessário para a formação da imagem, que varia de acordo com a intensidade de luz presente no ambiente, bem como o processo necessário para a revelação da fotografia. No decorrer do exercício demonstraram estar empolgadas e curiosas em fazer o registro fotográfico com a lata, a participante **Marlene** sugeriu que se fizesse uma oficina de construção de “latas fotográficas” na escolinha do bairro.

A partir do tema sugerido, as participantes escolheram fotografar a participante **Tarsila** a lavar loiça. Esta escolha corrobora com os dados levantados antes da implementação do projeto e que foram apresentados no capítulo “enquadramento teórico”, os quais apontam para a presença de funções e papéis bem definidos para as mulheres de etnia cigana dentro de sua comunidade, além disso, essa escolha levanta diversos questionamentos, como por exemplo: A função de lavar loiça no contexto familiar é feito exclusivamente por mulheres? Este ato é feito por obrigação ou por cuidado/afeto/prazer? O ambiente da cozinha desperta que tipos de sentimentos? Muitas dessas questões foram respondidas nas sessões seguintes.

Durante o exercício tivemos um problema técnico que foi notado somente após o processo de revelação das imagens. Devido ao local escolhido (cozinha) não receber luz natural e a iluminação artificial ser insuficiente em comparação ao tempo de exposição à luz (1 minuto), dessa forma, seria necessário um tempo de exposição muito maior para que a imagem fosse formada (6-8 minutos). Como alternativa ao problema encontrado, realizei testes para perceber o tempo necessário para fotografar em ambientes interiores. Na sessão seguinte levei as fotografias produzidas durante os testes e que representavam a mesma intenção de imagem, alguém a lavar loiça na cozinha. Expliquei o motivo do erro e o que poderíamos fazer para evitar que se repetisse.

Reflexão sessão #1 –

Apesar da presença inconstante das participantes e de algumas permanecerem somente durante a primeira atividade, foi possível perceber características importantes sobre o grupo que esteve presente. Corroborando com o levantamento teórico, logo na primeira atividade se notou uma resistência por parte das participantes em discutir questões relacionadas a desigualdade de gênero, quando **Simone** afirma um pouco enervada “hoje em dia é tudo igual, não existe diferença” e as outras participantes se

omitem. Também ficou claro, que a frequência das participantes seria irregular devido as tarefas de cuidado com a família e com o lar.

Ainda durante a sessão ficou explícita a valorização de alguns aspetos culturais, como a dança, a música, a maternidade, o respeito aos idosos e o sentido união e confraternização entre as pessoas da comunidade. Além disso, percebeu-se a divergência de opinião entre jovens e adultos ao expressar opiniões mais liberais ou conservadoras, acreditando-se estar relacionado a idade e ao nível de escolaridade. A resposta ao desafio fotográfico pôs em evidencia as tarefas domésticas, no caso a atividade de lavar a loiça, como representação da mulher na sociedade, podendo-se sugerir que, como indicado na pesquisa da teórica, sejam obrigações incumbidas as mulheres na comunidade cigana.

Em relação aos aspetos técnicos das atividades de foto-elicitación, notou-se avanços no que concerne a perceção dos elementos presentes na imagem, considerando-se as múltiplas interpretações e ambivalências que levaram a superação de interpretações iniciais simplórias, deixando-se de observar apenas a expressão facial das pessoas presentes na fotografia e passando-se a analisar todos os outros elementos que compunham a imagem, objetos, cenário, ações etc.

SESSÃO 2 (27/04/2022)

No início da sessão estavam presentes apenas duas participantes, **Tarsila** e a **Clarice**, porém nas atividades seguintes novas participantes juntaram-se ao grupo. Devido ao ingresso de participantes que não estavam presentes durante a primeira sessão do projeto, fez-se necessário reforçar os aspetos de participação, controle e partilha. Observou-se que o grupo está sempre mudando e que nem sempre as mesmas participantes estarão presentes, houve uma maior participação de mulheres jovens e crianças.

Notou-se um maior envolvimento das participantes durante as atividades práticas, principalmente durante as intervenções plástica sobre a fotografia e durante o debate gerado a partir delas. Devido ao curto tempo de disponibilidade da maioria das participantes e por perceber um nível de interação e conforto já estabelecido entre elas, optou-se por realizar-se dinâmicas iniciais de grupo somente quando se notar necessário.

Atividade 1 -

Foram dispostas algumas imagens sobre uma mesa e solicitado as participantes que escolhessem uma que mais chamasse sua atenção. Foi recomendado que pensassem sobre os elementos da imagem, cores, composição, intenção e possíveis significados da

fotografia escolhida. Durante a atividade foram sendo realizadas perguntas como: Há algum elemento principal? Algo que desperte a atenção? Em qual ambiente foi feita? Conseguem imaginar alguma história por trás da imagem? Ela transmite uma primeira impressão? Algum sentimento associado? Quais cores você vê na imagem? Elas transmitem algum significado?

Figura 6 – Foto-elicitación #sessão 2



Figura 7 – Fotografia de autoria de FARZANA WAHIDY Figura 8 - Fotografia de autoria de INGE MORATH



Inicialmente apresentaram uma descrição muito literal da imagem, a participante **Clarice** destaca em relação a sua imagem a questão da imposição para as mulheres em algumas culturas cobrirem todo o corpo, “nem os olhos elas têm a amostra, já viste, deve ser horrível”, para ela a repetição do azul na imagem reflete a obrigação de usarem essa vestimenta, “o impacto que tem o azul, tendo em conta que elas estão todas de azul, se calhar, reflete um pouco essa obrigação, porque todas tem que estar com um manto com a cara tapada...”. A participante **Tarsila** comenta sobre a foto de **Clarice**, “Opa, isso deve ser um bocado mal”, “será que elas em casa podem tirar isto?”, “a mulher é bem discriminada nesse país”.

A participante **Tarsila**, instintivamente relaciona a imagem aos sentimentos, “isso reflete alegria, porque a dança pra gente é uma alegria”, “só de ver esses pés e esse vestido no ar, lembram-me as nossas danças...”, “a nossa maior tradição é a dança e a música,

por isso é que me chamou atenção essa imagem”. Comentando sobre a imagem da **Tarsila**, a participante **Clarice** afirma “não tem luz, não tem cor, mas tem a sensação de movimento... vê-se que a saia tá a rodar”.

Atividade 2 -

Falar sobre a escolha do registo fotográfico feito na sessão anterior, na qual, foi solicitada uma foto que representasse “o que é ser mulher na sociedade”, as participantes escolheram fotografar uma mulher a lavar loiça na cozinha. A partir daí gerou-se uma conversa sobre o espaço da cozinha. Posteriormente foi feita a intervenção plástica sobre o suporte fotográfico e reflexão sobre o significado e escolha das cores para pintar a imagem.

Figura 9 – Resultado desafio fotográfico 1



Figura 10 - Resultado desafio fotográfico 1



Durante o debate sobre as fotografias realizadas na sessão anterior, fez-se uma reflexão sobre o ambiente escolhido, a cozinha. Quando questionadas se gostavam daquele ambiente e que sensações ele transmitia a participante **Clarice** afirma que: “eu gosto de estar, por exemplo, se tiver alguém que vá lá a minha casa comer, adoro tá na cozinha e estarmos ali todos a fazer comida e conversar... pá, todos os dias, todos os dias fico chateada. E ter que lá tá todos os dias, sozinha, sabes? E, porque é uma obrigação, porque tem que ser eu, aborrece-me”, “Mas também gosto, também me sinto bem, sinto-me dinâmica, quando tô lá e tô bem gosto de fazer”. **Tarsila** afirma “Eu gosto. Às vezes dá-me calma estar na cozinha”.

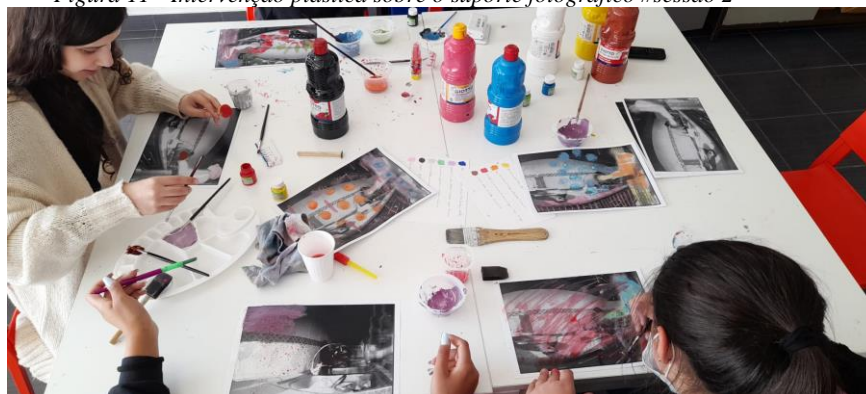
Para o início da atividade de intervenção plástica sobre o suporte fotográfico, foram apresentadas fotografias de artistas que trabalham com a aplicação de tinta na fotografia, apresentei os materiais que tínhamos a disposição, que incluíam tinta *guache* e *aguarela* e pinceis de diferentes formatos, citando exemplos de aplicação da tinta e a possibilidade de mistura das cores. Para a atividade foi disponibilizada uma tabela que

relacionava as cores a sentimentos e sensações, facilitando uma leitura pós-intervenção que pudesse ser associada as emoções (tabela 2):

Tabela 2- Sugestão de significado para as cores

	PRETO	Negação, agressividade, angústia.
	CINZENTO	Neutralidade, incerteza, tristeza.
	AZUL	Harmonia, satisfação, calma; Frio, tristeza, solidão.
	LILÁS	Equilíbrio, lucidez, reflexão; Vaidade, egocentrismo.
	ROSA	Feminilidade, delicadeza.
	VERMELHO	Atividade, dinamismo, paixão, força; Calor, sangue.
	LARANJA	Equilíbrio, espiritualidade, fidelidade; Luxúria.
	AMARELO	Otimismo, serenidade, alegria, energia; Inveja.
	CASTANHO	Simplicidade, seriedade; Comodismo.
	VERDE	Perseverança, esperança, renovação, natureza.

Figura 11 - Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico #sessão 2



Posteriormente foi feita uma reflexão e debate em grupo sobre as mudanças geradas na imagem e os sentimentos relacionados a criação artística. A seguir serão apresentadas as fotografias híbridas acompanhadas pela descrição feita por cada participante e que foram transcritas pela investigadora. A partir desse material foi feita uma análise semiótica interpretativa e apresentada em forma de uma tabela para cada obra produzida, sendo esta análise feita considerando ambos imagem e texto. Como foi mencionado no início deste capítulo, a análise se baseou nos conceitos de denotação e conotação descritos por Barthes (2006), procurando-se expor as interpretações que a investigadora julgou fazer mais sentido dentro do contexto cultural e de gênero em análise.

Clarice:

“...ter que lá tá todos os dias sozinha sabes, porque é uma obrigação, porque tem que ser eu, aborrece-me” (cozinha)

Figura 12 - Fotografia híbrida Clarice #sessão 2



“... escolhi aqui **o verde da perseverança** na imagem da pessoa e o **verde também na esperança** de que isto seja só um momento rápido e que passe rápido. Tenho aqui uns picos de cores, **fiz mesmo picos intencionalmente, porque, realmente o fato de estar na cozinha traz-me vários sentimentos e traz-me picos de sentimentos.** Tenho momentos de reflexão, às vezes quando tô sozinha é o momento em que eu penso em muita coisa do que aconteceu no dia ou do que vai acontecer ou o que se passa na minha vida. **O azul, tem momentos de, aqui pode ser calma, depende do meu estado de espírito, depende da reflexão que eu estiver a fazer, ou então de solidão e tristeza** também porque tô ali sozinha e sinto que não deveria estar sozinha, apesar, lá está, são

picos porque posso ficar feliz, a momentos que fico feliz por isso, mas há outros, noutra pico posso ficar revoltada porque sinto que não deveria estar sozinha. **O vermelho, é uma atividade que eu tento fazê-la sempre com mais dinamismo possível**, para despachar, sou muito dinâmica na cozinha, faço as coisas muito rápido. O laranja, era o que, **o laranja é um bocado esta coisa toda, o equilíbrio, lá está, algumas vezes gosto, outras vezes não gosto**, por tanto tem de haver aqui um equilíbrio sobre os sentimentos. **Escrevi “sem obrigação” porque acho que isto deve ser uma tarefa da mulher que não deve ser uma obrigação**, apesar de que elas escolheram isto (registo fotográfico) por ser uma obrigação, na sociedade é imposto isto quase como uma obrigação. Deve ser feito com prazer, eu **escolhi o rosa por causa da feminilidade**, que deve ser feito com prazer e com gosto, também tenho estes momentos de gosto e de prazer quando estou na cozinha. Pronto, e **depois tenho aqui um salpico destas cores todas, destas misturas de emoções**, há momentos que gosto e há momentos que não gosto, é basicamente isto.”

* Como descrito anteriormente, segue-se a tabela de análise semiótica interpretativa, apoiando-se nos conceitos de denotação e conotação descritos por Barthes (2006).

Tabela 3 – Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: O que é ser mulher na sociedade			Denotação	Conotação
Signos	Mulher	Corpo (idade, género, raça, aparência) Modo (expressão, olhar, pose) Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)	Mulher jovem a lavar loiça.	Apesar dos avanços no que concerne a igualdade de género na sociedade contemporânea, para a etnia cigana os cuidados com casa (lavar a loiça, varrer, cozinhar etc.) ainda são tarefas exercidas estritamente por mulheres. O facto de a figura da mulher estar em movimento na fotografia base, pode vir a representar a perpetuação desse trabalho doméstico como em um movimento repetitivo. (ver base fotográfica – figura 10) Ao mesmo tempo em que transmite a ideia de movimento, a figura humana também aparenta estar a desaparecer, na minha opinião, a obrigatoriedade e a redução da mulher ao seu papel doméstico e familiar pode ser lido como uma perda de identidade, do “ser mulher” para além destas funções. A partir da intervenção plástica a figura da mulher desaparece ainda mais, encoberta por círculos verdes
	Loiça, pia, detergente	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Loiça por lavar.	

	Cozinha	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Recorte do espaço “cozinha” – Bancada e pia.	<p>que para a participante simbolizam a esperança e perseverança, o próprio elemento “círculo” pode ser visto como símbolo de movimento, perpetuação e expansão.</p> <p>Observa-se que a participante adicionou na imagem as frases “sem obrigação” e “com prazer”, como foi referido pela mesma, é uma atividade que deveria ser feita por prazer e não por obrigação.</p> <p>Como foi descrito acima, o significado das cores empregadas foi esclarecido pela participante, pode-se perceber que para ela existe um antagonismo e dualidade sobre os sentimentos associados ao espaço da cozinha, que podem ser positivos ou negativos e se relacionam com a imposição das tarefas domésticas e com o estado de humor. A participante acrescenta que os salpicos de várias cores também refletem essa mistura de sentimentos. Desse modo o espaço da cozinha pode ser explorado como um campo indutor do debate sobre desigualdade de género.</p>
--	---------	---	--	---

Anita:

“A Anita pensou mais na pessoa do que no que está a fazer, do que no ambiente ao redor. Eu acho que quando nós... A partir do momento em que elas vêm a mulher lavando a loiça é a perspectiva que elas têm da mulher na sociedade e acho que hoje em dia já não é muito assim, que nós devemos ter essa mentalidade, o pai, o irmão, o primo ou quem esteja lá em casa também podem ajudar, podem e devem ajudar, porque também sujam, não é?”

Figura 13 - Fotografia híbrida Anita #sessão 2



“... estamos a lavar e nem estamos a ver que estamos a lavar, estamos a pensar mais do que na ação em si. Também aqui a **neutralidade, a perseverança**, quando nós estamos a lavar a loiça também, eu meti **na cabeça que é a racionalidade e a emoção**, as vezes tão ali a jogar um com o outro, e pronto, temos que fazer este **equilíbrio entre a emoção e o ser racional e o ser objetivo** nas nossas ações. Aqui meti a **feminilidade, a delicadeza no ato de cozinhar**, porque também a ideia que tenho, a mulher é mais delicada nas coisas, há homens também né? Mas a mulher é mais delicada aos pormenores, então associei o ato de cozinhar a delicadeza. Mas pronto, conheço homens que também tem essas características.”

* A **semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte. Por se tratar de uma imagem semelhante à da tabela anterior e que ressalta os mesmos aspetos, os dois primeiros parágrafos referentes às descrições conotativas foram removidos para evitar repetições, contudo se aplicam a todas as outras imagens presentes nessa seção.**

Tabela 4– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: O que é ser mulher na sociedade			Denotação	Conotação
Signos	Mulher	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Mulher jovem a lavar loiça.	Apesar da imagem utilizada como base ser ligeiramente diferente da anterior (ver figura 11), a sensação de movimento e desaparecimento também são percebidas, contudo, a participante optou por encobrir completamente a figura da mulher,
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		

	Loiça, pia, detergente	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Loiça por lavar.	engessando-a de certa forma. Mesmo que seja perceptível a natureza humana da figura, esta já não parece ter vida própria, tornou-se uma estátua presa a função de lavar a loiça. A cor cinza que predomina nessa figura é utilizada com o significado de neutralidade, que também pode ser vista como imparcialidade ou a própria ausência de movimento.
	Cozinha	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Recorte do espaço “cozinha” – Bancada e pia.	Em relação a região da cabeça da figura a participante descreve a dualidade entre racionalidade e emoção, afirma que é necessário encontrar o equilíbrio nesse aspeto. Porém é notada a presença da cor preta nessa região e no espaço da pia, o seu significado não foi referido de forma verbal, mas segundo a tabela disponibilizada, poderia significar negação, agressividade ou angústia. Ressalta-se também, o vermelho nas mãos e na pia que está relacionado ao dinamismo da atividade. Uma vez mais, observa-se a palavra “feminilidade” associada ao ato de cozinhar.

Frida:

“...me fez lembrar momentos em que lavei a loiça, mas assim, pronto, momentos mais repetidos e aquilo que partilhei, mentalmente comigo mesma, consegui rever *bue* emoções. Por isso é que, pronto, teve *bue* sentido pra mim.”

Figura 14 - Fotografia híbrida Frida #sessão 2



“Assim, emoções mais negativas, pronto, a frigideira teve de ser, mas de resto consegui buscar outras emoções boas. O cinzento, pronto, há momentos pra tudo. Acho que só assim mais negativo foi a questão aqui, pronto, mais angustiante, mais frustrante, pronto, vais buscar pensamentos ou situações que estejas mais triste. Às vezes aqui entretenho-me bastante, daí **o dinamismo da atividade do vermelho**, daí **o roxo tá a refletir a lucidez**, mas **o cinzento aqui, às vezes, pronto, em algumas incertezas de pensamentos**, pronto, passa tudo na reflexão, isso é mais os negativos, porque de resto estamos sempre a **renovar pensamentos, o verde**, pronto, fui muito por aí.”

* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 5– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: O que é ser mulher na sociedade			Denotação	Conotação
Signos	Mulher	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Mulher jovem a lavar loiça.	Observa-se novamente o preenchimento da figura da mulher, contudo, ao contrário da intervenção anterior, esta parece dar-lhe forma e contorno através das cores. Essa tentativa de dar forma pode ser considerada como a busca pela expressão da individualidade, a procura de se afirmar nesse espaço e nesse contexto. A cor predominante na figura é o roxo que reflete a
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
	Loiça, pia, detergente	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Loiça por lavar.	

			lucidez e que pode estar relacionada com o “estar presente” e consciente. Percebe-se a utilização de pinceladas mais fluidas e curvas, que me transmitem a sensação de liberdade.
	Cozinha	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	<p>Uma vez mais é citada a dualidade de sentimentos despertados por esse espaço “cozinha”, mas para além disso foi ressaltado como um ambiente que promove a renovação de pensamentos, expressando de certa forma um caráter terapêutico. Observa-se novamente a presença do dinamismo na realização da atividade de lavar loiça.</p> <p>Recorte do espaço “cozinha” – Bancada e pia.</p>

Berthe:

“Gosto de lavar as facas”

“Eu gostei” (do trabalho que produziu)

Figura 15 - Fotografia híbrida Berthe #sessão 2



* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 6– Análise da imagem:

<i>Desafio Fotográfico: O que é ser mulher na sociedade</i>			Denotação	Conotação
Signos	Mulher	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Mulher jovem a lavar loiça.	A participante não fez comentários sobre o significado das cores empregadas, mas demonstra gosto pela atividade de lavar loiça. Tendo
		Modo (expressão, olhar, pose)		

	Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		isso em mente, uma interpretação mais positiva das cores utilizadas poderia trazer a harmonia, feminilidade e equilíbrio, representados respectivamente pelo azul, rosa e laranja.
Loiça, pia, detergente	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Loiça por lavar.	Observa-se um padrão de linhas retas e círculos. A linha vertical, enquanto estabelece um ritmo, divide partes da imagem. Já os círculos, que geralmente transmitem a ideia de movimento, parecem estáticos devido a cadência com que foram empregues e pela separação estabelecida pelas linhas retas.
Cozinha	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Recorte do espaço “cozinha” – Bancada e pia.	Aparenta uma desarmonia entre racionalidade e fluidez, ao mesmo tempo em que se percebe um movimento, parece ser algo rígido e controlado.

Hilda:

“Eu gosto” (estar na cozinha)

O que o azul significa pra ti?

“Bom”

E o rosa?

“O rosa, mais ou menos”

Figura 16 - Fotografia híbrida Hilda #sessão 2



* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 7– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: O que é ser mulher na sociedade			Denotação	Conotação
Signos	Mulher	Corpo (idade, gênero, raça, aparência)	Mulher jovem a lavar loiça.	A participante não fez comentários muito específicos sobre o significado das cores empregadas, fala da cor azul como algo “bom” e da cor rosa como “mais ou menos”. O aspeto positivo do azul seria a harmonia, satisfação e a calma, esta cor está concentrada na região das pernas da figura da mulher e que podem ser associadas a possibilidade de movimento e a sustentação do corpo, contudo os sentimentos positivos relacionados a cor azul transmite a ideia oposta de escolher permanecer nesse espaço.
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
	Loiça, pia, detergente	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Loiça por lavar.	Temos então uma rutura, divisão que separa a região do tronco da região das pernas e é preenchida pela cor rosa, pode estar associado a nos manter eretos, alinhados em determinada direção, associando-se com a cor rosa que expressa feminilidade. Destaca-se também o roxo, que parece assumir um formato de nuvem na parte superior da imagem e que pode estar associado a lucidez e a reflexão.
	Cozinha	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Recorte do espaço “cozinha” – Bancada e pia.	

Mary:

“Representa a minha mãe a lavar a cozinha.”

“Lavar loiça sou eu, arrumo a mesa, varro o chão.”

“Não gosto, sinto raiva porque quando tô a brincar ela chama-me só para arrumar a cozinha.”

“Sim, senti-me bem com o que fiz com o desenho, sim.”

Figura 17 - Fotografia híbrida Mary #sessão 2



* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 8– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: O que é ser mulher na sociedade			Denotação	Conotação
Signos	Mulher	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Mulher jovem a lavar loiça.	A raiva expressada pela participante associada ao ambiente da cozinha pode ter sido reproduzida na forma como a tinta foi atirada sobre a fotografia, formando esses pontos e linhas de diferentes proporções. Nota-se a presença do vermelho, do roxo e do rosa bem claro, em tom de bege (rosa+amarelo), podendo associar-se a questão do dinamismo ou da própria raiva, a lucidez, reflexão, feminilidade e energia. O canto superior esquerdo da imagem foi preenchido de forma mais consistente com a cor roxa, antes de terem sido feitos os salpicos, podendo indicar irritação ou descontentamento com essa primeira tentativa de preenchimento.
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
	Loiça, pia, detergente	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Loiça por lavar.	
	Cozinha	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Recorte do espaço “cozinha” – Bancada e pia.	Essa foi a única intervenção em que a figura da mulher foi “ignorada” e não foi coberta por tinta, percebe-se dessa forma que o foco da participante estava no cenário da cozinha e nos sentimentos que esse ambiente desperta em si.

Atividade 3 -

Para o “desafio fotográfico” proposto nesta sessão, as participantes foram desafiadas a fotografar o tema “Uma situação em que a mulher se sinta forte, feliz, empoderada”. Durante a realização dos registos fotográficos foram referenciados aspetos como: união, solidariedade, ajuda mútua, cuidado e respeito.

Figura 18 – Desafio Fotográfico



Reflexão sessão #2 –

A dificuldade de se trabalhar com um grupo sempre cambiante é que informações importantes a respeito do projeto terão que ser sempre reforçadas, bem como características mais técnicas do registo fotográfico e da leitura de imagens. No exercício de foto-elicitación, percebeu-se que as perguntas direcionadas as imagens induziram a reflexões mais profundas.

Durante atividade uma vez mais foi destacada a importância da dança para a comunidade e a participante enfatiza a alegria que a fotografia lhe transmite (figura 8), evidenciando a relação entre imagem e sentimentos. Em relação a outra fotografia escolhida nesse exercício (figura 9), além das questões mencionadas, foi questionado se de alguma forma aquela situação não era reproduzida na nossa sociedade, Tarsila comenta que depende do marido ou do namorado e Clarice afirma que também depende da mulher (anexo III). Observa-se dessa forma que a realização dos desejos e vontades das participantes ainda esta atrelado a um contexto de submissão ao homem, mesmo que não seja algo percebido por elas de forma consciente.

Percebeu-se que o espaço da cozinha, bem como as atividades domésticas, despertam sentimentos conflitantes entre as participantes, que muitas vezes gostam da atividade, mas não gostam da obrigatoriedade de ser exclusivamente elas a terem que cumprir essa função. Constatou-se que as participantes mais novas (11-12 anos), tiveram

dificuldade em elaborar respostas complexas sobre os seus sentimentos e emoções. Destacaram também o prazer em realizar a intervenção plástica e em poder demonstrar as emoções através das cores, pinceladas, imagem (anexo III).

Com a realização do desafio fotográfico, verificou-se um forte sentido de partilha, união e coletividade, no qual todas as encenações feitas para o registo foram conversadas e decididas em conjunto, cada participante experimentou fotografar e ser fotografada.

SESSÃO 3 (04/05/2022)

As participantes demonstraram interesse na relação existente entre imagem e sentimentos, bem como no facto de poder utilizar as cores e a fotografia para os expressar. Após os primeiros exercícios que procuraram relacionar as imagens com as emoções, passaram a fazê-lo de forma instintiva, tecendo comentários a respeito dessa relação sem serem questionadas. Estavam sempre ansiosas para o início da atividade de intervenção plástica.

Atividade 1 -

Fotografias foram espalhadas pelo espaço onde a sessão seria realizada, foi solicitado as participantes que escolhessem uma fotografia que representasse como elas estavam se sentindo, em seguida foi feito um debate sobre as fotografias escolhidas. Depois foi pedido para que trocassem a fotografia anterior por uma que refletisse a sua personalidade e foi feito uma nova discussão.

Inicialmente fizeram apenas declarações literais e sem associação aparente com as imagens escolhidas, **Mary** afirma “estou-me a sentir bem”, **Hilda** “estou-me a sentir feliz” e **Frida** escolhe a expressão “fazer-me a vida”. Por outro lado, **Tamara** referiu-se a sua imagem “eu gostei dessa imagem pois dá-me o sentido de liberdade” e **Anita** afirma que “a minha transmitiu-me tranquilidade, beleza e serenidade”, mostrando uma reflexão mais aprofundada e o estabelecimento de uma relação entre imagem e sentimentos. Quando solicitado que trocassem por uma imagem que representasse suas personalidades, algumas participantes demonstraram dificuldade em entender o conceito de personalidade e de “quem sou eu”.

Tamara:

Figura 19 – Fotografia de autoria de ANNA VOLPI



“Eu gostei dessa imagem porque dá sentido de liberdade, dá para...nós em cima de qualquer coisa com roda vamos a todo lado e minha vida é isto, a liberdade.” (sentimento)

“Livre.” (personalidade)

Hilda:

Figura 20 - Fotografia de autoria de EYLÜL ASLAN



“Eu estou-me a sentir feliz, muito feliz.” (sentimento)

“Triste (...) porque as flores para nós significam a morte.” (personalidade)

“Isto é a morte, fico triste de olhar pra isto.”

Berthe:

Figura 21- Fotografia de autoria de ELENA ANOSOVA



“Tô com sono” (sentimento)

“Feliz” (personalidade)

Frida:

Figura 22- Fotografia de autoria de HELEN LEVITT



“A minha expressão é fazer-me a vida.” (sentimento)

“Eu quero manter, senão eu trocava por aquela no sentido de ser livre, mas não é só ser livre, é no sentido de eu sou capaz. Eu sou capaz, a mim acho que abrange também isto, não sei, acho que a imagem é forte.” (referindo-se a imagem de Tamara)

“Resiliente, é a minha melhor qualidade.” (personalidade)

Anita:

Figura 23- Fotografia de autoria de FARZANA WAHIDY



“A minha transmitiu-me tranquilidade, beleza, serenidade” (sentimento)

Mary:

Figura 24- Fotografia de autoria de MERIDITH KOHUT



“Eu estou-me a sentir bem. Eu estou-me a sentir contente.” (sentimento)

“Eu acho-me uma pessoa divertida.” (personalidade)

Atividade 2 -

Em seguida foi feita a reflexão sobre as fotografias produzidas na sessão anterior, foram lembrados os aspetos referenciados (união, solidariedade, ajuda mútua, cuidado e respeito). Esses aspetos também foram percebidos em outras sessões do projeto, em que se observou um forte senso de partilha e comunhão, como se todas fizessem parte de uma grande família.

Figura 25- Resultado desafio fotográfico 2



Figura 26- Resultado desafio fotográfico 2



Figura 27 - Resultado desafio fotográfico 2



Figura 28 - Resultado desafio fotográfico 2



Figura 29 - Resultado desafio fotográfico 2



Figura 30 - Resultado desafio fotográfico 2



Antes de iniciarmos a intervenção plástica sobre a fotografia, apresento imagens de artistas que trabalham com o tipo de intervenção que será utilizada na sessão, apresentadas como exemplos de intervenção. Durante este momento, percebeu-se como resultado do exercício anterior que as participantes demonstraram uma pré-disposição instintiva para associar as fotografias aos sentimentos que transmitiam, expressando-se sem serem questionadas sobre esse aspecto em particular. Em seguida, questionei-as sobre os elementos das fotografias das artistas que para elas se destacavam e sugeri que também escolhessem um elemento principal para enfatizar durante as suas intervenções.

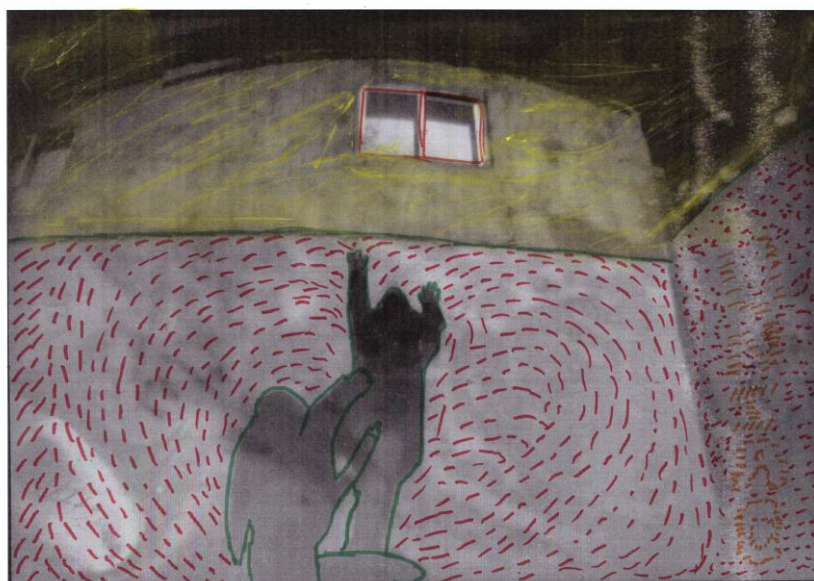
Figura 31 - Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico #sessão 3



Durante o debate pós-intervenção, inicialmente expressaram-se de maneira literal e simples em relação ao material produzido. Depois, quando questionadas sobre o que estavam pensando e sentindo durante a produção e em relação a escolha das cores, começaram a apresentar opiniões mais aprofundadas. De seguida procederemos, à semelhança da sessão anterior, à apresentação da fotografia híbrida e da transcrição das informações dadas por cada participante a respeito de sua obra, aliadas a leitura semiótica interpretativa realizada pela investigadora e compilada nas tabelas que acompanham cada fotografia.

Anita:

Figura 32 - Fotografia Híbrida Anita #sessão 3



“Eu fui de encontro à atividade que tínhamos feito na semana passada com as cores, para representar o que cada cor queria dizer. O amarelo, o otimismo, aqui, o dinamismo, a força, depois aqui a perseverança, o equilíbrio.”

“O traço assim, tem a ver com o dinamismo e com o movimento, o vermelho. Pronto, aqui o amarelo é quando nós já conseguimos atingir o otimismo e a força que nos transmite. E pronto, e depois, deriva o dinamismo e a força que está a ser transmitida a outra pessoa, tentando atingir o otimismo, o equilíbrio. Depois, aqui também escrevi a palavra “união”, com cor de laranja. Acho que é só.”

*** A semelhança da sessão anterior, segue-se a tabela de análise semiótica interpretativa, baseada nos conceitos de denotação e conotação descritos por Barthes (2006).**

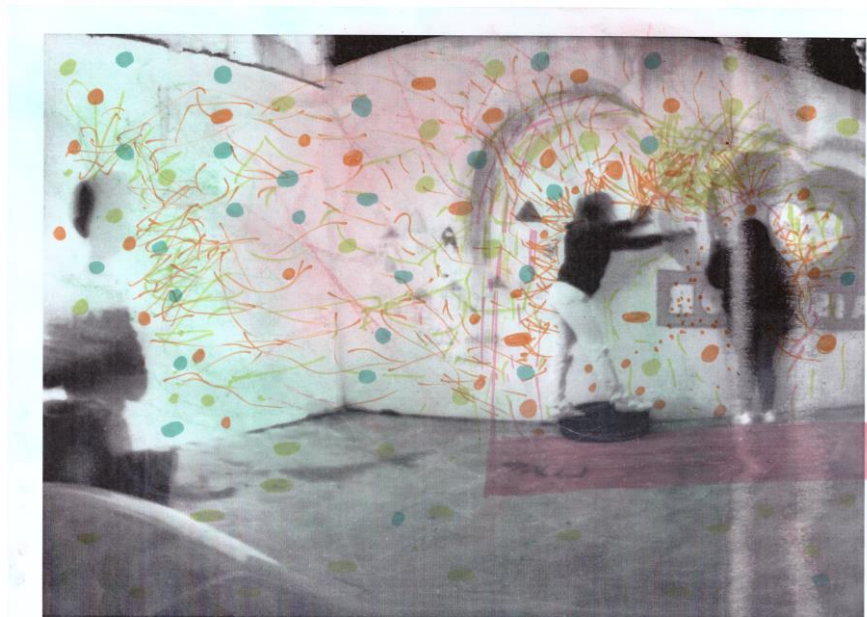
Tabela 9 – Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: Uma situação em que a mulher se sinta forte, feliz, empoderada			Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Uma mulher ajuda uma outra a subir o muro para alcançar a janela	Percebe-se que as duas mulheres foram destacadas com um contorno verde que, como foi referido pela participante, representa a perseverança. A questão da entreatajuda e da solidariedade é algo que é sempre mencionado pelas pessoas da comunidade em estudo e é percebido na fotografia em análise (figura 30 e 34) que destaca essa característica. Observa-se que as mulheres em destaque tentam escalar o muro para alcançar a janela. O muro pode ser interpretado como uma barreira
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
Janela, muro	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	A janela e o muro foram coloridos de forma a se destacarem na imagem		

	Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior descoberto (sem telhado), com muro alto.	física ou uma limitação a ser superada. Foi preenchido em parte com riscos vermelhos próximo a figura das mulheres, a participante afirma que o traço tem a ver com o dinamismo e com o movimento do vermelho, e pela cor amarela sólida próximo a janela, “quando nós já conseguimos atingir o otimismo e a força que nos transmite”. A janela pode ser lida como uma saída, ponto de fuga e libertação, refletindo o otimismo do amarelo a sua volta e o dinamismo e a força no contorno vermelho que a destaca. Em laranja é enfatizada a palavra “união” que, além do seu próprio significado, foi associada ao equilíbrio.
--	-----------------	---	--	---

Frida:

Figura 33 - Fotografia Híbrida Frida #sessão 3



A participante não pôde permanecer durante o diálogo pós-intervenção, mas afirmou que foi de encontro à atividade que tínhamos feito na semana anterior com o significado das cores. Sobre a imagem que escolheu como referência e sobre a imagem utilizada como base afirmou que:

“Olha, eu gosto desta, transmite-me o clima de festa, transmite-me sentimentos alegres. Quanto a foto, quero a minha, que tô a ajudar, esta. O fato de sabermos que vamos ajudar o outro, tem que ser bom, temos que ter gosto em fazer isto.”

* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 10– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: Uma situação em que a mulher se sinta forte, feliz, empoderada		Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Novamente é percebida as características de entreadjudada e solidariedade, na imagem (figura 27 e 35) vê-se duas mulheres que pintam o muro. O muro apresenta cores diversas que contornam e dão destaque as mulheres, predominam as cores azul, verde e laranja, podendo estar associadas respetivamente a harmonia e satisfação, perseverança e renovação e ao equilíbrio, associando-se estas cores a sua vertente positiva. A cor rosa aparece como um bloco de sustentação sob os pés das mulheres, a cor pode ser associada a feminilidade.
		Modo (expressão, olhar, pose)	
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)	
	Muro	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	O muro foi preenchido com linhas e pontos, em azul, verde e laranja.
Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior descoberto (sem telhado), com muro alto e chão de cimento.	

Berthe:

Figura 34 - Fotografia Híbrida Berthe #sessão 3



“Eu achei bonito.”

E em que você pensou quando estava pintando?

“Na minha imaginação. (...) as nuvens e os corações.”

O que tu sentes quando olha para os corações e para as nuvens?

“Feliz.”

*** A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.**

Tabela 11– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: Uma situação em que a mulher se sinte forte, feliz, empoderada			Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Uma mulher a cuidar das plantas.	Na imagem (figura 28 e 36) observa-se uma mulher a cuidar de um jarro com plantas e que olha diretamente para a câmara, trazendo a ilusão de que nos observa, dessa forma o espectador sente-se incorporado a própria imagem. O Cuidado com as plantas pode estar associado ao crescimento e a prosperidade. O cuidado com a família e com os irmãos mais novos é
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
Jarro, planta	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	O jarro encontrasse apoiado sobre uma mesa, observa-se também um pneu apoiado no muro.		

	Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior descoberto (sem telhado), com muro alto e chão de cimento.	incentivado e ensinado as mulheres ciganas desde muito cedo. Ambas, a planta e a mulher, foram destacadas com a cor verde que pode representar a perseverança, esperança, renovação e a própria natureza. No muro observa-se o desenho do sol, nuvens, coração e flor, todos associados pela participante ao sentimento de felicidade.
--	-----------------	---	--	--

Hilda:

Figura 35 - Fotografia Híbrida Hilda #sessão 3



“Eu senti-me nervosa.”

“Porque eu tava a fazer tão bem e depois deu-me nervos.”

*** A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.**

Tabela 12– Análise da imagem:

<i>Desafio Fotográfico: Uma situação em que a mulher se sinte forte, feliz, empoderada</i>			Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Duas mulheres seguram uma bola de futebol. Enquanto dois rapazes aparecem sentados no canto esquerdo da imagem.	Observa-se na imagem (figura 30 e 37) duas mulheres que seguram uma bola de futebol enquanto dois rapazes a observam. O futebol ainda é visto socialmente como um desporto maioritariamente masculino, a fotografia em análise
		Modo (expressão, olhar, pose)		
	Bola	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)		

		A bola aparece em destaque, sendo erguida pelas duas mulheres.	contradiz esse aspeto e mostra exatamente o oposto, onde as mulheres detém a bola e os rapazes assistem a disputa. Apesar de não ser perceptível na imagem que se trata de uma bola de futebol, essa questão de género no desporto foi conversada com as participantes no momento da fotografia, onde a bola foi posicionada de forma a se destacar na imagem.
Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior descoberto (sem telhado), com muro alto e chão de cimento.	Sobre a intervenção plástica na fotografia, a participante afirma ter se sentido nervosa durante o seu processo de criação, é possível perceber esse sentimento expressado na imagem através dos riscos marcados e que preenchem toda a imagem. Não se tem a certeza de que as cores tenham sido utilizadas conforme a tabela de significados apresentados como possibilidade, mas destacam-se o verde, o azul e o vermelho, que podem estar associadas a esperança, harmonia, força etc. (verificar tabela 2).

Mary:

Figura 36 - Fotografia Híbrida Mary #sessão 3



“Olha eu achei feio. Não, tô a brincar.”

“Estava a pensar no jardim, só que fiz tudo mal.”

* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 13– Análise da imagem:

<i>Desafio Fotográfico: Uma situação em que a mulher se sintia forte, feliz, empoderada</i>			Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Mulher jovem a regar planta.	Observa-se na imagem (figura 26 e 38) uma mulher a regar o jardim, demonstrando novamente o cuidado e o zelo associado a mulher, mas ao contrário da figura 36 esta parece estar concentrada na própria ação de cuidar e cultivar. A mulher é coberta por um grande coração vermelho que pode estar associada ao carinho pela colega presente na fotografia ou pela atividade demonstrada, a participante afirma ter pensado no jardim, mas que ficou descontente com o resultado da intervenção com os marcadores.
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
Jarro com planta, regador	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	O jarro encontrasse apoiado sobre uma mesa, enquanto o regador está nas mãos da jovem.	Não se tem a certeza de que as cores tenham sido utilizadas conforme a tabela de significados apresentados como possibilidade, mas destacam-se o verde e o vermelho, que podem estar associadas a esperança, força etc. (verificar tabela 2). Aparentemente os pontos em azul e vermelho tem a intenção de formar alguma palavra, mas isso não foi esclarecido pela participante.	
Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior descoberto (sem telhado), com muro alto e chão de cimento.		

Tamara:

Figura 37 - Fotografia Híbrida Tamara #sessão 3



“Eu acho que tentei pegar um bocadinho no que é a escolinha, por tanto meti ali o arco-íris, o coração e as casas. Meti duas portas, porque acho que toda gente deve ter duas saídas, né? Eu acho que há outras maneiras de seguir a vida, né? Por exemplo, eu via um futuro muito mais propício para algumas das crianças deste bairro, por exemplo a **Lygia**, eu vejo a **Lygia** a sair daqui a estudar, a ter uma boa vida, porque é uma menina inteligente e ela sabe que é. Via a **Mary** também a seguir qualquer coisa, a **Berth** se calhar, na parte das artes. Só que o problema é que eles escolhem sempre a porta mais fácil, que é, chegam em uma idade e casam, tem filhos e ficam aqui, e eu acho que era bom eles perceberem que há mais para além disto.”

* A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.

Tabela 14– Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: Uma situação em que a mulher se sinta forte, feliz, empoderada		Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Três mulheres a pintar o muro, uma aparece abaixada e as outras duas de pé.	Observa-se na imagem (figura 31 e 39) três mulheres a pintar o muro, contudo, as mulheres foram encobertas pela intervenção feita, que parece se relacionar com a pintura já existente no muro e que foi reforçada com o uso dos marcadores. A participante diz ter se inspirado no que representa a escolinha (o espaço em que foram feitas as fotografias costuma ser utilizado para atividades com as
	Muro		

			crianças do bairro), relata que muitas vezes as meninas chegam a uma certa idade, casam-se, tem filhos e acabam por permanecer no bairro, refere que a intenção da sua intervenção sobre a fotografia foi a de representar que existem outras alternativas para além dessa, refere-se ao desenho das portas e escadas como outras possíveis escolhas. A participante não atribuiu o uso das cores a um significado em particular.
	Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior descoberto (sem telhado), com muro alto e chão de cimento.

Atividade 3 -

Inicialmente, havia se pensado para o “desafio fotográfico” propor uma fotografia individual que representasse características pessoais de cada participante, entretanto, tendo em vista que as fotografias estavam sendo realizadas sempre de forma coletiva, optei por sugerir uma associação entre palavras, dessa forma, cada participante escolheu uma palavra que a descrevesse e em seguida fizemos as fotografias em grupo. As palavras escolhidas e a forma como foram representadas foram as seguintes:

Mary: Alegria/divertida – *selfie* coletiva;

Anita: Serenidade – flor;

Frida: Resiliência – ajudando a amiga a subir o muro;

Hilda: Triste – duas meninas chorando encolhidas;

Tamara: Liberdade – árvores e o céu.

Entre outras imagens que foram concebidas como experiências.

Figura 38- Desafio Fotográfico #sessão 3



Reflexão sessão #3 –

Durante a sessão foi reforçada a relação entre imagem e sentimentos, notando-se uma maior facilidade das participantes em estabelecer essa relação de forma instintiva e

imediate. Essa maior abertura e facilidade de interpretação pode se dever ao facto de a maior parte das participantes terem estado presentes na sessão anterior, assim, a repetição das leituras e do diálogo sobre a fotografia pode ter contribuído para a reflexão e comunicação estabelecida com e através das imagens nessa sessão.

As participantes, de forma geral, demonstraram dificuldade em definir a sua personalidade, gostos e desejos, demonstrando a necessidade de desenvolver mais atividades que visem trabalhar a auto percepção que colaborem com a reflexão sobre “quem sou eu enquanto individuo”. Frequentemente, as mulheres de etnia cigana são desde a infância direcionadas ao cuidado com os outros, com os irmãos, a família e a comunidade, colocando a sua individualidade, desejos e sonhos, em segundo plano e submetidos a permissão de outrem.

Com a atividade de intervenção plástica sobre o suporte fotográfico, surgiram mais evidencias que demonstram a forte ligação estabelecida entre os membros da comunidade, no sentido da solidariedade e ajuda. Notou-se novamente a dificuldade das participantes mais jovens em esclarecer de forma oral os sentimentos associados a imagem e ao processo criativo, também foi percebida a representação de símbolos mais literais e infantis como corações, flores e nuvens, não podendo afirmar-se se estão conectados ao assunto abordado ou se estão relacionados apenas a uma escolha mais estética.

Uma das participantes destacou uma questão que está sempre presente nos estudos sobre a comunidade cigana, afirmando que muitas vezes chegam a uma certa idade (ainda muito novas, não é raro que abandonem os estudos), casam, tem filhos e permanecem no bairro/instituição perpetuando esse ciclo. São incentivadas a permanecer no bairro, junto a comunidade e acabam por não serem apresentadas a outras possibilidades de futuro, como por exemplo ingressar na universidade ou morar e trabalhar em outro país.

SESSÃO 4 (11/05/2022)

As participantes mostraram-se mais uma vez ansiosas para verem as imagens produzidas na sessão anterior e para realizarem a intervenção plástica sobre o suporte fotográfico. Durante a sessão surgiram debates importantes sobre questões relacionadas a desigualdade de género, trazendo a percepção de que muitas vezes as mulheres são postas em caixas muito específicas e surgem os estereótipos de género, “o que ela deve ou não deve ser, como deve ou não deve agir”.

Atividade 1 -

Para a primeira atividade, foi solicitado as participantes que completassem a seguinte frase: “A mulher nasceu para _____”. E que escolhessem uma imagem que representasse essa afirmação. Procurando-se estabelecer a relação entre as fotografias, símbolos e emoções. Posteriormente, foi feita a discussão em grupo sobre as fotografias escolhidas para representar cada palavra, optando-se por trocar a fotografia que inicialmente havia sido designada para a palavra “divertida” que retratava duas mulheres a carregar um veículo com mercadores, enquanto a imagem que foi escolhida para substituí-la mostra um grupo de mulheres a dançar. As relações estabelecidas entre fotografia e palavra podem ser mais bem visualizadas no anexo V.

Figura 39 - Foto-elicitação #sessão 4



Figura 40 - Foto-elicitação #sessão 4



Figura 41 - Foto-elicitação #sessão 4



Apesar de ser um exercício semelhante ao que foi realizado durante a primeira sessão, houve, a meu ver, respostas mais positivas e menos conservadoras sobre o papel da mulher. No momento de relacionar as palavras que surgiram com as fotografias disponíveis, houve muita discussão antes de conseguirem entrar em um consenso. Foram propostas as seguintes respostas:

- **Trabalhar** (Lygia) – A imagem escolhida mostra uma senhora que parece trabalhar no ramo da tecelagem.

- **Guerreira** (Lygia) – A imagem retrata uma mulher de costas, tem o cabelo curto/raspado, destaca-se também a planta em suas costas e as diferentes estampas presentes.
- **Divertida** (Mary) – A imagem apresenta um grupo de mulheres a dançar, entre elas duas se destacam.
- **Ser livre** (Tamara) – A imagem mostra uma mulher andando de bicicleta com os pés apoiados sobre o guidão, esboça um sorriso.
- **Ser rica** (Mary) – A imagem apresenta uma mulher dançando em uma sala ampla, com muita luz e portas largas.
- **Ser Mãe** (Hilda) – A imagem retrata aparentemente um quarto onde uma mulher que está deitada em uma cama olha para os pés de um recém-nascido.
- **Ser doida** (Mary) – A imagem apresenta uma criança que sorri ao pentear os cabelos.
- **Ser fiel** (Tamara) – A imagem mostra um casal no dia do seu casamento.
- **Ser feliz** (Mary) – A imagem retrata um grupo de mulheres que batem palmas enquanto uma outra toca acordeão.
- **Ser mulher** (Hilda) – A imagem apresenta uma mulher de costas e com a cabeça baixa, voltada em direção a um rio.
- **Ser asseada** (Hilda) – A imagem mostra uma mulher a lavar roupa.
- **“Pode ser tudo que ela quiser.”** (Lygia)

Atividade 2 -

Iniciou-se com uma conversa sobre a dificuldade que enfrentaram durante a sessão anterior para escolher palavras que representassem as suas personalidades, **Lygia** comentou que foi “mais ou menos difícil”, pois “há muitas coisas que não sou e há muitas que sou”. Quando questionadas sobre o desafio de retratar isso em imagem **Tamara** afirmou que “eu acho que é difícil retratar isto numa só imagem, porque a liberdade para as pessoas é completamente diferente”.

Figura 42 - Resultado desafio fotográfico 3



Figura 43 - Resultado desafio fotográfico 3



Figura 44 - Resultado desafio fotográfico 3



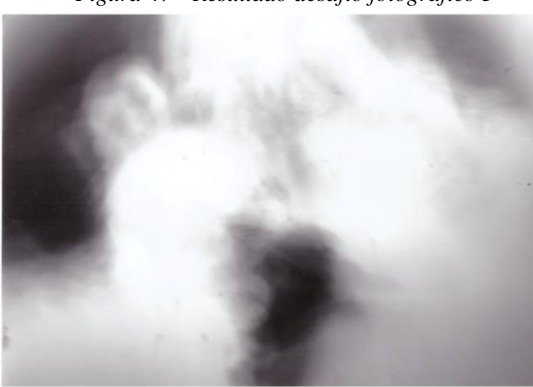
Figura 45 - Resultado desafio fotográfico 3



Figura 46 - Resultado desafio fotográfico 3

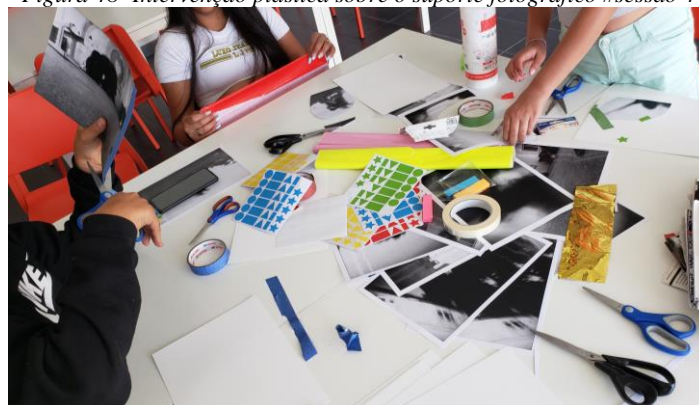


Figura 47 - Resultado desafio fotográfico 3



Para o início da atividade de intervenção plástica sobre a fotografia, pedi que refletissem sobre a atividade anterior e sobre o que significa ser mulher. Durante o debate pós-intervenção apenas duas participantes estiveram presentes, destacando-se percepções como: O erro como algo inerente ao ser humano, as diferenças nas relações entre homens e mulheres, estereótipos do feminino. Notou-se que essas participantes realmente refletiram sobre o assunto proposto.

Figura 48- Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico #sessão 4



À semelhança da sessão anterior, procederemos à apresentação da fotografia híbrida e da transcrição das informações dadas por cada participante a respeito de sua obra, aliadas a leitura semiótica interpretativa realizada pela investigadora e compilada nas tabelas que acompanham cada fotografia.

Lygia:

Figura 49 - Fotografia híbrida Lygia #sessão 4



“Eu fiz isto porque...pronto, é, eu não sei muito bem explicar, mas eu meti algumas frases para quem ver saber que ela, essa pessoa é importante, que os seres humanos erram, que as nossas vidas são especiais e para não julgar o livro pela capa.”

“Esta folha quer significar a paixão e o bem, e também a vida, em que, ele até pode errar, mas também é ser humano.”

“Pronto, os seres humanos erram, ele pode tentar mudar, quem sabe.”

“Aqui? “Não és o centro das atenções”. Porque pra mim ele parece o centro das atenções, porque quer ser o centro de tudo e de todos. Pronto, é isto.”

*** A semelhança da sessão anterior, segue-se a tabela de análise semiótica interpretativa, baseada nos conceitos de denotação e conotação descritos por Barthes (2006).**

Tabela 15 – Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: Uma palavra para me descrever		Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	A participante escolheu como fotografia de base a sua própria imagem a saltar (figura 47), coloca-se como personagem principal de sua narrativa visual. A imagem do salto pode representar a liberdade, força, coragem, a vontade de alcançar os seus objetivos. Ao lado da sua fotografia escreveu as seguintes frases: “viva como se não houvesse amanhã”, “seres humanos erram”, “guarde o seu coração como se fosse um cristal para ele não ser
		Modo (expressão, olhar, pose)	
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)	
	X	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	A fotografia foi recortada de maneira a se perceber somente o contorno da mulher.

	X	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	X	<p>quebrado”, “somos todos iguais”, “minha vida, a tua vida, são especiais”, “não julgue o livro pela capa”, “você é importante”. Observa-se também as palavras “Paixão, vida e bem” em destaque. Na parte posterior da colagem, vê-se o rosto de um político português com um “x” sobre a imagem, acompanhado da frase “não és o centro das atenções”, esse político representa para elas a discriminação.</p>
--	---	---	---	---

Tamara:

Figura 50 - Fotografia híbrida Tamara #sessão 4



“(…) tenho aqui um homem e uma mulher, porque acho que a amizade mais sincera de uma mulher é um homem. Sou muito sincera, até porque não tenho amigas raparigas, quer dizer, eu tenho mais são poucas. Tenho aqui um sorriso, porque eu acho que a arma de tudo é um sorriso, tratam-nos mal, nós sorrimos e eles ficam chateados, quando a gente tá sorrir, a gente tá feliz tá a sorrir, a gente tá triste apesar de tudo estamos a sorrir. Eu acho que o sorriso é uma arma boa pra tudo, seja pra bom ou seja pra mal. Depois a esperança, é a esperança que eu tenho no mundo e neste bairro, é que as coisas fiquem boas e mudem, tenham cabeça para criar o futuro.”

“(…) eu poderia ter posto a mulher aqui um bocadinho mais alta do que o homem, mas eu pus o homem mais alto porque do que a mulher, é mesmo por isso, pelo formato que tem deles cuidarem de nós, pelo menos eu vejo isso nos meus amigos.”

“Depois tem aqui também a palavra liberdade, porque eu acho que esta imagem retrata muito bem aquilo que estávamos a dizer, éramos quatro pessoas que estávamos ali,

pensando num bocadinho mais, meio que a brincar, mas sentíamos livres entre nós todas, não havia aquele coisa de, sei lá, ter receio de tocar uma às outras ou algo assim do género, no sentido de ser falta de respeito, não, nós estávamos a ser livres ao ponto de tava tudo *encavalitada* em cima de mim e não havia problema.”

“(…) E pronto, meti aqui as estrelinhas porque ficava bem, meti aqui essas coisinhas porque também gostei, porque gosto das cores, gosto do vermelho porque é uma cor atraente, gosto do verde porque é uma cor que me traz calma, gosto do amarelo porque é a cor da indecisão, não sou indecisa, sou uma pessoa que pondera sempre os dois lados.”

*** A semelhança da imagem anterior, procedemos a análise interpretativa da imagem sintetizada na tabela seguinte.**

Tabela 16 – Análise da imagem:

Desafio Fotográfico: Uma palavra para me descrever			Denotação	Conotação
Signos	Figura humana	Corpo (idade, género, raça, aparência)	Três mulheres que aparentam estar a brincar, amontoando-se uma sobre a outra. Também se observa uma colagem em que aparece uma figura masculina maior que a feminina de forma desproporcional.	Na fotografia base (figura 43) três mulheres que aparentam estar a brincar, amontoando-se uma sobre a outra, formando uma figura amorfa onde parecem fundir-se em uma só. Essa figuração apresenta uma contradição em relação ao que a participante afirma sobre a amizade entre mulheres e em comparação a colagem feita onde intencionalmente coloca uma figura masculina maior que a feminina de forma desproporcional, afirmando que quis representar a forma como os homens cuidam das mulheres.
		Modo (expressão, olhar, pose)		
		Ação (toque, movimento, posição que ocupa na imagem)		
Brinquedos	Objetos (relação cultural e efeitos que provocam)	Observa-se diversos brinquedos espalhados no chão.	A participante afirma dar mais valor a amizade com rapazes e vincula isso a um sentimento de cumplicidade e proteção, atribuindo a mulher características de fragilidade e mesquinhez.	
Espaço exterior	Cenário (relação cultural e efeitos que provocam)	Espaço exterior utilizado para momentos de recreação.	Contudo, ao referir-se a imagem na qual foi fotografada junto a outras duas meninas, afirma que apesar de não gostar de abraços ou do toque, sentiu-se livre, adicionando também a palavra “liberdade” a composição. Acrescenta um sorriso a imagem e afirma que “o sorriso é uma arma boa para tudo”.	

				A palavra “esperança” relaciona-se ao desejo de que no mundo e no bairro “as coisas fiquem boas e mudem”.
--	--	--	--	---

***As demais participantes não estiveram presentes durante o momento de reflexão e não concluíram a fotografia híbrida (anexo V).**

Reflexão sessão #4 –

Durante os diálogos sobre o material fotográfico, as participantes demonstraram a percepção sobre as diferentes interpretações que podem ser retiradas de uma mesma imagem, bem como a conclusão de que ao representarem um mesmo sentimento ou palavra, surgem imagens completamente distintas, visto que possuem significados diferentes para cada uma. No exercício sobre o papel da mulher na sociedade, apresentaram opiniões mais positivas e menos conservadoras quando comparadas ao exercício semelhante realizado na primeira sessão.

No momento de reflexão sobre as colagens produzidas, surgiram questões importantes relacionadas a desigualdade de gênero, durante o debate em grupo as participantes apresentaram visões estereotipadas sobre as mulheres que são apontadas pela sua fragilidade enquanto aos homens são vistos como os seus protetores, sendo mencionado que é muito mais seguro sair com um grupo de rapazes do que somente mulheres (anexo III). Ao mesmo tempo que fazem afirmações como essas, tentam contradizê-las de forma a negar os seus próprios preconceitos de gênero, apontando-as como fruto da observação da realidade e não vendo mal na perpetuação desse sistema de relações sociais.

Enquanto a culpa do assédio e da violência ainda for colocado na vítima, seja pelo modo de se vestir, por suas ações, postura, fala, conduta, independentemente de qualquer que seja o motivo pelos quais tentem descredibilizá-la, a desigualdade e violência de gênero continuará a ser recorrente na sociedade. Ao invés de se perpetrar o discurso machista sobre o que a mulher deve fazer para não sofrer violência, o foco do discurso deve ser as más condutas daqueles que legitimam essa violência, reafirmando o respeito, a liberdade e o direito de ser e estar independentemente do “como” para com as mulheres.

SESSÃO 5 (25/05/2022)

Na sessão anterior, foi solicitado a coordenadora do projeto Giro ó Bairro que as participantes da sessão seguinte levassem imagens, fotografias, elementos que para elas

representassem a comunidade cigana, contudo, a coordenadora julgou que seria mais confortável para elas, se esse trabalho de recolha fosse feito durante a sessão, com recortes de revistas, jornais e impressões. Eliminando-se a possibilidade de levarem objetos com valor pessoal.

Para a quinta sessão do projeto, foi proposta a elaboração de um painel sobre a cultura cigana, com o objetivo de Promover a partilha de experiências culturais e pessoais, apresentando a imagem como símbolo capaz de comunicar e expressar as nossas vivências. Na totalidade, estiveram envolvidas na elaboração do painel 6 participantes, com exceção das participantes Clarice e Anita, as outras mulheres presentes estavam participando do projeto pela primeira vez.

Durante a elaboração do painel sobre a cultura cigana foram sendo (re)afirmadas questões culturais como a tradição que envolve o casamento cigano, algumas leis ciganas que continuam a ser vivenciadas na prática, a máxima de respeito pelas pessoas mais velhas (idosos), o ritual do luto, a discriminação e dificuldade de conseguirem emprego devido ao preconceito. Também foram mencionadas novamente a importância da dança e da música para a comunidade. Ao final do processo optaram pelo título “A vida do cigano”.

Figura 51 - Elaboração do painel "A vida do cigano"



Figura 52 - Elaboração do painel "A vida do cigano"



O casamento:

Figura 53 - O casamento



Referente a primeira afirmação “Só se podem casar entre ciganos” foi feita a ressalva de que isso varia entre as diferentes comunidades e atualmente é uma lei que não é cumprida por todos. As duas outras afirmações “Não há namoro” (referente a relações sexuais) e “A noiva tem de ser virgem” são leis que ainda são seguidas na comunidade em estudo.

O respeito pelos “mais velhos”:

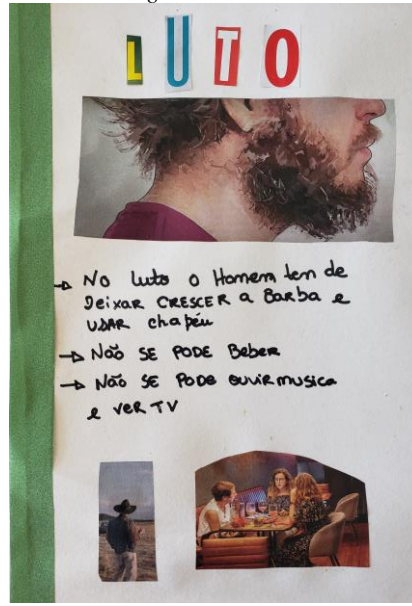
Figura 54 - Respeito pelos “mais velhos”



Os “mais velhos” é como são chamados os idosos na comunidade, por questões de literacia, a palavra “idoso” foi escrita no painel por uma participante não cigana e que me orientou a respeito deste conceito. O respeito aos idosos e a solidariedade para com todos é algo frequentemente citado pelas participantes e facilmente percebido no convívio entre elas durante a intervenção.

O luto:

Figura 55 - O luto



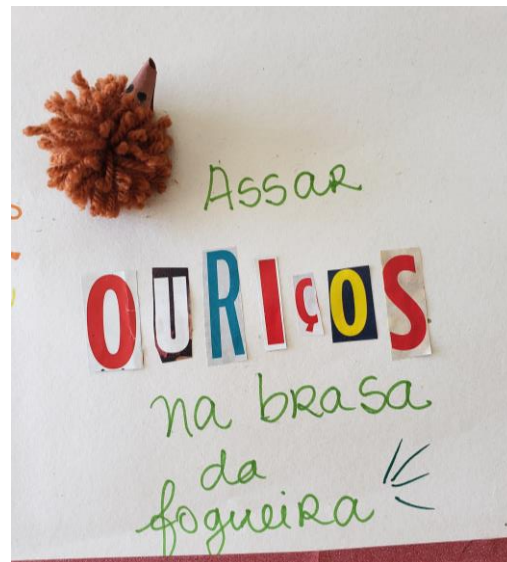
Referente as tradições relacionadas ao luto encontramos no painel as seguintes afirmações: “o homem tem de deixar a barba crescer”, “não se pode beber”, “não se pode ouvir música e ver tv”. Assim como as tradições referentes ao casamento, o cumprimento dessas leis varia entre as diferentes comunidades e atualmente não são seguidas por todos.

A dança, música e festa:

Figura 56 - Dança, música e festas



Figura 57 – Culinária tradicional



Em diversas ocasiões durante o projeto de intervenção as participantes destacaram a importância da dança e da música para a comunidade, as festividades tradicionais giram entorno dessas linguagens artísticas e da união de todos a volta da fogueira. Também foi apresentado no painel a tradição culinária de ouriços assados na brasa.

Dificuldades enfrentadas:

Figura 58 - Dificuldades enfrentadas



Figura 59 - Não ao preconceito



O painel apresenta as dificuldades enfrentadas face ao preconceito e a discriminação, vemos destacadas as frases: “falta de oportunidade de trabalho regular”, “trabalho precário e mal remunerado”, “dependência de apoios sociais”. Observa-se também a frase “não ao preconceito” junto a imagem de um político português apontado por seus depoimentos discriminatórios contra a etnia cigana e os imigrantes.

Reflexão sessão #5 –

Com a atividade realizada foi possível compreender algumas das tradições que constituem a etnia cigana, sendo destacado que ocorrem diferenciações no cumprimento de algumas das tradições e leis ciganas de acordo com cada comunidade. Aponta-se, dessa forma, para a compreensão de uma etnia multifacetada, de identidades complexas e plurais, pautadas na resinificação de valores e regras, o que pode estar relacionado a uma tentativa de aproximação a sociedade majoritária.

Percebe-se ainda, que em algumas das tradições que são perpetradas pela comunidade em estudo, é mais comum as regras estabelecidas para as mulheres serem seguidas, como por exemplo no luto, sobre o que as participantes afirmaram que é mais fácil ser aceito que homens encontrem novas esposas do que as mulheres, que muitas vezes passam a ser vistas de forma negativa caso se envolvam em um novo relacionamento. Destaca-se ainda, a discriminação que sofrem e que se reflete na dificuldade em conseguir um trabalho regular e devidamente remunerado, aspeto que é também dificultado pelas exigências impostas por instituições do sistema político e social.

SESSÃO 6 (15/06/2022)

Estiveram presentes durante as atividades as participantes Anita, Berthe, Hilda e Mary, exceto na última atividade, da qual apenas Anita e Berthe participaram. Observou-se que algumas participantes perdem o foco com frequência, principalmente durante as reflexões em grupo, estiveram mais agitadas durante essa sessão.

Houve dificuldade no cumprimento do segundo objetivo, pois durante esta atividade, esteve presente um rapaz que prejudicou a dinâmica do grupo, estava constantemente fazendo conversas paralelas e desconcentrando as participantes, mesmo quando solicitado que se retirasse recusou fazê-lo. Hilda estava visivelmente mais ansiosa durante as atividades e chegou a exaltar-se em certos momentos, penso que esteja relacionado com a presença do rapaz.

Atividade 1 -

Nessa dinâmica de foto-elicitação foi solicitado as participantes que escolhessem duas fotografias que representassem as fases da vida (criança, adulto, idoso) dentro do contexto cultural cigano. Após a escolha das imagens, pedi que as descrevessem em uma palavra ou frase. Dentre as palavras mencionadas: Vaidade, arrumar, cozinhar, cuidar, descansar.

Figura 60 - Foto-elicitação #sessão 6



Na imagem acima vê-se fotografias dispostas em colunas que representam respectivamente os idosos, adultos e a infância, para cada fase escolheram as seguintes palavras/afirmações:

Idosos – Descansar/Sentar no sofá/Cuidar e ser cuidado

Adultos - Arrumar as coisas/Cozinhar/Apanhar sol

Infância – Vaidade/Pintura/Tirar *stress*/Caminhar

Atividade 2 -

Para essa atividade foram impressas afirmações positivas e negativas sobre a mulher, em contexto pessoal, familiar e social. As participantes deveriam dizer se concordavam

ou não com as afirmações, com o objetivo de perceber respostas indicativas de desigualdade de gênero. As seguintes afirmações foram retiradas da internet e utilizadas durante a intervenção:

1. Uma mulher forte ama, cuida e aproveita a vida do jeito que ela bem entender.
2. Mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora em tempo integral; as mulheres são uma verdadeira força da natureza.
3. Nada é mais intenso do que a força de uma mulher que se conhece e se ama acima de tudo.
4. Mulheres fortes sabem que é correndo riscos que os medos serão vencidos.
5. Uma mulher que sabe o que quer, e luta por isso, tem o poder de mudar o mundo!
6. Uma mulher forte não precisa de super-herói. Afinal, ela escreve sua própria história.
7. Ser mulher é ter coragem.
8. As mulheres não devem ter amigos homens.
9. As mulheres devem cuidar da casa e dos filhos, não devem trabalhar fora de casa.
10. Atrás de uma grande mulher há sempre um grande homem.
11. As mulheres não podem ser exigentes, pois podem acabar sem marido.
12. As mulheres precisam vestir-se de determinada maneira para serem respeitadas.
13. Para serem felizes as mulheres precisam casar e ter filhos.
14. As mulheres não devem questionar a decisão do marido.

Figura 61 - Dinâmica concordo ou discordo das afirmações

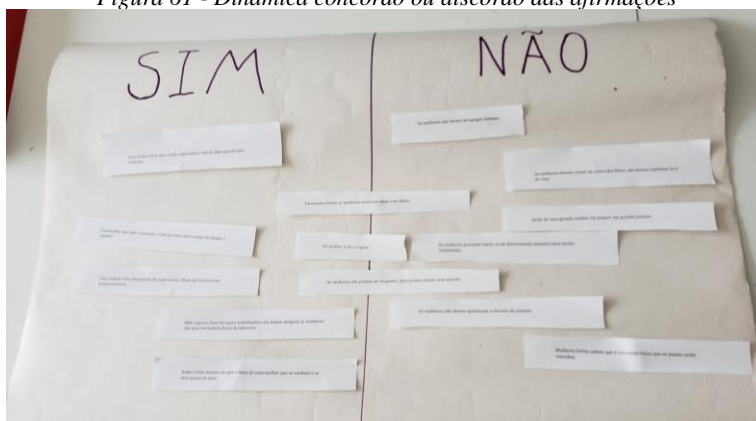


Tabela 17 - Concordo ou discordo das afirmações.

SIM (concordo)	<ul style="list-style-type: none"> • Uma mulher forte ama, cuida e aproveita a vida do jeito que ela bem entender. • Uma mulher que sabe o que quer, e luta por isso, tem o poder de mudar o mundo! • Uma mulher forte não precisa de super-herói. Afinal, ela escreve sua própria história. • Mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora em tempo integral; as mulheres são uma verdadeira força da natureza. • Nada é mais intenso do que a força de uma mulher que se conhece e se ama acima de tudo.
----------------	---

NÃO (discordo)	<ul style="list-style-type: none"> • As mulheres não devem ter amigos homens. • Mulheres fortes sabem que é correndo riscos que os medos serão vencidos. • As mulheres devem cuidar da casa e dos filhos, não devem trabalhar fora de casa. • Atrás de uma grande mulher há sempre um grande homem. • As mulheres não devem questionar a decisão do marido. • As mulheres precisam vestir-se de determinada maneira para serem respeitadas.
NÃO CHEGARAM A UM CONSENSO	<ul style="list-style-type: none"> • Para serem felizes as mulheres precisam casar e ter filhos. • Ser mulher é ter coragem. • As mulheres não podem ser exigentes, pois podem acabar sem marido.

A respeito da afirmação **“Para ser feliz as mulheres precisam casar e ter filhos”** Berthe respondeu que sim e Hilda que não, porém que ficaria feliz quando tivesse filhos, Mary discordou completamente das colegas, diz que não quer ter filhos e que não é preciso ter filhos para ser feliz, também pressiona as colegas para mudarem de opinião. O rapaz que esteve presente durante a atividade afirma que sim e julga que as mulheres são mais felizes se tiverem filhos.

Durante a afirmação de que **“As mulheres não podem ser exigentes, pois podem acabar sem marido”**, o rapaz interrompeu mais uma vez e disse que concordava, as participantes por sua vez disseram que a sua opinião não era válida e que as mulheres poderiam ter outras ambições para além do marido.

Hilda não estava percebendo as afirmações e quando todos estavam a falar ao mesmo tempo ficava extremamente irritada. Quando questionadas sobre a afirmação **“Uma mulher que sabe o que quer, e luta por isso, tem o poder de mudar o mundo”**, Hilda exaltou-se, disse que de nada valia lutar e lutar para nada.

Atividade 3 -

Para esta atividade foi sugerida a criação de um painel individual com o objetivo de expressar *“o que eu desejo para o meu futuro”*. Sendo disponibilizado todo o material das sessões anteriores. A reflexão pós-intervenção não foi realizada devido ao horário de encerramento das atividades no projeto Giro ó Bairro, os trabalhos foram entregues a mim posteriormente.

Berthe:

Figura 62 - Colagem Berthe #sessão 6



Na colagem feita por **Berthe** é possível perceber o desejo e a valorização dos bens materiais e a busca por conforto, observa-se uma casa grande com piscina, um quarto decorado e organizado, um carro e a figura de duas mulheres bem vestidas e que seguem os padrões de beleza estabelecidos pelas grandes medias. Em destaque é apresentada a frase “retorno ao passado sem futuro”, levando-se em consideração o objetivo da atividade, que seria fazer uma colagem sobre o que se deseja para o futuro, esta frase pode indicar o receio em não alcançar os seus desejos e ficar limitada a realidade em que vive.

Anita:

Figura 63- Colagem Anita #sessão 6



Na colagem feita por **Anita**, nota-se o desejo por uma casa, pela maternidade, por um animal de estimação, por viajar e por festas. Dessa forma, observa-se uma maior abertura para o mundo e para vivenciar novas experiências, conhecer novos lugares e diferentes contextos culturais.

Reflexão sessão #6 –

Ao longo das diversas fases da vida a mulher cigana é colocada em um lugar de submissão perante aos homens, desde muito novas lhes é atribuída a responsabilidade de cuidar da família e da casa. Para o cumprimento da tradição e a manutenção dos vínculos com a comunidade, limitam as suas escolhas e condutas as regras estabelecidas pelo grupo de pertença e que as colocam em situação de desigualdade de género e, em alguns casos, de violência.

Durante a atividade 2 foi percebida a influencia do rapaz sobre as participantes, que com frequência questionava suas decisões e mesmo quando solicitado recusou se retirar do espaço em que estava sendo realizada a sessão.

Quando solicitado que refletissem sobre o futuro, as participantes demonstraram desejo em experienciar outras realidades fora da comunidade, ficando também implícito a vontade em conquistar melhores condições de vida, com o conforto e uma casa própria.

REFLEXÃO GERAL E LIMITAÇÕES DO PROJETO

Portugal está abaixo da média europeia nos índices sobre igualdade de género, segundo o Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE), o país parece ainda permanecer com atraso quando comparado a média europeia. O relatório apresentado avalia a igualdade de género em cinco áreas: saúde, trabalho, dinheiro, conhecimento, uso do tempo e poder. Dentre os dados apresentados destaca-se partilha de tempo nas tarefas domésticas, onde o país apresenta 47,5 pontos enquanto a média europeia é de 64,9, outro dado alarmante é o índice de violência doméstica no qual Portugal lidera o *ranking* dos países europeus apresentando uma taxa de 68% (Barbieri et al, 2021).

A desigualdade e violência de género não é um problema pontual encontrado apenas em alguns países, mas sim, um problema global de grande proporção. De acordo com o *Global Gender Gap Report 2022*, apesar dos avanços em termos legais e políticos em defesa dos princípios da igualdade serão necessários 132 anos para eliminar a desigualdade de género a nível global. Entre os 146 países avaliados, Portugal ocupou a 29º posição, apresentando um decréscimo de 0,0009 pontos em relação ao ano anterior (Zahidi et al, 2022).

Na comunidade cigana as questões de desigualdade de género são atravessadas por um contexto cultural fortemente enraizado nas tradições desta etnia, sendo um assunto ainda considerado *tabu*. As mulheres ciganas têm os seus percursos de vida direcionados por um sistema hierarquizado e condicionado pelas leis e moral cigana, assumindo um papel de submissão perante o homem, estabelecendo-se uma diferenciação de género que

emerge desde o nascimento e que posteriormente se reflete na liberdade de circulação, na frequência escolar, nas relações com os não-ciganos, nos papéis exercidos no contexto familiar etc. (Magano, 2017).

A partir da constatação de dados como estes, torna-se imprescindível que as mulheres possam estar mais implicadas nas transformações sociais que influenciam direta ou indiretamente suas próprias vidas, enquanto agentes ativos e protagonistas do desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. O projeto “O olhar da mulher cigana: a fotografia híbrida como instrumento de comunicação, reflexão e mudanças” procurou, precisamente, potencializar a que tal aconteça, através do diálogo e da arte como ferramentas.

A partir dos questionamentos e reflexões instauradas, foram plantadas sementes de mudança que possibilitaram a apreensão de novas perspectivas e outras possibilidades de ser e existir. Promoveu-se questionamentos sobre a realidade, o presente, sobre o que é bom para o bem-estar de cada uma e o que poderia ser diferente, sobre quais as suas prospeções para o futuro. As transformações promovidas também alcançaram a mim enquanto interventora e facilitadora e são mais bem esclarecidas no capítulo V.

Através de uma metodologia participativa buscou-se privilegiar a voz das mulheres ciganas implicadas no projeto, que manifestaram seus pensamentos e sentimentos de maneira verbal e visual através de práticas artísticas-terapêuticas. A reflexão entorno do “ser mulher” e “ser cigana” possibilitou o resgate de uma identidade individual e coletiva das participantes, estimulando-se a autopercepção, o diálogo e as relações de confiança, criando um espaço em que foi possível distinguir e estabelecer o que faz parte de um contexto cultural coletivo e o que as pertence enquanto indivíduos.

A prática artística-educacional-investigativa torna-se campo vasto para a produção de conhecimento. A experimentação artística direcionada para discutir as desigualdades de género possibilitou a criação de narrativas visuais de resistência, esse espaço de diálogo e partilha é o que torna possível multiplicar saídas e encontrar soluções criativas para combater a desigualdade de género. Dessa forma, o projeto pode ser considerado multicultural por promover a empatia e aceitação entre diferentes culturas e reconstrucionista ao buscar a reconstrução social do indivíduo e dar visibilidade a cultura cigana (Dias & Irwin, 2013).

Algumas limitações podem ser facilmente apontadas ao projeto, como por exemplo, a frequência irregular e o grupo sempre cambiante, bem como a impossibilidade de realização de algumas sessões inicialmente prevista, dentre elas a visita ao laboratório

para a revelação das fotografias. Apesar de ter sido explicado todo o processo referente a formação da imagem na câmera estenopeica e como é feito o processo de revelação, acredita-se que seria mais enriquecedor do ponto de vista de aprendizagem e reprodutibilidade se tivesse sido realizada a visita de campo ao laboratório.

Destaca-se também a dificuldade em fazer uma análise precisa a partir de imagens, a triangulação entre os dados coletados auxilia, mas não garante a fiabilidade do processo de análise, quanto mais evidências mais válida e fiável serão as interpretações, mas estas sempre dependeram do olhar do investigador (Dias & Irwin, 2013). Ressaltasse ainda que as imagens não devem ser lidas como verdades absolutas, mas como sujeitas a diversas interpretações.

Acrescento ainda uma crítica a formatação da academia, na qual as normas que regulam a escrita científica ainda se encontram limitadas a normas hegemônicas positivistas. Em um mestrado que não envolve apenas as ciências sociais e da educação, mas também as artes, esperava poder exercer a metodologia escolhida em sua plenitude, principalmente no que se refere a utilização de materiais visuais no corpo da pesquisa que não seguem os modelos pré-estabelecidos, mas que compõe a trajetória de uma pesquisa a/r/tográfica, a qual abraça tanto o texto (escrito) quanto imagem (visual) em espaços de hibridização (Dias & Irwin, 2013).

Desta forma, faz-se necessário o entendimento das relações de poder estabelecidas e da valoração da arte enquanto contributo para a construção de conhecimento acadêmico, para que essa barreira entre territórios possa ser dissolvida a partir de um pensamento crítico que questione os modelos totalizantes, para que seja possível a criação de um espaço de “entre-lugar” que incorpore as metodologias de pesquisa emergentes em um mundo tecnológico e visual complexo (Dias & Irwin, 2013).

Pensando na sustentabilidade ou replicabilidade do projeto e dos estudos relacionados a desigualdade de gênero junto a comunidade cigana, sugere-se a criação de um cronograma flexível que se adapte as dinâmicas e rotinas já estabelecidas pelas participantes durante a semana, que incluem principalmente as responsabilidades com a família e com o lar. Recomenda-se a abordagem do tema em questão através de atividades práticas, lúdicas e criativas, de forma a manter a concentração das participantes, tendo-se notado uma maior distração em atividades mais teóricas. Como mencionado anteriormente, propõe-se que em uma próxima oportunidade as participantes estejam presentes e participem do processo de construção da câmera estenopeica e de revelação das imagens no laboratório.

Em modo de conclusão, reafirma-se que trabalhar a questão da desigualdade de gênero dentro da comunidade cigana, deve ser concebida dentro de um contexto multissetorial e em constante (co)criação - junto as participantes - trabalhando no sentido de erradicar dinâmicas complexas e nocivas, enraizadas no cerne da sociedade e da cultura. Fazendo parte de uma luta fundamental pelos direitos da mulher, este projeto de intervenção deve estar em constante aprimoramento para melhor atender as necessidades do público-alvo.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo procuro falar sobre como o desenvolvimento e aplicação deste projeto me afetou, mais do que isso, procuro desvendar quem sou o “eu cigana”. Afinal, sou este ser permeável, coberto por essa casca de pele, que, não por coincidência, é o nosso maior órgão em contato com o mundo. Nesta casca que habito, escolhi permitir ser afetada, essa abertura para o mundo - próprio e do outro – nem sempre, ou melhor, quase nunca é um processo fácil, pois nos coloca em um lugar de vulnerabilidade.

Repensar o meu papel social enquanto indivíduo e enquanto mulher me possibilitou um reencontro comigo mesma, com os meus desejos e sonhos, com a vontade de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade na qual as mulheres tenham liberdade para ser quem quiserem e que as suas possibilidades de existir não sejam restringidas ou reduzidas a categorias de gênero.

A ideia de ajudar as pessoas através da arte sempre me emocionou, tendo eu mesma vivenciado situações de trauma emocional, encontrei nas artes um refúgio e uma válvula de escape para a minha dor. Quando não consegui me expressar por meio das palavras, encontrei na folha de papel em branco a minha maior aliada. No início desenhava mundos imaginários onde só existiam enredos felizes, já com o passar dos anos e com a maturidade, descobri na arte o potencial de (re)significação e representatividade.

Falando especificamente da fotografia, lembro a primeira vez que pus as mãos em uma máquina fotográfica, tinha por volta dos oito anos de idade, lembro-me da minha mãe advertir para que eu não gastasse todo o rolo da câmera (tratava-se de uma câmera analógica), mas no momento em que segurei aquele objeto mágico, capaz de congelar os momentos em pequenos pedaços de papel, foi como se a realidade da qual eu fazia parte já não existisse, pois olhando para as fotografias que capturei, poderia reviver as minhas memórias preferidas sempre que quisesse e para isso um só rolo nunca foi suficiente.

Trabalhar com projetos de intervenção artística-social, contribui para a minha evolução a nível profissional e pessoal. Além da possibilidade de auxiliar no desenvolvimento, expressão de pensamentos, ideias e sentimentos de forma criativa e contribuir com o bem-estar das pessoas, existe nesse trabalho uma troca de experiências, partilha de vivências e saberes de indivíduos, grupos e comunidades.

Ser capaz de conscientizar pessoas para outras possibilidades de existência, permitir-me afetar e ser afetada. Utilizar da arte e da cultura como meio para (re)significar nossas relações com o mundo, para ultrapassar fronteiras e desatar nós. Dá-se a oportunidade de olhar para o outro como espelho, de passar a enxergar as diferenças como atributo edificante do meio social, contribui para a desconstrução de valores e normas já ultrapassadas que dificultam a inclusão social e o sentimento de pertença.

Com os paralelos que aqui construo, aproximo-me do objeto em estudo (desigualdade de género) e da comunidade cigana que acolheu o projeto. As reverberações de ambos em mim foram tamanhas que mudaram por completo quem eu era antes de tudo começar. Como você, leitor, já deve ter percebido, neste capítulo intendo utilizar uma linguagem narrativa e subjetiva, apoiada nas premissas da metodologia de estudo empregada nesta pesquisa académica.

Lugar bom é aquele que me faz evoluir e a/r/tografia me permitiu olhar para a pesquisa académica e para o trabalho de campo através de um novo prisma. É uma metodologia revolucionária e viva, fluida, que busca subverter o rigor da pesquisa académica. “É uma Pesquisa Viva porque se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas” (Dias & Irwin, 2013, p.29), uma forma de criar conexões e de produzir conhecimento.

As experiências que me rodearam durante o projeto de pesquisa e a própria concretização da intervenção me levaram a criação deste espaço de transbordamentos que foi materializado neste capítulo. Fotografei aquilo o que não podia entender como um procura por algo em mim – ou por parte de mim – que havia se perdido e gritava para encontrar o caminho de volta. Escrevi, desfiz-me em partes, concretizei o meu próprio resgate. Assim como a insuficiência do meu primeiro rolo fotográfico, as páginas contidas nesta pesquisa académica são insuficientes para abranger tudo o que foi construído e reconstruído. Apresento-vos uma escrita analítica de mim, para se pensar novas práticas resistência.

i. LAR NÃO É UM LUGAR, É UM SENTIMENTO: OS PÉS SABEM O CAMINHO



Figura 64 - A(pro)funda-o

“Eu posso não ter ido para onde eu pretendia ir, mas eu acho que acabei terminando onde eu pretendia estar.” (Douglas Adans)

Tudo começou quando parei para ouvir a cidade como quem ouve o cantar dos grilos e para apreciá-la com os olhos de criança que descobre um novo jogo - a minha brincadeira preferida sempre foi perder-me em lugares que nunca visitei. Meus pés me levaram a lugares incríveis – tão bom é saber que eles podem me levar a qualquer lado – mas alguns lugares em particular me chamaram a atenção, esses lugares na realidade não eram bem “lugares”, curiosamente havia neles movimento, mas não havia permanência, pessoas transitavam por esses espaços, mas não ficavam por tempo suficiente para notar-se a sua presença. Visto que um lugar é um espaço a ser ocupado, estes pareciam mesmo *não-lugares* ou *entre-lugares*.

Apaixonada que sou por impermanências, movimento, fluidez, ritmos e por tudo o que não é comum, que gera estranhamento, que não segue normas e não se rende a mesmice, fui fisgada por esses espaços, que me cativaram o olhar e o desejo de permanecer. Estes interstícios - quase mágicos - comportavam fluxos que perambulavam entre a presença e a ausência, um recorte no espaço-tempo poderia constituir uma diversidade infinita de seres errantes.

Nas minhas paragens contemplativas em “lugar nenhum”, comecei a reparar nas pessoas que por ali circulavam, deparei-me com indivíduos cercados por bolhas, bolhas de vários tamanhos e formas, bolhas que demarcavam fronteiras e as distanciavam umas das outras. Estavam sempre a correr, como se sua vida dependesse da velocidade dos seus passos, paradoxalmente, acho isso uma perda de tempo, para mim a vida nada tem haver com a velocidade ou número de passos, mas sim, com onde eles podem me levar. Dentro do seu invólucro pareciam sentir-se seguros, protegidos do entorno desconhecido. Curiosamente, reparei que algumas pessoas estavam paradas e não possuíam o privilégio - ou desprivilégio - da bolha, tentavam chamar a atenção dos vultos passantes, mas, a caso dessa diferença, eram ignoradas ou mesmo tratadas como se não existissem, como se fossem invisíveis.

Seguindo os movimentos migratórios de um corpo que não sabe está quieto, atravessei o oceano. Já do outro lado, mesmo com tudo do avesso, ao contrário e de ponta cabeça – perdoem-me os pleonasmos - nunca deixei de brincar a minha brincadeira preferida. Mais uma vez pus a perder-me pela cidade, curiosamente, os pés com os quais nasci parecem ter ligação direta com o meu coração, este último recorda todas minhas paixões atravessadas e, por coincidência ou por apego, durante minhas andanças pela cidade de Leiria me deparei novamente com os *não-lugares* e mais uma vez, contrariando a designação para os quais esses espaços foram desenhados, permaneci.



Figura 65 - Não-Lugares em Leiria

Certa vez, fazendo de uma escada um banco, pus os meus olhos a ver e meus ouvidos a escutar num novo *não-lugar*. Sem demora, avistei os indivíduos com suas bolhas misteriosas – pena que nada tinha haver com bolhas de sabão, se assim o fosse, talvez estampassem sorrisos nos rostos – estavam aparentemente satisfeitos em sua zona de evitamento. Entre cochichos e caras feias, ouvi alguém se dirigir a um grupo de pessoas que como eu, optavam por permanecer, os chamavam de sujos, barulhentos, perigosos, ciganos.

Foi a primeira vez que soube quem eram fora dos livros, os ciganos, mas não fora a primeira vez que vi o pior do mundo acontecer diante dos meus olhos e dos meus ouvidos sofridos. A verdade é que ser diferente, ser imigrante, não é fácil, vez por outra ainda se ouve um “volta pra tua terra” ressoando pelas ruas, circulamos pela cidade com a marca de quem não deveria estar ali presente, com o nosso sotaque, trejeitos, costumes e tradições.

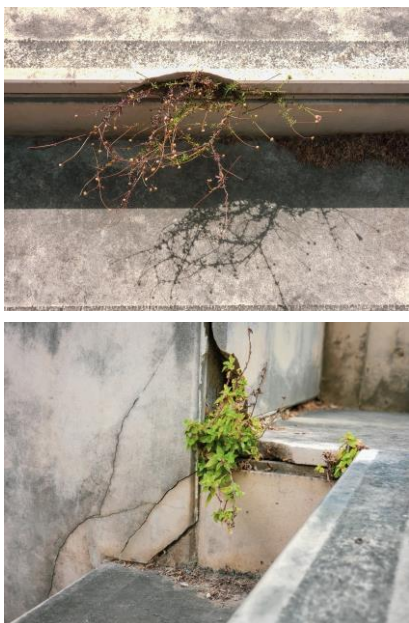


Figura 66 - Interstícios

Recomeçar é difícil, deixar para trás a terra que nos pariu – não obstante as dificuldades enfrentadas e que nos fizeram preferir a orfandade - é sentir a dor traumática do nascer de novo. Ao mesmo tempo em que precisamos aprender novos caminhos e adaptarmo-nos a brusca mudança, somos afrontados ou melhor, submetidos a falta de empatia e abertura para a compreensão do processo que é o renascer imigrante. A discriminação é a pior e mais dura das barreiras enfrentadas, pois envenena e deixa a terra recém-descoberta infértil para a proliferação de novos fluxos de vida. Permitir-se estabelecer vizinhança com o desconhecido é fundamental para que caiam as máscaras do preconceito, só assim, tornar-se-á possível a criação de outras possibilidades de existências.

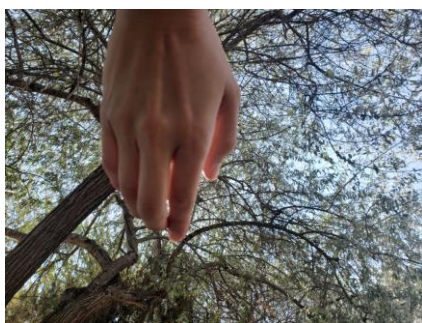
É essa infertilidade da terra que fez o povo cigano, por vezes, permanecer em movimento e cultivar a impermanência. O gozo em viajar tornou-se necessidade, por ter se tornado necessidade já não se sabe se algum dia foi gozo. Reconhece-se a terra fértil quando existe o desejo de lá estar, quando recebes nutrientes que possibilitam crescer e frutificar. As políticas de assimilação de nada servirão se não forem ancoradas em um princípio de reciprocidade, independentemente da etnia ou grupo de pertença, somos todos múltiplos e vastos, saber cultivar as diferenças como substrato edificante é o que fará do mundo um lugar, ou *não-lugar*, mais justo e acolhedor, tornando-se possível o encontro com a verdadeira liberdade de ser. Por ora, vivesse a expectativa do retorno ao lar.



Figura 67 - Entre-Mundos

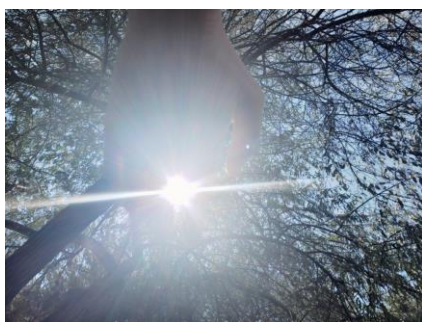
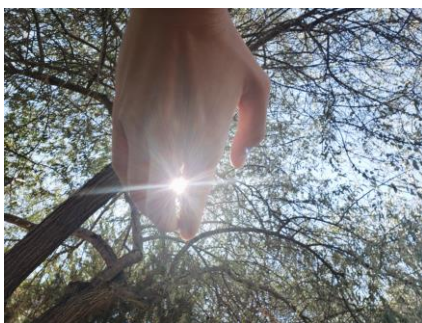
*Perdida no espaço entre-mundos,
Pela primeira vez me senti presente, eu senti presença.*

ii. QUANDO AS RAÍZES QUE ME PRENDIAM OS PÉS ENCONTRARAM UM NOVO CAMINHO



“Talvez eu tenha que chamar de “mundo” esse meu modo de ser um pouco de tudo. Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza?”

(Clarice Lispector)



Acho a história da comunidade cigana fascinante, migraram tendo a Índia como origem há cerca de um milénio, recusando a desigualdade social inerente ao sistema de castas, fugiram para o deserto preservando os seus valores de comunidade para então lançarem-se mundo a fora, percorrendo regiões e continentes distintos, a fixarem-se por vezes. Durante muito tempo falaram a língua do mundo, despiram-se do que não lhes servia mais, do que não ia de encontro as suas convicções, fugiram de onde não os cabia, resistindo ao desamor e ao preconceito. A cada novo destino, renasce a esperança de ser aceito e tratado como igual.

Figura 68 - *Que se faça luz*

Creio que trago no peito um coração cigano, tomado por um desejo de revolução que reverbera em impermanência. Entretanto, em minhas jornadas de autodescoberta pelo mundo, não tenho a companhia física daqueles que amo e nem julgaria correto a ter, afinal, todos temos sonhos e desejos próprios que nos alimentam a alma e servem de combustível que nos impulsiona a agir no mundo.

Como posso eu desejar levar aqueles que amo em uma jornada que não lhes pertence? Sinto o peso desse desejo que aprisiona a mim e ao outro, nado contra a minha própria maré, vivo a dualidade de querer correr de pés descalços pelo mundo e, ao mesmo tempo, ser extremamente apegada aos meus laços afetivos – resisto – vou caminhando, plantando e colhendo afetos até que o prelúdio da saudade me incendeie. Apesar da ausência corpórea, carrego uma comunidade inteira que pulsa dentro do peito.

Nesse espaço de indecisões, onde raízes agarram-se aos meus pés, algo acontece – retorce, remexe – e chego a conclusão de que não nasci para ter raízes nos pés. A medida que vou me apercebendo daquilo que já sou e sempre fui, as raízes movimentam-se, aos

poucos vão libertando-me os pés, sinto desconforto em seu movimento, uma falta de ar que prenuncia a transformação que estar por vir. Não me deixam por completo, pois fazem parte da história já escrita no livro que sou, percorrem o meu corpo em busca de espaço para serem acolhidas.

Penetram-me o peito, choro em agonia. Sinto a dor da perda de algo que foi, deixou de ser e que nunca será o mesmo. Raízes secas, duras, ásperas atravessam-me o peito. Respiro. Em meio a tanta dor parecem acomodar-se, mas permanecem irrequietas, quase que em um movimento perpetuo de vida-morte-vida. Faço de mim semente, permito-me ser afetada e subjugada a condição inexorável atribuída ao tempo.

A natureza não é linear, a sua semelhança a vida é cíclica, muta constantemente, muitas vezes contraria os nossos desejos. O corpo sente quando é tempo de mudança e quando é necessário deixar certas coisas morrerem para criar espaço para que outras nasçam em seu lugar. Esse processo de me permitir sentir o tempo passar não foi algo fácil, pois tenho sede de vida e me deslumbro com o desconhecido, perceber-me sem energia e incapaz de gerar movimento foi aterrador.



Figura 69 - A-terra-dor

No decorrer de alguns dias, senti algo que começara a germinar em busca de oxigênio e luz. Algo que começara a brotar e transpassar-me por entre as escapulas. Asas retorcidas, asas que ainda não sabem que são asas, asas que ainda não aprenderam a voar. Nesse renascer torto e disforme de quem acaba de deixar o casulo, a rutura da casca de carne e pele que me compõe provocou em mim um alívio inusitado, chego a conclusão de que a estrutura vernacular que migrou dos meus pés, alojou-se em meu peito e por fim atravessou-me as costas, é uma só coisa, um aglomerado de sonhos e desejos que são movidos pelas multidões que trago junto ao coração.

Com os pés agora livres e as asas que se enunciam, sigo aos tropeços ensaiando voos cada dia mais altos e feliz em lembrar de que nunca tive medo de altura. E agora todas as vezes que preciso aterrar já não temo o processo, o tempo e a mudança. Paro e contemplo, até que voz da natureza se faça ouvir baixinha, quase como num sussurro - “Eu criei meus filhos para o mundo” – e tudo recomeça.

*Fizestes de mim um corpo vazio.
Roubaste-me a identidade, reduziste-me a pó
e puseste-me numa caixa.
A questão é... Logo eu, que nunca coube em
caixa alguma, caberia na sua?*

*Não, no meu coração habitam multidões, sou
múltipla e não nasci para ser reduzida,
Não nasci para ser coisa alguma além do que
sou nesse momento,
Amanhã posso ser outra, mas minha essência
permanece intacta e intrinsecamente minha.*

*Depois que anunciastes que eu já não era eu,
Precisei despir-me de mim mesma, na
tentativa de preencher vazios que nunca
existiram.*

*A criança que fui, continuo a ser, as únicas
mudanças foram fruto das descobertas feitas
ao longo do caminho.*

*Como tu mesmo me dissestes sou
desbravadora de galáxias inteiras,*

*E nessa troca infinita que só tem de amor
pela vida,*

*Sigo costurando asas em minhas costas, para
que assim possa alcançar as estrelas,
Criando o meu próprio universo particular,
para enfim poder ser, quem realmente sou.*

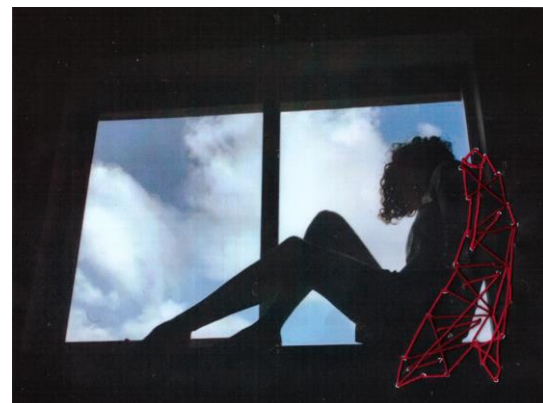
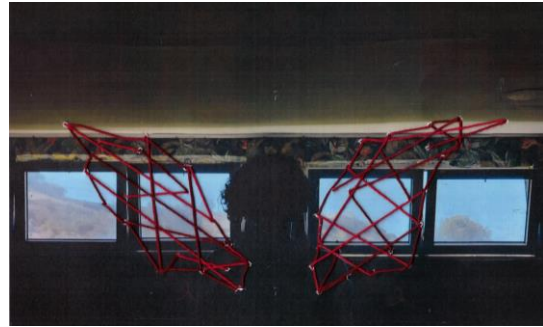


Figura 70 – Costurando Asas

iii. SIGO O RITMO DO CORAÇÃO QUE PULSA FORA DA CAIXA-TORÁCICA



Figura 71 - Chá de Sumiço

“Pode parecer uma pessoa dura à primeira vista, mas a cultura nos ensina a ser sensíveis. Quando um cigano ri, ri bem alto, e quando chora, ouve-se do outro lado do mundo” (Paiva, 2013, p.215).

Somos ensinados a ter vergonha das diferenças, crescemos tentando nos encaixar e ser igual aos outros, esforçamo-nos por esconder quem realmente somos. As pessoas ficam desconfortáveis quando não conseguimos nos colocar em um caixa e é importante sabermos diferenciar quem somos de quem a sociedade diz que somos. A opressão é um trauma e somos duplamente oprimidas quando passamos a acreditar naquilo que falam sobre nós, tornamo-nos opressoras de nós mesmas. Com o tempo, começamos a acreditar que essas certezas nasceram de nós e não do outro, aos poucos vamos nos solidificando. A cabeça cheia de certezas é a que menos conhece a si própria, é somente a partir do estranhamento gerado por um corpo que já é quase estátua, que entrever-se a necessidade da mudança.

Já há algum tempo, quase fui estátua, cheguei até a me questionar se não seria uma grande invenção de mim mesma. Por sorte, ou destino – para os que creem nele, reencontrei-me com a fluidez do sangue que é guiado pelo ritmo do coração e que corre nas minhas veias. Fiz de mim um rio. Rio turvo, mas de águas correntes – as que correm, não que aprisionam. Estou em processo de aprender a lidar com sua – minha - inconstância e impermanência, com os períodos de cheia e de seca. Entendi que quando vivo de transbordamentos algo se perde e quando não me abasteço deixo de existir. Percebi que não preciso escolher uma só coisa, que posso negar os antagonismos e

escolher ser múltipla. Por fim – longe de ser realmente “o fim” - admiti que posso nunca descobrir quem sou, mas quero sempre saber quem estou.

Navegar nessas águas profundas do sentir é o que me faz ter a esperança de nunca perder o brilho nos olhos. Ao aproximar-me da minha essência, encontro novas possibilidades de ser, viver, respirar, existir e resistir. Nesses fluxos involuntários e instintivos de mergulhar nas profundezas abissais de um ser que não é, mas que está, em constante criação, atraio-me por tudo o que ainda não sei sobre mim. Essa revolução interna, que não é bonita, mas torta, coloca-me em um estado de caos harmonioso, apaixono-me pelo processo a cada nova descoberta.

Começo a me redescobrir através do vínculo com aqueles que, como eu, desejam existir. Submeto-me aos encontros e desencontros da vida, nesse eterno desalinho, tento entender o que busco de mim no outro. Procurar no outro o que há de mim é como encarar o espelho. A nudez do espelho me apavora. Se não tomarmos cuidado o olhar pode se tornar uma forma de agressão.

Quando encarei o vazio de um outro “eu” que habitava o espelho, meus olhos esbarraram em algo semimorto e sem cor, parecia haver no reflexo que via um espaço entre quem eu era e quem eu deveria ser – entre o que eu enxergava e o que havia de real na coisa. Comecei a perceber que o vazio que eu encarava não era a ausência de mim, mas sim, a ausência de um eu idealizado, marcado por algo que eu deveria ser e nunca fui. Um constructo social. Olhei para o reflexo e ele me encarou de volta. Em vão, tentei me encontrar naquela figura apática e sem energia.

Encarar o reflexo idealizado foi no mínimo angustiante, olhar durante horas para o vazio e só obter como resposta o silêncio. Quem deveria eu estar vendo? O que deveria eu estar sentindo? D-e-v-e-r-i-a. A verdade é que eu não deveria ver ou sentir nada em específico, a obrigatoriedade da palavra me transtorna. Teimosa que sou, quis contrariar a palavra e refazer os meus próprios questionamentos. Deixei de perseguir o outro “eu”



Figura 72 - Quem és tu?

que me espia de dentro do espelho e passei a tentar descobrir quem é que respira por trás do reflexo, um eu mais verdadeiro e honesto consigo mesma.



*Qual o tempo que dura a ausência?
Não há corpo que resista a ausência de si,
Vive-se a certeza da morte e a esperança do
renascimento.*

Figura 73 - Aquela que mora no espelho

iv. PERMITO-ME DANÇAR COM A INEVITABILIDADE DO ERRO



Figura 74 - Um corpo que sofre

“...in the complex geography of the body, we all can get lost, and we can all be found” (Caldwell & Leighton, 2018).

O tempo presente me escapa, orbito entre passado e futuro, há uma lacuna entre eles. Esforço-me para materializar essa ausência que me acompanha, mas o tempo imediato me aflige. Vivo a lembrança que aquece ou o sonho de um fabuloso talvez. Tentei capturar o tempo presente em fotografia, nos ponteiros de um relógio parado – que alegoria. Talvez o tempo imediato seja a inércia dos ponteiros de um relógio velho. É como o sinto, a ausência de movimento faz do tempo presente um estorvo. A sua inexistência - ou o seu não comparecimento aos compromissos firmados no ato de viver, me impede de experienciar o luto. O luto de tudo o que fui e deixei de ser.

Temo o encontro com esse tempo que se perdeu. Encontra-lo talvez seja assinar um contrato de escravatura com o meio circundante. Algo valioso que aprendi com a comunidade cigana foi que o tempo existe para ser partilhado e o tempo presente é o que

eu fizer dele. Percebi que o meu encontro com o tempo presente se dá no ato de fazer arte. Procurei vencer a inercia com a arte do movimento, fiz da dança a minha válvula de escape. Percebi que tinha medo da morte – não da morte, morte, mas da morte das lembranças e dos momentos compartilhados com quem amava.

Fiz de mim um corpo que sofre. Um corpo que engole gritos - contorce e retorce – e tenta se libertar das fronteiras que o contém. Erro logo existo. Abro feridas e me perco no balanceio de ser viva. Perdida no silêncio, nada escuto e nada vejo, apenas sinto, sinto tanto, sinto muito. Quis renascer em mim. Quando não consegui ver com novos olhos e ouvir com novos ouvidos, parei para sentir a vibração de um corpo que fala. Viver é um ato de criação numa simbiose de corpo-experiência. Buscar a consciência corporal como forma de entender o sentir me permitiu encarar as minhas sombras - não só encarar, mas abraçá-las, não só abraçá-las, mas dançá-las.



Figura 75 – Quando dancei a minha morte

A dança surgiu como ato máximo de libertação de pensamentos e sentimentos que só foram completamente entendidos quando expurgados nos movimentos de um corpo em experiência. Dancei o silêncio. O silêncio de um corpo que nada ouve e só sente, um corpo cansado de ser corpo e que se fez de texto discursivo, criando uma linguagem própria - exclusivamente minha. Dancei a minha morte. Reclamei o meu corpo e um espaço para ser e estar.

Ainda ando nessa luta constante por esse espaço que é meu por direito. Escolhi colecionar instantes. Aprendi a me permitir dançar com a inevitabilidade do erro e com o tempo que me escapa. Encontrei forças na escuta de histórias de tantas outras que como eu não se conformam em obedecer as imposições estabelecidas por um sistema doente. Paro, respiro e escuto o que o corpo tem a dizer, ele guarda todas as respostas. Enquanto houver desamor serei impermanência e incitadora de revoluções - a maior delas vem de dentro.



Figura 76 - Onde estás?

*Se pudesse gritar, o que a sua voz diria?
Reclamaria todos os seus problemas à uma
sociedade doente?
Ou dançaria pela eternidade esse ritmo sem
sentido?
De escravas subjugadas ao tique-taque do
passar do tempo;
Há heroínas construindo suas histórias na
revolta das batidas do próprio coração.*

v. PROTESTO CONTRA TUDO AQUILO QUE É IMPOSTO E NÃO ME CABE



“Não se nasce mulher, torna-se mulher”

(Simone de Beauvoir)

A lei cigana constitui um código de conduta que é transmitido oralmente de geração em geração, estrutura as práticas sociais e regula as ações de crianças, jovens e adultos. As leis encontram-se no cerne da cultura cigana e as pessoas dessa etnia temem os efeitos do seu não cumprimento, ainda mais as mulheres, sendo instaurado desde a infância os valores de submissão a autoridade masculina e da “domesticação” da individualidade feminina. Onde encontra-se o lugar de expressão da individualidade da mulher em um sistema como este?



Figura 77 - Olhar com olhos de ver

Quando se reflete sobre esse assunto é fácil perceber que o sistema estrutural da sociedade “majoritária” não é muito diferente. A castração dos desejos e vontades das mulheres é algo enraizado nas relações sociais contemporâneas, nas quais os mecanismos de controle do feminino tentam nos encaixotar em normas hegemônicas de convívio que restringem e governam as possibilidades de ser e estar na sociedade. Quando se é mulher, diariamente vivencia-se microagressões que nos lembram a diferença que faz o que portamos entre as pernas, essa identidade de gênero é construída inconscientemente através da perpetuação de normas e estereótipos (Caldwell & Leighton, 2018).

Muitas vezes se escolhe o conforto do silêncio pois se esgota a energia para lutar, no intervalo em que se procura recuperar o flego fantasmas opressores dominam nossos pensamentos e frases como a da participante Hilda - “Vamos lutar, lutar, pra nada?!” - ecoam em nossas mentes e assim um caminho sempre se repete, outra mulher encontra-se na mesma posição - histórias transversais com protagonistas diferentes – e algo se perpetua, algo que foi escrito por outros já há muito tempo.

Com isso, faz-se necessário questionar o regime de verdades autoritárias e excludentes que inferioriza as mulheres (Rago, 2014). Para romper esse ciclo de opressão é fundamental cultivar a sororidade entre as mulheres. Temos direito a autodeterminação, utilizar as artes para dar voz e visibilidade a histórias de opressão, é combater as desigualdades e violências de gênero em um plano simbólico, no qual a imaginação e a criatividade multiplicam as possibilidades de existência e resistência. Materializar esse discurso é criar caminhos para subverter os mecanismos de dominação, contribuindo para a descolonização do feminino e para eliminação dos binarismos estigmatizantes.

Transformar a dor e a revolta em potencia criativa é algo que pode ser propagado através da arte, esse é o meu sonho - a arte é o que me conecta ao presente e me permite estabelecer conexões com o mundo (interior e exterior). Criar saídas para as forças que segregam e encaixotam a vida, subverter normas e pactos sociais que desrespeitam a subjetividade dos indivíduos, traçar caminhos de resistência junto aqueles que se recusam a ser governados por sistemas fascistas e discriminatórios, eu acredito no potencial da arte para alcançar todos esses objetivos e na força da coletividade para efetuar as transformações sociais necessárias para a construção de um mundo mais justo e igualitário.



*Por fim gostaria de perguntar a ti, quem és tu mulher?
Qual a tua narrativa de resistência?*

Figura 78 - Liberdade ou Libertação?

ANEXOS

Anexo I - TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS DAS ENTREVISTAS

Entrevista feita para o projeto “Dar Voz ao Invisível”, desenvolvido durante a UC de Educação e Intervenção Artística, que inspirou a aplicação deste projeto junto as mulheres de etnia cigana.

(02/12/2021)

As entrevistadas responderam a seguinte pergunta:

O que é ser cigano?

Entrevista – Lenora (nome fictício)

(tempo aproximado: 11 minutos)

Lenora - Antigamente era mais difícil, não é? Agora pronto, ser cigana eu gosto, pronto, ser diferente, já não é como dantes que meu pai me proibia de andar na escola por causa dos meninos e pronto, era obrigatório estar casada com o cigano que a gente não gostasse.

Investigadora - Mas isso era uma tradição cigana?

Lenora - Uma tradição cigana sim, e havia muita família minha pronto, que às vezes havia muita confusão, muita confusão e eu às vezes via e pronto eu achei melhor não casar com familiar e eu cheguei num ponto de meter-me num colégio e agora em dia juntei-me com um rapaz que não é cigano, a mãe é cigana e o pai não é, vai fazer quatorze anos que estou com ele, tinha dezesseis, tenho meu filho já com doze anos o maior. E pronto, e como ser cigana pronto, é respeito pelos mais velhos e não falar mal a frente dos meninos mais novos, não é? E é isso, pronto, ser cigana é respeito e muita coisa mudou, muita coisa mudou, pra mim como tenho filhas e filhos, pra mim, do meu modo eu queria que eles se casassem, pronto, como eles quisessem, sem ser cigano, cigano, com alguém que goste, pra mim não tem nada a ver com isso, meus filhos que escolhem a vida deles que também escolhi a minha. Ser cigano também é um bocado complicado, pronto.

Investigadora - Achas que é difícil ser cigana **Lenora**?

Lenora - Sim, isso sim.

Investigadora - Acha que as pessoas tratam de maneira diferente?

Lenora - Diferente sim. Ciganos têm ciganos que, olha. Eu não me meto com a vida de ninguém, tô muito bem com minha casa fechada, quando me chamam praqui venho praqui (Giro ó Bairro) fazer algumas coisas, mas não me meto em confusões com eles. É um bocado complicado isto.

Investigadora - A nível de escola é um bocado da cultura cigana a mulher não ir pra escola?

Lenora - Sim. Eu tive, eu tinha os meus seis anitos quando indo pro primeiro ano, viram que já tava crescida dizia que o meu pai era obrigatório tirar da escola porque já não podia lá estar e pronto, eu fiquei muito triste, fui com ele a trabalhar desde os 12 anos pronto, para as feiras, era levantar muito cedo e eu via as minhas amigas às vezes passavam por lá a perguntar se é pra ir pra a escola e eu não podia lá dizer olha o meu pai proibiu-me de ir pra escola e não posso ir pra escola. É um bocado complicado, passei muito, depois quando fui crescendo tinha os meus 15 anos é que não me meti num colégio porque não havia, pronto, mas eu queria tá na escola, queria aprender, queria tá com as minhas amigas, não podiam, eram muito fechados, pronto. Os homens iam pra escola, vinham a hora que eles quisessem, pra gente não, era sempre fechada, “filha já estás crescida já tens maminhas, já não pode estar com as meninas, já não pode estar com tuas amigas” era muito diferente antigamente.

Investigadora - Agora já não acontece isso?

Lenora - Conforme, conforme. A muita gente que diz “ai, a minha filha não pode ir a escola porque já tá casada e isto e não sei o que””, eu não, eu pra mim pode estar os meus meninos a hora que eles quiserem ter a sua escola até os 18 anos eles é que sabem, eu sou assim

Investigadora - Consegue definir a cultura cigana em uma frase ou uma palavra?

Lenora - Pronto, é o respeito né e respeito também a ele, mas conforme das medidas que eles põem (homens ciganos), pra mim foi muito complicado a minha vida. E agora, que eu tenho meus filhos e eu queria estar em um curso de escola, quando fui ainda aprendi alguma coisa, porque eu desde o primeiro ano, tinha o primeiro ano eu já sabia as minhas contas todas, ainda sei hoje, sabia o meu nome todo, e se eu tivesse lá mais eu se calhar ainda conseguia ler e tudo mais.

Investigadora - Achas que também não continuastes porquê?

Lenora - Porque nasceram os meus filhos. E porque meu pai obrigou-me. È porque não posso agora neste momento, mas se eu pudesse ainda tava na escola sim, que ainda tenho trinta anos, podia tá na escola.

Investigadora - E achas que o fato das meninas casarem muito cedo é uma tradição que as prejudica hoje em dia não?

Lenora - Sim, acho que sim, eu na minha idade, pronto, eu juntei-me com o xxxx (marido), foi por causa em parte do meu pai, eu tava sempre fechada e fazia as coisas que

eu não queria e obrigava-me, de vez em quando me colocava de castigo e metia-me no quarto fechada, tanto que eu já não conseguia mais foi quando juntei-me com o rapaz. E foi difícil, ainda tive escondida na casa da tia dele, uns quatro ou cinco meses para estar tudo calmo. Eu não podia usar calças, não podia usar decote, era tudo fechado, era saias compridas e eu não queria, que eu andava com as minhas amigas, não é? Às vezes levava umas calças já dentro da minha escola, vestia-me, uma vez foi o meu pai lá a escrever-me um papel, olha, quando me viu com umas calças começou a ralhar comigo.

Investigadora - Hoje em dia as meninas já não são tratadas assim, já podem se vestir como querem?

Lenora - As minhas filhas usam o que elas querem.

Investigadora - Mas achas que são todas assim?

Lenora - Algumas, algumas. Na minha lei há muitas que deixam, mas há outras que não deixam. Há muitos, ainda há muitos. Eu que não tive direito, a minha filha tem liberdade toda pra ela fazer o que ela quer, eu sempre disse a minha filha, “filha o que tu quiseres usar usas que a mãe não se importa, se tiveres namorado se não tiveres namorado, eu não tenho nada a ver com isso, agora é muito cedo mas quando quiseres te juntar, junta-te com quem tu quiseres, pode ser cigano, seja branco, seja preto, o que tu escolheres a mãe aceita”.

Entrevista – Helena (nome fictício)

(tempo aproximado: 6 minutos)

Helena - É uma etnia muito unida, muito alegre, é bonito ser cigano, mas há certas coisas que eu também não gosto, as leis.

Investigadora - Há certas leis que tu não gostas?

Helena - Sim, tipo os casamentos, porque ainda há aquelas coisas, aquelas regras, também somos muito de falar se a gente der um passo em falso. Há coisas boas e há coisas contra que é mesmo assim.

Investigadora - Qual é que é o papel da mulher cigana?

Helena - Tem que casar virgem, são muito controladas digamos assim, de resto são muito unidos.

Investigadora - E depois de casar qual é o papel dela (mulher)?

Helena - agora já não é tanto, hoje já tem mais liberdade se quiseram trabalhar e essas coisas, mas antigamente era pra tá em casa e tratar dos filhos e a casa mais nada, era tipo andar nas feiras era o trabalho delas, mas agora já não se usa tanto isso, agora já são

modernas, ainda bem, estamos a evoluir, em termos de roupa, trabalho, já aceitam melhor certas coisas que antes não aceitavam, tipo uma cigana não podia se casar com uma pessoa que não fosse da etnia e agora já aceitam, eu tenho esse problema em casa, problema não sei se é problema, uma questão, pronto, tenho isso em casa, não tenho problemas dizer isso porque tenho uma cunhada, tenho cunhados que não são ciganos, o meu esposo também não é. As raparigas casam-se um bocadinho mais cedo porque temos que casar virgens, não podem namorar, mesmo que namorem tem que ser às escondidas e quando sabem não é assim muito bom.

Investigadora - E coisas boas?

Helena - É uma comunidade unida, tá sempre pronta pra ajudar uns aos outros, pelo menos eu falo da minha família, não digo dos outros porque não sei, mas a gente, meus irmãos, podemos estar todos chateados, mas se acontecer alguma coisa estamos todos unidos, falo pelos meus. Somos muito criticadas (mulheres) se a gente desviar, pronto, devíamos de correr por uma meta e se a gente desviar dessa meta é muito complicado, de início custa muito a aceitar, mas depois aceitam com o tempo.

Investigadora - Você acha que ainda tem muito preconceito das pessoas em relação à cultura cigana?

Helena - Sim, muito, aqui nesta zona não tanto, mas na zona da minha mãe, na zona do Ribatejo há muito, não dão assim trabalho por sermos ciganos, têm aquela coisa o cigano mata, o cigano rouba, “pagamos o justo pelo pecador” não é assim que se diz? Mas nem todos somos iguais, não é? Há pessoas honestas, como em todas as etnias, penso que seja assim, mas pronto, o cigano é um bocadinho acusado de muita coisa injusta e às vezes são mais sérios os ciganos do que muitas pessoas. Há muitas coisas nas outras etnias, mas os ciganos protegem muito as crianças.

Entrevista – Tarsila (nome fictício)

(tempo aproximado: 10 minutos)

Tarsila - É ter respeito, acima de tudo, não sei como explicar.

Fala-me em algumas tradições ciganas.

Tarsila - O casamento é muito importante, é a coisa mais importante que o cigano pode ter é o casamento, tem que estar virgem para isso acontecer, se não isso não é um casamento bom e é expulsa da comunidade.

Investigadora - Isso ainda acontece muito hoje em dia?

Tarsila - Acontece, não é muito, mas acontece. Porque se fores tá a fazer um casamento e se não tiveres virgem, se não é bom para os pais nem para os sogros, eu penso que não é bom né, não é bom mesmo na tradição.

Investigadora - E só isso é que faz um casamento bom?

Tarsila - Sim, não, isso não, isso é o inicial, mas tipo, tens que gostar da pessoa, sei lá, saber com quem vais te meter né. Hoje em dia já não é tanto, já não é como falam, hoje em dia já se casam com quem querem, já não são os pais a escolherem, acho que isso seja bem, porque eles casaram com quem eles quiseram, a gente também casa com quem a gente quer.

Investigadora - A partir do momento em que assumem um casamento é pra vida toda?

Tarsila - Sim, no meu caso sim, isso depende de cada pessoa né, mas na tradição quando assumem um casamento tem que ser para o resto da vida.

Investigadora - E se uma das pessoas morrer, por exemplo?

Tarsila - Ficas viúva para vida toda, podes voltar a casar, mas já não és...

Investigadora - Mas não é igual para a mulher e para o homem, ou é?

Tarsila - Opá, o homem, depende se ficar viúvo muito novo, o homem é sempre possível casar, agora uma mulher é mais difícil, tendo filhos tem que dar o respeito aos filhos, já não podem voltar a casar, eu não aceitaria que a minha mãe fosse buscar outro homem depois do meu pai morrer.

Investigadora - Se isso acontecer a comunidade já aceita?

Tarsila - Não aceita completamente, mas hoje em dia já tá melhor do que era antigamente, a pessoa é muito falada, é posta a parte, já não é expulsa da comunidade, mas fica fora, a parte.

Investigadora - O que é esse respeito que você estava a falar no início?

Tarsila - O respeito para com todos, com todas as pessoas né, tipo a gente, não é minha tia mas é mais velha do que eu e não vou tratar pelo nome, eu chamo por tia.

Investigadora - Tratar pelo nome dela seria falta de respeito?

Tarsila - Sim porque é mais velha que tu. Vocês não, chamam pelo nome, a gente não. Assim também é você, mas habitualmente é mais tia, tio, para dar-se ao respeito a uma pessoa mais velha, uma pessoa mais nova se queres o respeito tens de o guardar.

Investigadora - Você acha que ainda existe muito preconceito com os ciganos?

Tarsila - Sim, hoje em dia o que há mais é racismo. Tudo o que é português é bom, tudo o que é de fora, há em tudo racismo, já com os pretos é igual, é com os ciganos, é com os brasileiros, sejam lá de onde vêm, chegam em Portugal são racistas com essas pessoas.

Anexo II – PLANEAMENTO ORIGINAL

Planeamento das atividades



ABRIL 2022

06/04/2022	13/04/2022
<ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Explicação do propósito do projeto e as atividades que serão desenvolvidas;<input type="radio"/> Aspectos de controle, participação e partilha;<input type="radio"/> Regras sugeridas pelo grupo;<input type="radio"/> Exercício de literacia visual sobre empoderamento feminino;<input type="radio"/> Como fazer fotografias com uma lata;<input type="radio"/> Atividade para casa.	<ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Exercício visual de composição e intenção de imagem;<input type="radio"/> Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;<input type="radio"/> Exemplos de técnicas de intervenção plástica sobre o suporte fotográfico;<input type="radio"/> Exemplo e aplicação de técnica sugerida (aquarela);<input type="radio"/> Atividade para casa.
20/04/2022	27/04/2022
<ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Exercício de literacia visual sobre identificação pessoal;<input type="radio"/> Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;<input type="radio"/> Exemplo e aplicação de técnica sugerida (marcadores e cera);<input type="radio"/> Exercício com espelho em busca de valores e qualidades;<input type="radio"/> Atividade para casa.	<ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> Exercício de literacia visual sobre histórias de vida;<input type="radio"/> Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;<input type="radio"/> Exemplo e aplicação de técnica sugerida (ocultar e desocultar, tinta da china);<input type="radio"/> Atividade para casa.

Planeamento das atividades



MAIO 2022

04/05/2022	11/05/2022
<ul style="list-style-type: none">○ Exercício de literacia visual pontos de vista;○ Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;○ Exemplo e aplicação de técnica sugerida (desconstruir e reconstruir, colagem);○ Atividade para casa.	<ul style="list-style-type: none">○ Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;○ Explicação e exercício de antiotipia;○ Exemplo e aplicação de técnica sugerida (bordado);○ Atividade para casa.
18/05/2022	25/05/2022
<ul style="list-style-type: none">○ Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;○ Tabela de Identificação de Interesses;○ Exercício Intenções visuais e roteirização;○ Atividade para casa, Planeamento da produção fotográfica.	<ul style="list-style-type: none">○ Discussão em grupo sobre o planeamento de cada participante;○ Revisão e ajustes, mais exemplos;○ Atividade para casa, produção fotográfica.

Planeamento das atividades



JUNHO 2022

01/06/2022	08/06/2022
<ul style="list-style-type: none">○ Laboratório de revelação;○ Intervenção sobre a fotografia, conceção da fotografia com intervenção plástica;○ Atividade para casa, continuar a intervir na imagem.	<ul style="list-style-type: none">○ Leitura e reflexão sobre a atividade realizada em casa;○ Reflexão coletiva sobre o projeto;○ Questionamento sobre a possibilidade de apresentação e exposição dos trabalhos.

Anexo III - TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS DA FOTO-ELICITAÇÃO

#Sessão 2 – (27/04/2022)

Atividade 1 - (tempo de áudio aproximado: 7 minutos)

Explicação da atividade: Foram dispostas algumas imagens sobre uma mesa e solicitado as participantes que escolhessem uma que mais chamasse sua atenção. Foi recomendado que pensassem sobre os elementos da imagem, cores, composição, intenção e possíveis significados.

Clarice - Esta imposição das mulheres terem de tapar a cara, e ela é uma criança não é, parece, e tem a cara destapada, mas as mulheres são todas obrigadas a ter a cara tapada, é que nem os olhos tem amostra, já viste? Deve ser horrível.

Tarsila - Isto deve ser muito mal mesmo.

Clarice - Deve ser horrível.

Tarsila - Queres respirar bem e nem respirar.

Investigadora - As cores, elas transmitem alguma sensação? Eles têm algum impacto nesta imagem?

Clarice - Para mim, olha, o azul, o impacto que tem o azul, tendo em conta que elas estão todas de azul, se calhar, reflete um bocado essa obrigação de que todas tem que estar com o manto, com a cara tapada, todas de azul, ou seja, é uma obrigação para todas as mulheres, só esta (criança) é que se diferencia das outras todas, inclusive na cor.

E você Tarsila o que achou?

Tarsila - Esta reflete alegria, porque a dança pra gente é uma alegria. Só de ver estes pés e este vestido no ar, lembra-me as nossas danças, quando temos uma festa a nossa maior tradição é a dança e a música, por isso é que me chamou a atenção esta imagem.

Clarice - Posso só referir uma coisa, não tem luz, não tem cor, mas tem a sensação de movimento, não é? Vê-se que a saia tá a rodar, né? Isto tá estático (aponta), isto tá estático (aponta), mas a saia vê-se que tem movimento.

Investigadora - E o que você achou da foto da Clarice, Tarsila?

Tarsila - Epa, isso deve ser um bocado mal, porque...

Clarice - É poderosa.

Tarsila - Ela (criança) supostamente, se calhar, também deve estar, devia estar com a cara tapada e ela está com a cara destapada, e as que estão à volta dela, nem sequer os olhos vêem, que aquilo é tipo uma rede.

Clarice - É capaz de ser, a partir de uma determinada idade já são consideradas mulheres então tem de estar mesmo, mas tem que andar sempre com isto em cima da cabeça acho eu e quando entram em determinados sítios tem que tapar a boca e nariz.

Tarsila - Será que elas em casa podem tirar isto?

Clarice - Sim, em casa sim, a partir do momento que têm o pé fora de casa têm que estar tapadas. É verdade, por isso é que há muitas mulheres nestes países que querem fugir de lá, as que são contra e que têm ideias diferentes, né?

Tarsila - Não importa se és feia nem bonita, só vê o marido e os filhos praticamente.

Clarice - O que acontece é, tu perceberes que o papel da mulher não interessa pra nada.

Tarsila - A mulher lá é discriminada então.

Clarice - O que interessa é que ela seja realmente uma mulher, que tá ali debaixo do pano e que vai servir o marido, em todos os aspetos, não interessa se é bonita, se é feia, se é alta, se é magra, se tem a cara toda esburacada ou com sinais, o que interessa é servir o papel de mulher, tá em casa, servir o marido, procriar.

Tarsila - A mulher é bué discriminada nestes países então. Quer dizer, eles (homens) podem andar com a cara à mostra e tudo e mais alguma coisa e as mulheres não.

Investigadora - E na nossa sociedade não acontece algo parecido?

Tarsila - Depende, depende do marido, do namorado.

Clarice - E depende também da mulher, se a mulher aceita isso ou não.

Tarsila - Às vezes pode ser obrigada. E se for obrigada? Se for ameaçada?

Clarice - Pode fugir

Tarsila - É, e se a apanharem ao meio do caminho? Correm esse risco.

Clarice - Eu andei a ver uma série na Netflix sobre estas culturas, não sei se era no Irão, se era na Palestina, não sei muito bem onde era, e é muito interessante tu perceberes realmente o papel da mulher que ela é tão maltratada, mas aquilo retrata um casal que ela quer fugir, ela quer sair, ela quer ir para outro país, porque quer ser uma mulher, normal e pronto, e tudo em volta, a família, ela ter filhos, o marido tá em uma rede de terrorismo. É muito interessante, percebemos que há mulheres que estão em situações terríveis, mas é interessante de ver por que tu ficas com uma perceção de outros países, pra percebestes que nossa realidade não é só o que existe e darmos valor a nós próprias.

Atividade 2 - (tempo de áudio aproximado: 9 minutos)

Explicação da atividade: Falar sobre a escolha do registo fotográfico feito na sessão anterior, na qual, foi solicitada uma foto que representasse o que é ser mulher, as

participantes escolheram fotografar uma mulher a lavar loiça na cozinha. A partir daí gerou-se uma conversa sobre o espaço da cozinha. Posteriormente foi feita a intervenção plástica sobre o suporte fotográfico e reflexão sobre o significado e escolha das cores para pintar a imagem.

Tarsila - Eu gosto. (estra na cozinha)

Clarice - Tu gostas de estar na cozinha? Quer dizer, eu gosto.

Tarsila - Às vezes me dá calma estar na cozinha.

Clarice - Lá está, a mim também, eu também gosto de estar, por exemplo, se tiver alguém que va lá a minha casa comer, adoro tá na cozinha e estarmos ali todos a fazer comida e conversar, mas todos os dias, todos os dias, fico chateada, e ter que lá tá todos os dias sozinha sabes, porque é uma obrigação, porque tem que ser eu, aborrece-me, por tanto azul, mas também gosto, também me sinto bem, sinto-me dinâmica quando tô lá e quando estou bem gosto de fazer, sinto felicidade.

Tatiana - E o que a gente vai pintar aqui?

Clarice - O que tu quiseres. Aqui nota-se a pessoa e aqui não (fotografias da sessão anterior). Então nós vamos pintar quantas?

Investigadora - Quantas quiserem, vocês podem fazer experiências.

Clarice - Normalmente durante a semana, à noite, no fim de comer, aborrece-me ir pra cozinha andar a arrumar tudo, quero ir sentar-me sossegada e descansar, né? Mas tem que ser.

Tarsila - Que remédio?

Clarice - Que remédio. é esse que remédio que me chateia.

Tarsila - Se a gente não fizer fica lá a louça "tututututu" (onomatopeia).

Clarice - Lá em casa é, no fim comermos, eu ponho a loiça na máquina, todos trazem tudo o que tá na mesa, despejam no caixote de lixo e põem em cima da bancada, eu meto tudo na máquina e depois limpo a bancada. Tá se bem, temos que dividir um bocadinho o trabalho, não é? Vou pôr o verde, na esperança de que ela (loiça) se arrume sozinha.

Tarsila - Arruma, arruma. Eu não gosto de máquina de lavar loiça.

- Juntam-se mais participantes a atividade -

Investigadora - Temos aqui uma tabela com o significado de algumas cores e estamos pintando a fotografia de acordo com o que sentimos quando estamos na cozinha.

Hilda - Eu gosto.

Investigadora - Gosta de lavar loiça?

Mary - Eu gosto de tá na cozinha a comer.

Hilda - Tá torto o meu triângulo.

Investigadora - O que o azul significa pra ti?

Hilda - Bom.

Investigadora - E o rosa?

Hilda - O rosa, mais ou menos.

Investigadora - E você Berthe? Gostou da sua obra de arte? Refletiu o que você sente?

Berthe - Eu gostei.

Investigadora - E a cozinha é um espaço que você gosta de estar?

Berthe - Gosto de lavar as facas.

Mary - Eu não senti nada, sei lá o que pus.

Investigadora - Então você fez só por expressão. Mas você gostou da atividade?

Mary - Sim, senti-me bem com o que fiz com o desenho, sim.

- Debate pós intervenção plástica -

Investigadora - Vocês acham que esse exercício teve alguma importância? O que a fotografia representa?

Mary - Representa a minha mãe a lavar a cozinha.

É sempre a sua mãe quem cuida da cozinha?

Mary - Lavar loiça sou eu, arrumo a mesa, varro o chão.

Investigadora - Sempre são vocês as duas que ficam responsáveis por esse espaço? E o que você sente sobre isso?

Mary - Sim. Não gosto, sinto raiva porque quando tô a brincar ela chama-me só para arrumar a cozinha. E arrumar o meu quarto é uma sorte.

Frida - Mas isso é o nosso espaço pessoal, toda gente deve fazer essa parte, agora a cozinha já é um bocadito mais rotativo, lá em casa tem que ser.

Mary - Eu não casei...

Anita - Em casa!

Frida - Em casa, eu pelo menos falo por mim, estava a fazer uma afirmação.

Investigadora - O que mais? O que vocês acharam dessa experiência?

Frida - Eu gostei. Porque eu gosto muito de entender emoções e como aparece o significado das cores, isso é mesmo o significado de cada cor?

Investigadora - Sim, foram pesquisas que fiz sobre cada cor e resumi nesta tabela.

Frida - Boa, boa, porque me fez lembrar momentos em que lavei a loiça, mas assim, pronto, momentos mais repetidos e aquilo que partilhei, mentalmente comigo mesma, consegui rever *bue* emoções. Por isso é que, pronto, teve *bue* sentido pra mim.

Investigadora - E você gostou desse momento de reflexão?

Frida - *Uhum*, gosto muito, acho muito importante refletir, nem que seja a lavar loiça, porque ao lavar loiça dá pra refletir. Menos, por isso é que eu aqui meti, a frigideira normalmente é... todos os instrumentos que têm óleos demoram muito a limpar, ou seja, sou mais impaciente com isso, custa-me mais, perco a motivação e começo a buscar pensamentos meus, até posso tá num dia bom, mas vou buscar pensamentos mais assim *toinhos*, mais tristes.

Mary - E aposta quanto que vais buscar o arame pra esfregar e aquilo não sai mesmo.

Frida - Mais irritada ficas, estais a ver. Assim, emoções mais negativas, pronto, a frigideira teve de ser, mas de resto consegui buscar outras emoções boas. O cinzento, pronto, há momentos pra tudo. Acho que só assim mais negativo foi a questão aqui, pronto, mais angustiante, mais frustrante, pronto, vais buscar pensamentos ou situações que estejas mais triste. Às vezes aqui entretenho-me bastante, daí o dinamismo da atividade do vermelho, daí o roxo tá a refletir a lucidez, mas o cinzento aqui, as vezes, pronto, em algumas incertezas de pensamentos, pronto, passa tudo na reflexão, isso é mais os negativos, porque de resto estamos sempre a renovar pensamentos, o verde, pronto, fui muito por aí.

Anita - A **Anita** pensou mais na pessoa do que no que está a fazer, no ambiente ao redor. Eu acho que quando nós... A partir do momento em que elas vêm a mulher lavando a loiça é a perspetiva que elas têm da mulher na sociedade e acho que hoje em dia já não é muito assim, que nós devemos ter essa mentalidade, o pai, o irmão, o primo ou quem esteja lá em casa também podem ajudar, podem e devem ajudar, porque também sujam, não é? E então, para além de pensar sobre isso, a escolha delas por ser esta imagem. Depois também, tava a pensar, como a **Frida** disse, quando nos lavamos a loiça, vem-nos emoções, vem-nos pensamentos, as vezes é mais neutro, o facto de as vezes estarmos ali... estamos a lavar e nem estamos a ver que estamos a lavar, estamos a pensar mais do que na ação em si. Também aqui a neutralidade, a perseverança, quando nós estamos a lavar a loiça também, eu meti na cabeça que é a racionalidade e a emoção, as vezes tão ali a jogar um com o outro, e pronto, temos que fazer este equilíbrio entre a emoção e o ser racional e o ser objetivo nas nossas ações. Aqui meti a feminilidade, a delicadeza no ato de cozinhar, porque também a ideia que tenho, a mulher é mais delicada nas coisas, há homens também né? Mas a mulher é mais delicada aos pormenores, então associei o ato de cozinhar a delicadeza. Mas pronto, conheço homens que também tem essas características.

Clarice - Vou escolher esta fotografia, porque... escolhi aqui o verde da perseverança na imagem da pessoa e o verde também na esperança de que isto seja só um momento rápido e que passe rápido. Tenho aqui uns picos de cores, fiz mesmo picos intencionalmente, porque, realmente o fato de estar na cozinha traz-me vários sentimentos e traz-me picos de sentimentos. Tenho momentos de reflexão, às vezes quando tô sozinha é o momento em que eu penso em muita coisa do que aconteceu no dia ou do que vai acontecer ou o que se passa na minha vida. O azul, tem momentos de, aqui pode ser calma, depende do meu estado de espírito, depende da reflexão que eu estiver a fazer, ou então de solidão e tristeza também porque tô ali sozinha e sinto que não deveria estar sozinha, apesar, lá está, são picos porque posso ficar feliz, a momentos que fico feliz por isso, mas há outros, noutra pico posso ficar revoltada porque sinto que não deveria estar sozinha. O vermelho, é uma atividade que eu tento fazê-la sempre com mais dinamismo possível, para despachar, sou muito dinâmica na cozinha, faço as coisas muito rápido. O laranja, era o que, o laranja é um bocado esta coisa toda, o equilíbrio, lá está, algumas vezes gosto, outras vezes não gosto, por tanto tem de haver aqui um equilíbrio sobre os sentimentos. Escrevi “sem obrigação” porque acho que isto deve ser uma tarefa da mulher que não deve ser uma obrigação, apesar de que elas escolheram isto (registo fotográfico) por ser uma obrigação, na sociedade é imposto isto quase como uma obrigação. Deve ser feito com prazer, eu escolhi o rosa por causa da feminilidade, que deve ser feito com prazer e com gosto, também tenho estes momentos de gosto e de prazer quando estou na cozinha. Pronto, e depois tenho aqui um salpico destas cores todas, destas misturas de emoções, há momentos que gosto e há momentos que não gosto, é basicamente isto.

#Sessão 3 – (04/05/2022)

Atividade 1 - (tempo de áudio aproximado: 5 minutos)

Explicação da atividade: Fotografias foram espalhadas no espaço onde a sessão seria realizada, foi solicitado as participantes que escolhessem uma fotografia que representasse como elas estavam se sentindo, em seguida foi feito um debate sobre as fotografias escolhidas. Depois foi pedido para que trocassem a fotografia anterior por uma que refletisse a sua personalidade e foi feito uma nova discussão.

Investigadora - Mostrem as imagens que vocês escolheram umas para as outras, vocês conseguem definir em uma palavra o que elas representam?

Frida - A palavra é para representar a minha imagem?

Investigadora - Sim a sua imagem.

Frida - Uma palavra ou uma expressão?

Investigadora - Pode ser uma expressão, lembrem que eu pedi para vocês pensarem em como estão se sentindo.

Mary - Eu estou-me a sentir bem. Eu estou-me a sentir contente.

Hilda - Eu estou-me a sentir feliz, muito feliz.

Frida - A minha expressão é fazer-me a vida.

Hilda - E a **Berthe** tá com sono.

Berthe - Tô com sono.

Tamara - Eu gostei dessa imagem porque dá sentido de liberdade, dá para... nós em cima de qualquer coisas com roda vamos a todo lado e minha vida é isto, a liberdade.

Anita - A minha transmitiu-me tranquilidade, beleza, serenidade.

Investigadora - Agora podem olhar para as imagens umas das outras e vão escolher uma que represente a personalidade de vocês, podem trocar umas com as outras.

Tamara - Pode-se manter?

Frida - Eu escolho a foto de uma, mas estou a caracterizar a minha personalidade?

Investigadora - Sim, a sua personalidade.

Hilda - Como assim não estou a perceber?

Tamara - Já escolhi.

Investigadora - Entre as fotos que estão no grupo vocês vão escolher uma que represente a personalidade de vocês. Vocês podem querer trocar com uma pessoa ou não, mas se alguém quiser trocar com você, você não pode negar.

Frida - Mas posso manter a minha?

Investigadora - Se quiser pode manter.

Hilda - Eu escolho a da **Berthe**.

Investigadora - Num primeiro momento eu pedi que vocês escolhessem uma que representasse como vocês estavam se sentindo, e agora vocês podem trocar por uma que represente melhor a sua personalidade, isso é, por exemplo se você se acha uma pessoa divertida, tímida...

Mary - Eu acho-me uma pessoa divertida.

Investigadora - Alguém vai querer trocar a imagem?

Hilda - Eu.

Tamara - Eu quero manter.

Frida - Eu quero manter, senão eu trocava por aquela no sentido de ser livre, mas não é só ser livre, é no sentido de eu sou capaz. Eu sou capaz, a mim acho que abrange também isto, não sei, acho que a imagem é forte.

Investigadora - Uma palavra para definir a personalidade de vocês.

Tamara – Livre.

Frida - Fazer-me a vida.

Mary - Feliz

Frida - Resiliente, é a minha melhor qualidade.

Hilda – Triste.

Investigadora - Essa imagem representa a tristeza?

Hilda - Não, porque as flores para nós significam a morte.

Investigadora - As imagens, dependendo da pessoa que olha sempre vai ter um significado diferente.

Frida - Deixa-me ver a tua Cristina.

Hilda - Porque eu tô com sono ao mesmo tempo.

Investigadora - Como o sono representa a tua personalidade?

Tamara - Malta, personalidade é quem és tu.

Hilda - Quem és tu, é quem sou eu?

Investigadora - Sim.

Frida - Olha pras pétalas, porque nem é uma flor inteira, olha para as pétalas e pensas no que? O que que achas que tem a ver contigo? Que sentimentos é que lembram?

Mary - Lembra doida, doida da cabeça.

Hilda - Vá, triste. Isto é a morte, fico triste de olhar pra isto.

Investigadora - Tu achas que a tristeza representa a tua personalidade?

Frida - És uma pessoa triste?

Hilda - Todos os dias também não.

Investigadora - E tu Berthe?

Berthe -Eu nada.

Investigadora - O que tu achas que representa essa imagem?

Hilda - Feliz, triste...

Berthe - Feliz.

Hilda - Eu quero ver a minha foto e a da **Berthe**.

Atividade 2 - (tempo de áudio aproximado: 12 minutos)

Explicação da atividade: Falar sobre a escolha do registo fotográfico feito na sessão anterior, na qual, foi solicitada uma foto que representasse uma mulher forte, feliz e empoderada. As participantes produziram seis fotografias distintas e referenciaram aspetos como: união, solidariedade, ajuda mútua, cuidado e respeito. Posteriormente foi feita a intervenção plástica sobre o suporte fotográfico e reflexão sobre o significado e escolha das cores para pintar a imagem.

Investigadora - Na sessão anterior, nós tentamos representar através da fotografia, uma mulher empoderada, forte, feliz. Vocês lembram quais foram as ideias por trás de cada imagem?

Frida - Eu lembro.

Hilda - Não.

Investigadora - Por que vocês escolheram fotografar perto do mural?

Frida - Eu lembro-me que o pneu era o equilíbrio e eu tinha capacidades e competências para ajudar a alguém e tava a ajudá-la a criar o mural, a construir algo.

Investigadora - Essa aqui, que mostra vocês subindo o muro, também foi a questão da ajuda?

Frida - Ajudar-nos uns aos outros.

Investigadora - Essa a Hilda estava regando.

Hilda - Regando as plantas e cuidando do jardim.

Investigadora - Agora eu gostaria que vocês escolhessem uma dessas imagens e que pensassem na intenção que vocês tiveram na sessão anterior para criação destas imagens.

Tamara - É para escolher uma imagem?

Investigadora - Sim. Hoje vamos utilizar marcadores e pastel.

Hilda - Eu não quero pintar.

Investigadora - Se não quiser, não precisa. Eu vou mostrar alguns exemplos de intervenção com marcadores e com pastel que podem ser feitas. Aqui estão alguns exemplos de artistas, mulheres, que trabalham com marcadores, com papel colorido (colagem). Procurem escolher um elemento na imagem para ressaltar, pensando na questão do empoderamento, da força.

Frida - Olha, eu gosto desta, transmite-me o clima de festa, transmite-me sentimentos alegres. Quanto a foto, quero a minha, que tô a ajudar, esta. O fato de sabermos que vamos ajudar o outro, tem que ser bom, temos que ter gosto em fazer isto.

Investigadora - E nessa imagem que tu escolheste, vemos que tem um personagem central, né?

Frida - Sim, ressalta-se para mim a mulher e por acaso até somos duas mulheres, e não só isso, mas não só, ressaltar a pessoa, ninguém é menos que ninguém, gostei disto.

Tamara - Gostei desta.

Investigadora - Tentem se inspirar por essas imagens que vocês gostaram e escolham uma foto para usar como base.

Tamara - Escolho esta.

Hilda - Escolho esta, a minha e a da **Berthe**.

Tamara - Mas isto é tipo o que? Agora tenho que fazer isto aqui?

Investigadora - Não é para reproduzir, é para se inspirar pela imagem, não precisa copiar.

Tamara - Então o que faço aqui, um desenho?

Investigadora - O que eu sugeri foi que vocês escolham um elemento que queiram destacar, pensando na questão do empoderamento, da força e da felicidade da mulher e que tentem expressar isso através das cores, do traço, dos marcadores.

Tamara - É pra desenhar? Pintar mesmo? *Repicos*?

Investigadora - Fiquem à vontade. É da forma como querem se expressar.

Hilda - Fazes o que quiseres.

Berthe - Por exemplo, podes fazer uma flor.

- Debate pós intervenção plástica -

Hilda - Eu gostei...

Mary - Eu gostei do da Clarice.

Investigadora - Mas o que tu achou da intervenção que tu fez?

Mary - Olha eu achei feio. Não, tô a brincar.

Anita - Mas porque fizeste com esta cor? O que tavas a pensar?

Mary - Estava a pensar no jardim, só que fiz tudo mal.

Investigadora - Tu acha? O que foi que tu não gostou?

Mary - Do verde.

Investigadora - E você Berthe, o que achou do seu?

Berthe - Eu achei bonito.

Investigadora - E em que você pensou quando estava pintando?

Berthe - Na minha imaginação.

Investigadora - Teve algum pensamento ou sentimento mais específico quando estava desenhando?

Berthe - Sim, as nuvens e os corações.

Investigadora - E o que as nuvens e os corações representam pra ti?

Berthe - Pra mim, não sei.

Investigadora - O que tu sente quando olha para os corações e para as nuvens?

Berthe - Feliz.

Hilda - Pode ser eu?

Anita - Vá Luciana.

Hilda - eu senti-me nervosa.

Investigadora - Nervosa, porquê?

Hilda - Porque eu tava a fazer tão bem e depois deu-me nervos.

Investigadora - E você Anita?

Anita - Eu fui de encontro à atividade que tínhamos feito na semana passada com as cores, para representar o que cada cor queria dizer. O amarelo, o otimismo, aqui, o dinamismo, a força, depois aqui a perseverança, o equilíbrio.

Investigadora - E a escolha do traço? Pensou em destacar alguma coisa?

Anita - O traço assim, tem a ver com o dinamismo e com o movimento, o vermelho. Pronto, aqui o amarelo é quando nós já conseguimos atingir o otimismo e a força que nos transmite. E pronto, e depois, deriva o dinamismo e a força que está a ser transmitida a outra pessoa, tentando atingir o otimismo, o equilíbrio. Depois, aqui também escrevi a palavra “união”, com cor de laranja. Acho que é só.

Investigadora - A Clarice e a Frida saíram, mas depois pergunto a elas. A Frida também tentou ir de encontro às cores.

Tamara - Eu acho que tentei pegar um bocadinho no que é a escolinha, por tanto meti ali o arco-íris, o coração e as casas. Meti duas portas, porque acho que toda gente deve ter duas saídas, não é? Eu acho que há outras maneiras de seguir a vida, não é? Por exemplo, eu via um futuro muito mais propício para algumas das crianças deste bairro, por exemplo a **Lygia**, eu vejo a **Lygia** a sair daqui a estudar, a ter uma boa vida, porque é uma menina inteligente e ela sabe que é. Via a **Mary** também a seguir qualquer coisa, a **Berth** se calhar, na parte das artes. Só que o problema é que eles escolhem sempre a porta mais fácil, que é, chegam em uma idade e casam, tem filhos e ficam aqui, e eu acho que era bom eles perceberem que há mais para além disto.

Mary - Eu não quero ter filhos e não quero ter essa vida.

Tamara - Tá bem, mas diz-me, o que vais fazer aos dezoito anos?

Mary - Aos dezoito anos vou tirar a carta.

Tamara - E mais?

Anita - Quando saíres da escola vais fazer o que?

Tamara - Com que idade queres acabar o secundário?

Anita - Queres terminar a escola em que ano?

Mary - Sei lá.

Tamara - Com que idade é que queres sair da escola?

Mary - Sei lá.

Tamara - Tás a ver?

Mary - Quero ter um emprego só meu.

Tamara - Ok, mas isso é um emprego.

Anita - Pra ter um emprego tens de estudar agora.

Tamara - Pra ter um emprego tens de estudar, então, tas disposta a ir pra faculdade? É esta a parte que estou a pensar, mas estou a ver, daqui a dois anos apareço aqui e pergunto como é que está essa parte do estudo.

Mary - Daqui a dois anos tenho treze anos.

Tamara - Já tens mais maturidade, já podes pensar no que queres. Ficamos assim, daqui a dois anos tô aqui. Mas pronto, eu aqui vejo mais essa parte, há sempre duas saídas, e a saída mais fácil pra eles na minha opinião é esta, que é ficar no sítio, e não, subir as escadas e sair, saltar o muro pro outro lado. Verem o outro lado da vida, perceberem que há mais para além disto, tipo, há mais sítios, não é só Leiria, não tô a falar só em Leiria, mesmo fora do país.

Lygia - Queres que a gente fique aqui?

Tamara - Não! É isto que estou a querer dizer. Mas este caminho, eu se vier daqui a dez anos, se calhar, encontro um par de vocês aqui na mesma.

Lygia - Não, não, não.

Tamara - Podes não ser tu, podes não ser tu, mas não se esqueçam que não são só vocês as três.

Mary - O xxx não quer sair daqui deste bairro, porque esta casa era da minha avó.

Tamara - Sim, mas isto é uma coisa, outra coisa é não querer sair por exemplo pra ficar aqui, pra fazer mais do mesmo.

Mary - Eu quero ficar aqui pro resto da vida.

Tamara - Pronto, eu acho que há outra saída para além disto e acho que há pessoas aqui que tem muitas competências para sair, a **Tarsila** por exemplo, eu acho que tinha competências para ir onde quisesse, sou sincera, e não, vai ficar aqui. E a parte boa disto

é querer sair, é nós crescermos aqui, não perdermos as nossas raízes, mas querer criar mais.

#Sessão 4 – (11/05/2022)

Atividade 1 - (tempo de áudio aproximado: 5 minutos)

Explicação da atividade: Debate sobre a palavra que escolheram para representar a sua personalidade e o registo fotográfico feito para representá-la, durante a sessão anterior.

Investigadora - Vamos começar? Todas estavam nas atividades da quarta-feira passada?

Hilda - É pra pintar?

Investigadora - Não, hoje nós vamos fazer colagens, mas é só depois dessa primeira atividade. Vocês lembram as palavras que vocês escolheram? (sessão anterior).

Berthe - Não.

Investigadora - Você falou cansada.

Tamara - Eu lembro-me, eu lembro-me. Eu era esta.

Investigadora - Liberdade, é.

Hilda - Eu disse, eu disse, triste, não foi?

Investigadora - Foi.

Lygia - Tá aqui as fotos que nós tiramos da outra vez?

Investigadora - Tá sim, mas vou mostrar depois. Vamos começar o primeiro exercício. Vocês acharam muito difícil escolher uma palavra para definir a personalidade de vocês?

Mary - Não.

Lygia - Mais ou menos.

Investigadora - Por que mais ou menos?

Lygia - Porque, por exemplo, há muitas coisas que eu não sou e há muitas que eu sou.

Investigadora - Então tem muitas opções, né?

Lygia - Sim, fica bem mais complicado pra eu escolher.

Investigadora - E você, Berthe?

Berthe - Foi fácil.

Investigadora - Mas a palavra cansada define a tua personalidade ou era só o momento que tu tava cansada?

Berth - Era só o momento.

Investigadora - Então não foi tão fácil, o objetivo era escolher uma palavra que representasse a gente. E tu Hilda, achou fácil ou difícil?

Hilda - Mais ou menos.

Mary - Eu me sinto inspirada.

Investigadora - E para vocês que acharam fácil escolher uma palavra, na hora de transformar essa palavra em imagem, também foi fácil?

Tamara - Mais ou menos. Porque liberdade é, é uma coisa que é fácil e difícil de se representar, porque uma pessoa pode ser livre e não se sentir livre, por exemplo hoje em dia vemos muitas pessoas com medo de dizerem o que são e eu acho que uma pessoa só é livre a partir do momento em que consegue dizer a toda gente o que é e se sentir livre consigo própria. Eu acho que é difícil retratar isto numa só imagem, porque a liberdade para as pessoas é completamente diferente umas para as outras. Por exemplo a minha liberdade, eu prefiro, a liberdade que eu escolhi foi como ao olharmos pra cima, que foi a foto que escolhi, mas se calhar outras pessoas que, em liberdade, metem um pássaro ou outra coisa qualquer. Pronto, eu acho que é mais no sentido disso, eu acho que é difícil retratar a palavra liberdade mesmo por isso. Para cada pessoa tem um significado diferente.

Investigadora - Mais alguém quer comentar algo sobre isso?

Lygia - Foi muito complicado porque eu ia quase caindo.

Atividade 2 - (tempo de áudio aproximado: 15 minutos)

Explicação da atividade: Foi solicitado as participantes que completassem a seguinte frase: “Mulher nasceu para _____”. E que escolhessem uma imagem que representasse essa afirmação.

Investigadora - Como vocês completariam a frase “a mulher nasceu para _____”

Lygia - Trabalhar.

Hilda - Ser mãe.

Tamara - Ser livre. Trabalhar? Por que a mulher nasceu para trabalhar?

Lygia - Mas não é só trabalhar.

Hilda - Também é preciso ganhar dinheiro.

Tamara - Claro, mas não é só trabalhar.

O que mais?

Mary - Ser feliz

Tamara - Ser Fiel

Hilda - O que é fiel?

Mary - É confiar em Deus

Tamara - É no sentido de, por exemplo, tu conta-me uma coisa, eu vou contar a ela? Não, vou ser fiel contigo. Ser fiel também pode ser com marido etc. por exemplo, ser fiel com o marido é, o marido ter uma só mulher e não andar por aí à procura de outras.

Hilda - Há senhoras que querem...

Tamara - Querem muitas mulheres pronto, isso é ser infiel...

Hilda - Não, senhores.

Mary - Há muitos ciganos aqui no bairro, que têm crianças e essas coisas e que não são fiéis.

Investigadora - Ser fiel, ser livre, ser mãe, trabalhar e ser feliz. Mais alguma coisa?

Lygia - Não.

Hilda - Não.

Tamara - Falta muita coisa ainda malta. Uma mulher, o que uma mulher pode ser?

Lygia - Pode ser tudo que ela quiser.

Mary - Pode ser descabelada.

Investigadora - A pergunta é, “uma mulher nasceu para _____”

Hilda - Eu nasci para...

Mary - Ser rica.

Lygia - Guerreira.

Hilda - O meu sonho é ser rica.

Tamara - O meu também, então e a gente tem que lutar pra isso.

Mary - Divertida.

Investigadora - O que mais?

Tamara - Mais meninas, mais coisas.

Hilda - Para nascerem pra chorar.

Mary - Pra ser doída.

Investigadora - Uma última para acabar o papel.

Hilda - Ser mulher.

Investigadora - Pronto. Agora vamos tentar achar nessas imagens, uma que corresponda a cada palavra. Vamos lá um desafio.

Hilda - Ser mulher, onde está o ser mulher.

Mary - Achei trabalhadora.

Tamara - Olha, eu achei o livre.

Mary - Podemos colar a imagem?

Investigadora - Podem, coloque em cima.

Berthe - Ser pintora.

Tamara - Ser rica, quero ser mesmo uma mulher rica.

Hilda - Dá esta, dá cá esta.

Tamara - Esta tá é pintada.

Mary - Ser feliz, deixe-me ver uma de ser feliz

Hilda - Ser rica.

Lygia - Ser feliz pode ser esta.

Mary - Acha que isto é ser feliz?

Tamara - Eu acho que sim. Olha, ser mãe.

Investigadora - Só falta ser rica e ser doida.

Tamara - Aqui não tem nada de ser rica.

Investigadora - Ser rica também é relativo à visão de cada pessoa, não precisa ser só de dinheiro. Que tal essa?

Hilda - Isto não é ser rica.

Tamara - Pode ser esta.

Hilda - Onde esta ser maluca?

Investigadora - A Mary pegou.

Tamara - Olha, então o que é que falta?

Mary - Nada, não falta nada.

Investigadora - Então vamos arrumar e ver se todo mundo concorda.

Hilda - Ser asseada. Escreve aí ser asseada.

Mary - Escreve aí ser asseada.

Investigadora - Quem falou ser asseada?

Hilda - Eu.

Investigadora - Curiosamente, esta palavra também apareceu na primeira sessão.

Mary - Escreve aí fugitiva.

Hilda - Esta, parece que estão fugindo da cadeia.

Investigadora - Elas podem estar só saindo do trabalho. Meninas olhem para estes *post-its* em rosa, vocês concordam que todas as palavras correspondem a imagem?

Hilda - Eu só concordo com a minha, então não.

Investigadora - Esse, ser divertida, vocês acham que corresponde?

Tamara - Não

Hilda - Não

Anita - Esta parece mais com ser trabalhadora.

Tamara - Não, isso é mais tipo ajudar.

Hilda - Não, ser trabalhadora.

Mary - Não, deve ser feirante.

Hilda - Não, põe isso daí em ser trabalhadora.

Investigadora - E uma imagem que corresponda à divertida?

Tamara - Olha, encontrei.

Mary - Encontrei.

Tamara - Não, isso não é nada divertidos.

Hilda - Onde esta a cabeça Mary?

Mary - Aqui, ser divertido.

Hilda - Que é isso Mary?

Investigadora - Decidam em grupo.

Hilda - Mostra Mary.

Mary - Olha a senhora a ser má.

Tamara - Isso não é ser má, é obrigar os filhos a estudar.

Anita - Esta daqui também parece diversão.

Tamara - Eu gosto desta que tu disseste, a última.

Anita - Há esta e, esta. Querem qual?

Tamara - Eu gosto desta por causa do sorriso do miúdo, mas também não se vê ali a cabeça da mulher.

Investigadora - Então qual das duas, para ser divertida?

Mary - Esta.

Investigadora - Esta ou a dança?

Anita - Deixa a Lygia ver.

Investigadora - Fica essa então?

Atividade 3 - (tempo de áudio aproximado: 15 minutos)

Explicação da atividade: Falar sobre a escolha do registo fotográfico feito na sessão anterior, na qual, foi solicitada as participantes que escolhessem uma palavra para as representar e tentaram reproduzir essas palavras em imagem. Posteriormente foi feita a intervenção plástica sobre o suporte fotográfico e reflexão sobre a colagem feita.

Investigadora - Quando formos fotografar hoje, temos que evitar utilizar aquela parede branca, porque ela reflete muito a luz.

Hilda - Vamos fazer o que?

Lygia - Vamos tirar mais fotos.

Hoje vamos fazer colagens.

Lygia - Não vamos tirar mais fotos?

Investigadora - Vamos, também, mas primeiro vamos fazer as colagens.

Hilda - Como é a colagem?

Investigadora - Vou explicar, mas me deixa mostrar primeiro as fotos. As que foram tiradas próximas à parede ficaram muito claras.

Tamara - Isso somos nós em cima umas das outras.

Hilda - E eu?! Por que não me chamaram?

Mary - Eu quero essa.

Tamara - Essa aqui é a liberdade.

Investigadora - Essa aqui foi a *selfie* que a Mary tentou fazer de nós, acho que recebeu muita luz.

Mary - Não, não foi, eu abri aquilo só pra mim (a lata).

Investigadora - Foi isso então.

Tamara - Esta aqui sou eu e elas as duas.

Hilda - Mostra, qual é tu?

Mary - Essa sou eu.

Tamara - Eu sou a mais alta.

Investigadora - Hoje nós vamos fazer uma colagem e eu queria que vocês pensassem nas palavras que vocês escolheram hoje, sobre o que significa ser mulher. Eu trouxe mais alguns exemplos de artistas que trabalham com colagem.

Hilda - Como vamos cortar isto?

Investigadora - Eu trouxe revistas, jornais, esses papéis coloridos. Vou colocar o material em cima da mesa. Por enquanto, olhem as referências que eu trouxe.

Hilda - Eu quero pintar com aquelas canetas.

Investigadora - Hoje é colagem.

- Debate pós-intervenção plástica -

Investigadora - Me expliquem a criação de vocês. No que vocês estavam pensando?

Lygia - Eu fiz isto porque...pronto, é, eu não sei muito bem explicar, mas eu meti algumas frases para quem ver saber que ela, essa pessoa é importante, que os seres humanos erram, que as nossas vidas são especiais e para não julgar o livro pela capa.

Tamara - Tu és muito inteligente.

Lygia - Esta folha quer significar a paixão e o bem, e também a vida, em que, ele até pode errar, mas também é ser humano.

Tamara - Mas ele é um ***

Lygia - Pronto, os seres humanos erram, ele pode tentar mudar, quem sabe.

Investigadora - Qual a frase que você escreveu aí atrás?

Lygia - Aqui? “Não és o centro das atenções”. Porque pra mim ele parece o centro das atenções, porque quer ser o centro de tudo e de todos. Pronto, é isto.

Investigadora - E tu Tamara, o que criou?

Tamara - Eu, muito sinceramente não sei, mas tenho aqui um homem e uma mulher, porque acho que a amizade mais sincera de uma mulher é um homem. Sou muito sincera, até porque não tenho amigas raparigas, quer dizer, eu tenho mais são poucas. Tenho aqui um sorriso, porque eu acho que a arma de tudo é um sorriso, tratam-nos mal, nós sorrimos e eles ficam chateados, quando a gente tá sorrir, a gente tá feliz tá a sorrir, a gente tá triste apesar de tudo estamos a sorrir. Eu acho que o sorriso é uma arma boa pra tudo, seja pra bom ou seja pra mal. Depois a esperança, é a esperança que eu tenho no mundo e neste bairro, é que as coisas fiquem boas e mudem, tenham cabeça para criar o futuro.

Investigadora - E você acha que é mais fácil fazer amizade com homem do que com mulher?

Tamara - Completamente. Porque é diferente, as mulheres, eu sou mulher mas eu vejo isto, as mulheres, é do tipo... Mas eu acho que isto é de personalidade, não vem de ser mulher, mas de personalidade da pessoa. Eu vejo muito mais, eu encaro muito melhor com um homem do que ter uma mulher como amigos. É diferente, é uma amizade diferente, é saber que se for preciso alguma coisa estamos protegidas, porque é sempre diferente ter um homem na vida, como um rapaz, como elemento de amizade, acho que é diferente. Por isso é que eu também pus aqui, eu poderia ter posto a mulher aqui um bocadinho mais alta do que o homem, mas eu pus o homem mais alto porque do que a mulher, é mesmo por isso, pelo formato que tem deles cuidarem de nós, pelo menos eu vejo isso nos meus amigos. Eu sou a menina do grupo e eu sei que se precisar de alguma coisa, tenho vinte macacos à minha espera. Acho que a amizade entre homem e uma mulher é isso, pelo menos eu prefiro, acho que as mulheres são muito, sei lá, estranhas, gostam tanto de falar mal, sei lá, e quando uma coisa está mal acho que deve ser falado com a pessoa e não com amigos, lá está.

Lygia - Tipo, se nós temos que falar com pessoas que são diferentes e se essa falar com uma mulher, tipo acharem tudo mais ou menos, se fosse com homem já é diferente, já temos diálogo para falar.

Tamara - Depois tem aqui também a palavra liberdade, porque eu acho que esta imagem retrata muito bem aquilo que estávamos a dizer, éramos quatro pessoas que estávamos ali, pensando num bocadinho mais, meio que a brincar, mas sentíamos livres entre nós todas, não havia aquele coisa de, sei lá, ter receio de tocar uma às outras ou algo assim do género, no sentido de ser falta de respeito, não, nós estávamos a ser livres ao ponto de tava tudo *encavalitada* em cima de mim e não havia problema.

Investigadora - Por que eram mulheres?

Tamara - Não. Porque, *opá* lá esta, não sei, é no sentido de acho que foi o momento também, porque eu odeio que me toquem, sou uma pessoa que odeia abraços, eu não gosto de coisas afetuosas, *opá* odeio que me agarrem, lá está, eu sou uma pessoa muito livre, eu não gosto que me agarrem, e neste momento aqui eu senti liberdade e tinha elas todas em cima de mim, mas não me sentia presa. Eu acho que era mais por aí. E pronto, meti aqui as estrelinhas porque ficava bem, meti aqui essas coisinhas porque também gostei, porque gosto das cores, gosto do vermelho porque é uma cor atraente, gosto do verde porque é uma cor que me traz calma, gosto do amarelo porque é a cor da indecisão, não sou indecisa, sou uma pessoa que pondera sempre os dois lados.

Lygia - Eu não tenho uma preferência, tipo, se me dizem, preferes o teu pai ou a tua mãe? Eu digo os dois, não tenho preferência.

Tamara - Isso eu concordo. Mas *opá* nós dizemos sempre isso, mas é sempre diferente, por exemplo, eu acho que nesse sentido amamos muito os dois, mas o teu irmão de certeza que é mais apegado a tua mãe e tu é mais apegada ao teu pai. É isto, é estas coisas que, por exemplo, se numa família o filho é mais apegado com a mãe, é óbvio que em amizades eu ligo-me mais com homens e não com mulheres. Quando nós nascemos, nós, mesmo que não seja preferir, nós temos sempre aquela coisa de ir para o colo do pai e os meninos tem sempre aquela coisa de ir pro colo da mãe. Eu acho que é isso, eu acho que é preciso que as pessoas se metam no lugar, por exemplo, *opá* sei lá, de darem-se melhor com homens e outros darem-se melhor com mulheres que é pra também o mundo começar a parecer todo igual, que é pra começar tudo a misturar-se, num é homem com homens e mulheres com mulheres, é metam dez macacas e dez macacos na mesma casa e eles que, olha que, façam a vida deles. Não é só terem dez mulheres e cinco homens, eu acho que...

é isso que faz com que tenhamos desigualdade. E eu acho que essas imagens, isto é uma parte boa e acho que toda gente devia de fazer isto.

Investigadora - Eu acho que essa questão de se dar melhor com alguém, tem a ver com a personalidade das pessoas, como você falou antes.

Tamara - Sim, sim, completamente. Eu vejo amigas minhas que não conseguem se dar mesmo com rapazes e eu pergunto-lhes, “explica-me? A porque dou-me melhor com raparigas, os rapazes são fúteis”. Não, eles não são fúteis, eles simplesmente, tipo, tem conversas de rapazes, como as mulheres têm conversas de mulheres. Eu acho que, se estou num grupo de rapazes e eles falam de carros e assim, eu só tenho é que aprender, porque se eles estão a falar de uma coisa que eu não sei, é bom pra mim aprender com eles.

Investigadora - Mas até essa questão de existir “conversa de mulher” e “conversa de homem” é relativa, porque tem muita mulher que gosta de falar de carro e tem muito homem que gosta de falar de novela, por exemplo.

Tamara - No grupo de rapazes, pronto deste caso, no grupo do automóvel, sou eu e eles, quando entra uma rapariga que gosta de falar de automóveis nós ficamos fascinados. E hoje em dia vê-se *bue* isso e eu aprendi *bue* isso na faculdade. Aqui na faculdade, tipo, eu vejo grupos onde nós podemos estar a falar de carro e depois do nada falamos de futebol e depois do nada falamos, sei lá, do tempo. E acho que é bom isso, sei lá, é bom a parte de gostar de coisas novas, eu gosto sempre de aprender coisas novas. Olha, já aprendi a trocar o pneu do carro e não foi com as aulas de condução. E depois temos aquela safa sempre, ainda a um bocado, meu carro estava com um problema e liguei logo pra um amigo meu, “olha preciso que me vejas o carro”.

Investigadora - Em relação a essa questão do grupo que você falou, tu acha que é mais seguro sair com homens ou com mulheres?

Tamara - Com homens, completamente. Epa, eu acho que isso vai ser sempre assim, quando tu vês um homem num grupo, nós podemos ser vinte mulheres, mas se tu vires um homem tu já não te metes. Agora se tu vires vinte mulheres sozinhas, se calhar, já és capaz de te meter. O meu grupo de amigos é mesmo isso, por exemplo, nós estamos numa discoteca, nós estamos sempre todos juntos, quando eles saem nós reparamos que os rapazes aparecem, mas é só quando eles saem, quando eles voltam é diferente, quando eles voltam nós temos sempre aquela coisa de “olha não te metas que é a minha namorada”, as vezes tem um agarrado a três, mas somos todas namoradas dele, não há problema nenhum. Eu acho que é muito melhor, é melhor sair com rapazes, é mais seguro,

é muito mais seguro. Uma mulher sozinha é diferente, eu não tenho medo de sair sozinha, eu até prefiro quando nós somos várias raparigas, se só estamos raparigas até prefiro ir pô-las a casa e ir eu sozinha, mas é diferente, acho que a minha personalidade é um pouquinho diferente delas, elas são mais meninas, têm mais medo, acho que se alguém se metesse com elas, elas teriam medo.

Investigadora - E o que é ser mais menina?

Tamara - Ser mais feminina, é o que é, que é mesmo assim, é o que é, por exemplo, lá está, tudo vem de personalidades, mas por exemplo, eu não gosto de saias, eu não gosto de vestidos, *opá* eu não gosto, eu não me identifico, e elas por usarem estas coisas ficam um bocadinho mais vulneráveis que eu. Nós estávamos numa festa académica, a minha afilhada tava a passar e tava de vestido, o problema de tá de vestido é, o rapaz no sentido disso, tentou puxar a saia pra cima, eu como tava de calça já não tá a acontecer isso, mas depois aquilo chateou-me e houve ali um bocadinho de porcaria. Porque lá está, as mulheres..., mas isto é mal, o que tô a dizer, porque a mulher deve andar como quiser, não precisa ter medo de andar com nada, mas lá está, eu acho que ao andarmos de saia ficamos sempre mais vulneráveis. É diferente, não quer dizer que não possam, mas é diferente e podem, claro que podem, toda gente pode andar como quiser, mas no sentido de andar na rua sozinha, é muito diferente para a mulher tá de calças ou a mulher tá de saia. E os homens veem muito a pala disso, que é, “Ok, vemos ali um grupo de gajas, se as gajas tiverem todas mala, top e saia, podemos fazer o que quisermos”, eu vi isso, eu já vi isso. *Opá*, não sei, acho que todas as raparigas deveriam andar com um homem atrás, só pra não sentir isso, porque as mulheres são capazes de fazer tudo.

Anexo IV – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Número da Sessão: #1 (quarta)

Data: 20/04/2022

Horário: 15h às 16h (60min)

Tema da Sessão: Apresentação e iniciação do projeto

Objetivo Geral: Apresentação do projeto, discussão de aspetos de controle e participação e dar início aos trabalhos.

Objetivos Específicos	Conteúdo	Duração	Recursos
1. Apresentar o projeto;	1. Explicação dos objetivos do projeto e das atividades que serão desenvolvidas: <ul style="list-style-type: none">• <i>Diálogo fotográfico/ Foto-elicitação</i>• Fotografia Estenopeica• Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico.	1. 15 min	Fotografias Impressas <i>Latas Pinhole</i> <i>Post-Its</i>
2. Aspetos de participação, controle e partilha;	2. Aspetos de controle, participação e partilha: <ul style="list-style-type: none">• Explicar para o participante que ele não irá discutir ou fotografar nada que não queira;• Deixar claro que estejam participando por vontade própria;• Confidencialidade;• O que acontecerá com as imagens, <i>copyright</i>.	2. 5min	

<p>3. Regras sugeridas pelo grupo para o bom funcionamento das sessões;</p>	<p>3. Regras para partilha, comunicação, confidencialidade, respeito, debate em grupo.</p>	<p>3. 10min</p>	
<p>4. Promover a literacia visual e artística e iniciar a reflexão sobre o papel social da mulher;</p>	<p>4. Dinâmica de literacia visual sobre o empoderamento feminino no qual os participantes foram convidados a observar 10 imagens e classificá-las em linha da mais positiva para a menos positiva, considerando a figura da mulher em cada retrato.</p>	<p>4. 15min</p>	
<p>5. Dinâmica de brainstorming;</p>	<p>5. Dinâmica com <i>post-its</i> sobre o papel da mulher na sociedade, foi solicitado as participantes que falassem ou escrevessem palavras que para eles representassem o que é ser mulher na sociedade;</p>	<p>5. 10min</p>	
<p>6. Desafio fotográfico para a próxima sessão.</p>	<p>6. Desafio para a próxima sessão: <i>1 foto que represente ser mulher na sociedade.</i></p>	<p>6. 5min</p>	

Avaliação Geral (sessão #1)

Realização dos Objetivos	Descrição Qualitativa
<p> ✓ 1 ✓ 2 3 ✓ 4 ✓ 5 6 </p> <p>❖ O objetivo 3 não foi cumprido como planejado, pois durante a primeira sessão notou-se uma inconstância/impermanência das participantes durante a explicação do projeto, contudo falou-se sobre as regras durante a discussão sobre os aspectos de participação, controle e partilha.</p> <p>❖ O objetivo 6 não foi cumprido conforme o planejado, pois o desafio fotográfico havia sido pensado para ser feito por cada participante individualmente de forma a levarem a câmera <i>pinhole</i> para casa, porém as participantes preferiram fazê-lo coletivamente durante a sessão.</p>	<p>Inicialmente mais agitados e desconfiados, comecei por apresentar o projeto, as atividades e o assunto que seria abordado, quando abordei este último, falando sobre o papel da mulher e perguntei a opinião delas sobre a desigualdade de gênero, a participante Simone logo se pronunciou afirmando que “hoje em dia é tudo igual, não existe diferença”, a respeito dos papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade, as participantes Dorothea e Francesca apenas riram e as outras permaneceram em silêncio.</p> <p>Durante o restante da sessão a presença das participantes foi sempre inconstante, as participantes Dorothea e Francesca estavam com bebê de colo, enquanto a participante Simone estava sempre saindo para ver o seu filho. A participante Marlene teve uma presença constante e sempre atenta as dinâmicas realizadas. Ainda durante a apresentação a assistente social Ângela juntou-se ao grupo.</p> <p>Na dinâmica do ponto 4 surgiram questões sobre a ambivalência em algumas imagens que poderiam ser interpretadas tanto positiva quanto negativamente. Nesta atividade a participante Marlene demonstrou que, para ela, a imagem em que a mulher parecia mais feliz e realizada era a que mostrava uma mulher andando de bicicleta. Comentaram a importância da dança e da música para a comunidade.</p>

	<p>Posteriormente, com o início da dinâmica do ponto 5, juntou-se ao grupo a participante Tarsila, que esteve atenta e demonstrou interesse pela atividade realizada, a partir desse momento estiveram presentes somente as participantes Marlene, Tarsila e a diretora. Como algumas participantes não sabiam escrever, as palavras foram escritas por mim e pela diretora, foi possível perceber a divergência de opiniões entre as participantes Marlene e Tarsila, enquanto a primeira disse palavras como “dona de casa, limpas/asseadas e honesta”, a segunda citou palavras como “independente, trabalhadora e ser valorizada”, observou-se uma grande diferença de idade entre as duas.</p> <p>No ponto 6, contrariamente ao que foi sugerido como primeira opção, preferiram realizar uma única foto colaborativa, em resposta a questão “O que é ser mulher na sociedade?” escolheram fotografar a participante Tarsila a lavar loiça. Aparentaram estar empolgadas e curiosas em fazer o registo fotográfico com a lata.</p>
--	---

Avaliação Por Participante Sessão #1

Marlene	Tarsila	Simone	Dorothea	Francesca
<p>A participante que mais mostrou-se interessada e atenta.</p> <p>Aparentemente tímida mais muito envolvida.</p> <p>Sugeri que construíssemos as latinhas na escolinha com as crianças.</p>	<p>Participou apenas no ponto 5 e 6, porém mostrou-se interessada e atenta.</p> <p>Aparentemente extrovertida, parece ter uma personalidade forte e segura de si, expressa bem a sua opinião.</p>	<p>Participou apenas durante a apresentação do projeto, pareceu não dar tanta importância ao tema discutido.</p> <p>Pareceu estar na defensiva sobre o assunto abordado, desconfiada, expressa bem a sua opinião.</p>	<p>Esteve presente com bebe de colo durante pouco tempo.</p>	<p>Esteve presente com bebe de colo durante pouco tempo.</p>

Número da Sessão: #2 (quarta)

Data: 27/04/2022

Horário: 15:30 às 17:30 (120min)

Tema da Sessão: Conceitos base da fotografia (elementos, cores, composição, intenção)

Objetivo Geral: Introduzir a relação entre a fotografia e as emoções, trabalhar as relações em grupo.

Objetivos Específicos	Conteúdo	Duração	Recursos
1. Boas-vindas, quebra-gelo;	1. Dinâmica de iniciação;	1. 15 min	Fotografias Impressas
2. Promover a interação entre os participantes e prepará-los para a ação;	2. Dinâmica de grupo, “caminhar os sentimentos”;	2. 5min	Tinta guache e aquarela, pincéis, recipientes para tinta.
3. Consolidar questões éticas e permissão para registo audiovisual e uso das imagens;	3. Questões éticas, partilha, comunicação, confidencialidade, respeito;	3. 5min	Latas <i>Pinhole</i>
4. Promover a literacia visual e artística e iniciar a reflexão sobre os diversos elementos encontrados na fotografia e suas relações com as emoções;	4. Dinâmica de literacia visual/ <i>foto-elicitação</i> sobre a relação entre as fotografias e as emoções no qual as participantes foram convidadas a escolher 1 imagem de um grupo de fotografias distribuídas sobre a mesa, passavam um tempo observando as imagens enquanto a facilitadora fazia perguntas sobre os elementos fotográficos para induzir a	4. 20min	

<p>5. Refletir sobre as imagens captadas e as experiências associadas ao exercício anterior;</p>	<p>reflexão, após esse momento, se reuniram em pares para expressar as percepções que surgiram sobre as imagens;</p> <p>5. Debate em grupo, visualização das fotografias tiradas no exercício anterior;</p>	<p>5. 20min</p>	
<p>6. Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico (tinta, aquarela e guache);</p>	<p>6. Intervenção plástica, exemplos de aplicação da tinta na fotografia, diferença entre os tipos de tinta, teoria das cores;</p>	<p>6. 35min</p>	
<p>7. Reflexão sobre a intervenção feita;</p>	<p>7. Reflexão e debate em grupo sobre as mudanças geradas na imagem e os sentimentos relacionados;</p>	<p>7. 20min</p>	
<p>8. Desafio fotográfico a ser trabalhado na próxima sessão.</p>	<p>8. Desafio para a próxima sessão: <i>1 foto que represente uma situação em que a mulher se sinta feliz, realizada, empoderada.</i></p>	<p>8. 20min</p>	

Avaliação Geral (sessão #2)

Realização dos Objetivos	Descrição Qualitativa
<p>1</p> <p>2</p> <p>✓ 3</p> <p>✓ 4</p> <p>✓ 5</p> <p>✓ 6</p> <p>✓ 7</p> <p>✓ 8</p> <p>❖ Os objetivos 1 e 2 não foram cumpridos, a sessão contava de início com duas participantes, a participante Tarsila e a Clarice, o tempo do qual disponha a participante era curto.</p>	<p>Na dinâmica do ponto 4 (<i>foto-elicitação</i>) estiveram presentes apenas a participante Tarsila e a Clarice. Durante a atividade foram sendo realizadas perguntas como: 1- Há algum elemento principal? Algo que desperte a atenção? 2- Em qual ambiente foi feita? Conseguem imaginar alguma história por trás da imagem? 3- Ela transmite uma primeira impressão? Algum sentimento associado? 4- Quais cores você vê na imagem? Elas transmitem algum significado?</p> <p>Inicialmente apresentaram uma descrição muito literal da imagem, Clarice destaca em relação a sua imagem a questão da imposição para as mulheres em algumas culturas cobrirem todo o corpo, “nem os olhos elas têm a amostra, já viste, deve ser horrível”, para ela a repetição do azul na imagem reflete a obrigação de usarem essa vestimenta, “o impacto que tem o azul, tendo em conta que elas estão todas de azul, se calhar, reflete um pouco essa obrigação, porque todas tem que estra com um manto com a cara tapada...”. A participante Tarsila comenta sobre a foto de Clarice, “Opa, isso deve ser um bocado mal”, “será que elas em casa podem tirar isto?”, “a mulher é bem discriminada nesse país”</p> <p>A participante Tarsila, instintivamente relaciona a imagem aos sentimentos, “isso reflete alegria, porque a dança pra gente é uma alegria”, “só de ver esses pés e esse vestido no ar, lembram-me as nossas danças...”, “a nossa maior tradição é a dança e a música, por isso é que me chamou atenção essa imagem”. Comentando sobre a</p>

	<p>imagem da participante Tarsila, Clarice afirma “não tem luz, não tem cor, mas tem a sensação de movimento... vê-se que a saia tá a rodar”.</p> <p>No debate gerado no ponto 5, sobre as fotografias tiradas na sessão anterior, fez-se uma reflexão sobre o ambiente escolhido, a cozinha, se as participantes gostavam daquele ambiente e que sensações ele transmitia. Angla afirma que “eu gosto de estar, por exemplo, se tiver alguém que vá lá a minha casa comer, adoro tá na cozinha e estarmos ali todos a fazer comida e conversar... pá, todos os dias, todos os dias fico chateada. E ter que lá tá todos os dias, sozinha, sabes? E, hum, e porque é uma obrigação, porque tem que ser eu, aborrece-me”, “Mas também gosto, também me sinto bem, sinto-me dinâmica, quando tô lá e tô bem gosto de fazer”. A participante Tarsila afirma “Eu gosto. Às vezes me dá-me calma estar na cozinha”.</p> <p>Para a atividade do ponto 6 foi disponibilizada uma tabela que relacionava as cores a sentimentos e sensações.</p> <p>Obteve-se um maior envolvimento de participantes durante a atividade prática de intervenção plástica sobre a fotografia e durante o debate gerado a partir delas.</p> <p>Observou-se que o grupo está sempre mudando e que nem sempre as mesmas participantes estarão presentes, houve uma maior participação de mulheres jovens.</p> <p>Devido ao curto tempo de disponibilidade da maioria das participantes e por perceber um nível de interação e conforto já estabelecido entre elas, optou-se por realizar-se dinâmicas de grupo somente quando se notar necessário.</p> <p>Durante a realização do ponto 8 foram referenciados aspetos como: a união, solidariedade, ajuda mútua, cuidado e respeito.</p>
--	--

Avaliação Por Participante

Marlene	Tarsila	A3 - Jaima	A4 - Raquel	A5 - Fabiana
Ausente	Esteve presente apenas durante a primeira dinâmica (<i>photo language</i>) Ressaltou a importância da dança e da música para a comunidade.	Ausente (não irá participar das atividades)	Ausente	Ausente
Anita	Frida	Mary	Berthe	Hilda
Estagiária do projeto Giro ó Bairro, comunicativa, demonstrou interesse no assunto abordado.	Estagiária do projeto Giro ó Bairro, comunicativa, demonstrou interesse nas questões levantadas e em poder expressar sentimentos através das cores.	Um pouco contida de início, exigente com o trabalho prático e seu desempenho.	Interessada em explorar durante atividade prática, porém não seguiu o exercício conforme as orientações.	Interessada em explorar durante atividade prática, porém não seguiu o exercício conforme as orientações.

Número da Sessão: #3 (quarta)

Data:04/05/2022

Horário: 15:30 às 17:30 (120min)

Tema da Sessão: Conceitos base da fotografia (elementos, cores, composição, intenção)

Objetivo Geral: Introduzir a relação entre a imagem e o observador, a fotografia como expressão pessoal.

Objetivos Específicos	Conteúdo	Duração	Recursos
1. Promover a literacia visual, apresentar a fotografia como forma de comunicação, estimular o pensamento crítico sobre as diversas possibilidades de interpretação na relação entre imagem e observador;	1. Dinâmica de <i>foto-elicitação</i> sobre a relação entre as fotografias e as emoções no qual as participantes são convidadas a escolher 1 imagem de um grupo de fotografias distribuídas pelo espaço, a imagem deve representar como estão se sentindo no momento, depois que todos escolherem uma fotografia é solicitado que dentre as fotografias escolhidas procurem por uma que represente a sua personalidade, após esse momento será feita uma reflexão a partir das percepções que surgiram sobre as imagens;	1. 20 min	Fotografias Impressas Marcadores e ceras Latas <i>Pinhole</i>
2. Refletir sobre as imagens captadas e as experiências associadas ao exercício anterior;	2. Debate em grupo, visualização das fotografias tiradas na sessão anterior;	2. 20min	
3. Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico;	3. Intervenção plástica, exemplos de aplicação de marcadores e cera na fotografia, diferença entre o método anterior, maior controle do traço, teoria das cores;	3. 35min	

4. Reflexão sobre a intervenção feita;	4. Reflexão e debate em grupo sobre as mudanças geradas na imagem e os sentimentos relacionados;	4. 20min	
5. Desafio fotográfico a ser trabalhado na próxima sessão.	5. Desafio para a próxima sessão: <i>1 foto que represente quem sou.</i>	5. 20min	

Avaliação Geral (sessão #3)

Realização dos Objetivos	Descrição Qualitativa
<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 ✓ 5 <p>❖ Todos os objetivos foram cumpridos.</p>	<p>Durante a primeira atividade, em um primeiro momento foi solicitado a escolha de uma imagem que representasse como estavam se sentindo e em seguida trocassem por uma que representasse sua personalidade. Inicialmente fizeram apenas declarações literais e sem associação aparente com as imagens escolhidas, Mary afirma “estou-me a sentir bem”, Hilda “estou-me a sentir feliz” e Frida escolhe a expressão “fazer-me a vida”. Por outro lado, Tamara referiu-se a sua imagem “eu gostei dessa imagem pois dá-me o sentido de liberdade” e Anita afirma que “a minha transmitiu-me tranquilidade, beleza e serenidade”, mostrando uma reflexão mais aprofundada e o estabelecimento de uma relação entre imagem e sentimentos. Quando solicitado que trocassem por uma imagem que representasse suas personalidades, algumas participantes demonstraram dificuldade em entender o conceito de “quem sou eu”.</p> <p>No ponto dois foram lembrados os aspetos referenciados na sessão anterior (união, solidariedade, ajuda mútua, cuidado e respeito), esses pontos também foram observados em outras sessões do projeto, em que se observa um forte senso de partilha e comunhão, como se todas fizessem parte de uma grande família.</p> <p>No ponto 3, a partir das fotografias apresentadas como exemplos de intervenção, como resultado do exercício anterior as participantes demonstraram uma pré-disposição instintiva para associar as fotografias aos</p>

sentimentos que transmitiam, expressando-se sem serem questionadas sobre esse aspeto. Questionei-as sobre os elementos das fotografias que a seu ver se destacavam e sugeri que também escolhessem um elemento principal para destacar durante as suas intervenções.

Durante o debate pós-intervenção na fotografia, inicialmente expressaram-se de maneira literal e simples em relação ao material produzido. Depois, quando questionadas sobre o que estavam pensando e sentindo durante a produção e em relação a escolha das cores, começaram a apresentar opiniões mais aprofundadas.

Inicialmente, havia-se pensado para o ponto cinco propor uma fotografia individual que representasse características pessoais de cada participante, entretanto, tendo em vista que as fotografias estavam sendo realizadas sempre de forma coletiva, optei por sugerir uma associação entre palavras, dessa forma, cada participante escolheu uma palavra que a descrevesse e em seguida fizemos as fotografias em grupo. As palavras escolhidas e a forma como foram representadas foram as seguintes:

Mary: Alegria/divertida – *selfie* coletiva;

Anita: Serenidade – flor;

Frida: Resiliência – ajudando a amiga a subir o muro;

Hilda: Triste – duas meninas chorando encolhidas;

Tamara: Liberdade – árvores e o céu.

Avaliação Por Participante

Tamara	Anita	Frida	Mary	Berthe
Cumprir estágio curricular na associação, demonstra grande afeto e preocupação com as meninas da comunidade.	Muito tranquila e calma, comunica com segurança o que sente e pensa.	Adorou a relação existente entre imagem e sentimentos, bem como fato de poder utilizar as cores para também os expressar.	Resistência para começar a intervenção plástica, não gosta do que faz, perfeccionista.	Estava um pouco apática durante a sessão, aparentava estar cansada.
Hilda	Lygia			
Ansiosa e curiosa em ver o resultado dos registos fotográficos feitos.	Esteve presente somente durante a última atividade, aparenta ser bastante criativa e proativa.			

Número da Sessão: #4 (quarta)

Data:11/05/2022

Horário: 15:30 às 17:30 (120min)

Tema da Sessão: Associação entre palavras e elementos visuais simbólicos.

Objetivo Geral: Pensar a relação que estabeleço comigo e com o outro, como vejo e como sou vista.

Objetivos Específicos	Conteúdo	Duração	Recursos
1. Promover a literacia visual, apresentar a fotografia como forma de comunicação, estimular o pensamento crítico sobre as diversas possibilidades de interpretação na relação entre imagem e observador;	1. Durante o primeiro exercício devem completar a frase; “A mulher nasceu para _____”. Em seguida devem buscar uma imagem que corresponda as palavras ditas. Procurando estabelecer a relação entre as fotografias, símbolos e emoções. E posterior discussão em grupo sobre as fotografias escolhidas para representar cada palavra.	1. 20 min	Fotografias Impressas
2. Refletir sobre as imagens captadas e as experiências associadas a sessão anterior;	2. Debate em grupo, a partir visualização das fotografias tiradas na sessão anterior;	2. 20min	Revistas, Jornais, autocolantes, tesoura, cola, linha de costura e lã, papéis coloridos, <i>post-its</i> , canetas.
3. Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico;	3. Intervenção plástica, exemplos de aplicação de artistas que trabalham com a colagem, possibilidades de conjugação das imagens;	3. 35min	Latas <i>Pinhole</i>

4. Reflexão sobre a intervenção feita;	4. Reflexão e debate em grupo sobre as mudanças geradas na imagem e os sentimentos relacionados;	4. 20min	
5. Desafio fotográfico a ser trabalhado na próxima sessão.	5. Desafio para a próxima sessão: <i>1 foto que represente como os outros nos veem.</i>	5. 30min	

Avaliação Geral (sessão #4)

Realização dos Objetivos	Descrição Qualitativa
<p style="text-align: center;"> ✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 5 </p> <p>❖ O objetivo 5 foi cumprido, mas apenas duas participantes puderam permanecer o tempo necessário para a realização do último exercício. O material fotográfico não foi utilizado na sessão seguinte, mas foi entregue as duas participantes que estiveram presentes.</p> <p>❖ Foi solicitado a coordenadora do projeto Giro ó Bairro que as participantes da sessão da semana seguinte levassem imagens, fotografias, elementos que para elas representassem a comunidade cigana, contudo, a coordenadora julgou que seria mais confortável para elas, se esse trabalho de recolha fosse feito durante a sessão com recortes de revistas, jornais e impressões. Eliminando-se a possibilidade de levarem objetos com valor pessoal.</p>	<p>Iniciou-se a sessão com uma conversa sobre a dificuldade encontrada por elas de escolher palavras para representar a sua personalidade na sessão anterior, sobre isso Lygia comentou “há muitas coisas que não sou e há muitas que sou”. Quando questionadas sobre o desafio de retratar isso em imagem Tamara afirmou que “Eu acho que é difícil retratar isto numa só imagem, porque a liberdade para as pessoas é completamente diferente”.</p> <p>Na atividade seguinte, apesar de ser um exercício semelhante ao que foi realizado durante a primeira sessão, houve, a meu ver, respostas mais positivas/atuais/libertárias sobre o papel da mulher. No momento de relacionar as palavras que surgiram com as fotografias disponíveis, houve muita discussão antes de conseguirem entrar em um consenso.</p> <p>Para o início da atividade de intervenção plástica sobre a fotografia, pedi que refletissem sobre a atividade anterior e sobre o que significa ser mulher. Durante o debate pós-intervenção apenas duas participantes se pronunciaram, levantaram questões como: O erro como algo inerente ao ser humano, as diferenças nas relações entre homens e mulheres, estereótipos do feminino. Notou-se que essas participantes realmente refletiram sobre o assunto proposto.</p>

Avaliação Por Participante

Tamara	Anita	Frida	Mary	Berthe
Foca muito na palavra liberdade/livre. Apresenta algumas opiniões antagônicas a respeito do “ser mulher”.	Calma e prestativa.	Ausente (férias).	Gosta de conversas paralelas e de implicar com as outras participantes.	Não costuma falar muito, gosta das atividades de expressão artística, sempre assina os seus trabalhos.
Hilda	Lygia			
Aparenta não compreender muito bem os exercícios, mas adora as atividades práticas, gostou de trabalhar com os marcadores.	Ansiosa por ver as imagens feitas por ela e por iniciar as atividades práticas. Envolve-se com as atividades e nota-se que realmente reflete sobre as atividades propostas.			

Número da Sessão: #5 (quarta)

Data: 25/05/2022

Horário: 15:30 às 17:30 (120min)

Tema da Sessão: Elaboração de um painel sobre o que é ser cigano.

Objetivo Geral: Reflexão e trabalho em grupo.

Objetivos Específicos	Conteúdo	Duração	Recursos
1. Promover a partilha de experiências culturais e pessoais, apresentar a imagem como símbolo capaz de comunicar e expressar as nossas vivências.	1. Elaboração de um painel sobre a cultura cigana.	1. 120 min	Revistas, Jornais, autocolantes, tesoura, cola, linha de costura e lã, papéis coloridos, <i>post-its</i> , canetas.

Avaliação Geral (sessão #5)

Realização dos Objetivos	Descrição Qualitativa
<p data-bbox="344 432 412 464">✓ 1</p> <p data-bbox="259 563 1104 730">❖ A exceção das participantes Clarice e Anita, as outras mulheres presentes estavam participando do projeto pela primeira vez, todas tinham mais de 30 anos de idade. Não foi feita a avaliação por participantes como nas sessões anteriores.</p>	<p data-bbox="1227 424 2033 730">Durante a elaboração do painel sobre a cultura cigana foram sendo (re)afirmadas questões culturais como a tradição que envolve o casamento cigano, algumas leis ciganas que continuam a ser vivenciadas na prática, a máxima de respeito pelas pessoas mais velhas (idosos), o ritual do luto, a discriminação e dificuldade de conseguirem emprego devido ao preconceito. Também foram mencionadas novamente a importância da dança e da música para a comunidade.</p> <p data-bbox="1227 746 2033 818">Na totalidade, estiveram envolvidas na elaboração do painel 6 participantes, ao final do processo optaram pelo título “A vida do cigano”.</p>

Número da Sessão: #6 (quarta)

Data: 15/06/2022

Horário: 15:30 às 17:30 (120min)

Tema da Sessão: Desigualdade de género e o papel da mulher.

Objetivo Geral: Entender o que envolve o “ser mulher” dentro da etnia cigana.

Objetivos Específicos	Conteúdo	Duração	Recursos
1. Promover a literacia visual, apresentar a fotografia como forma de comunicação, estimular o pensamento crítico sobre as diversas possibilidades de interpretação na relação entre imagem e observador;	1. Dinâmica de <i>foto-elicitação</i> sobre as fases da vida (criança, adulto, idoso), relacionando-as com fotografias que as representam dentro do contexto cultural cigano. Após a escolha das imagens, solicitar que as descrevam em uma palavra.	1. 20 min	Revistas, Jornais, autocolantes, tesoura, cola, linha de costura e lã, papéis coloridos, <i>post-its</i> , canetas, marcadores, ceras.
2. Refletir sobre o papel da mulher, a nível pessoal, familiar e social, de forma a perceber respostas indicativas de desigualdade de género;	2. Para essa atividade foram impressas afirmações positivas e negativas sobre a mulher, em contexto pessoal, familiar e social. As participantes devem dizer se concordam ou não com as afirmações;	2. 20min	
3. Intervenção plástica sobre o suporte fotográfico;	3. Intervenção plástica com o objetivo de expressar “ <i>o que eu desejo para o meu futuro</i> ”. Sendo disponibilizado todo o material das sessões anteriores;	3. 35min	

Avaliação Geral (sessão #6)

Realização dos Objetivos	Descrição Qualitativa
<ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 2✓ 3 <ul style="list-style-type: none">❖ Houve dificuldade no cumprimento do segundo objetivo, pois durante esta atividade, esteve presente um rapaz que prejudicou a dinâmica do grupo e mesmo quando solicitado que se retirasse recusou fazê-lo.❖ Estiveram presentes durante as atividades as participantes Anita, Berthe, Hilda e Mary, exceto na última na qual apenas Anita e Berthe participaram. Não foi feita a avaliação por participantes como nas sessões anteriores.❖ Hilda estava visivelmente mais ansiosa durante as atividades e chegou a exaltar-se em certos momentos, penso que esteja relacionado com a presença do rapaz.	<p>Durante o primeiro exercício, sobre as fases da vida (criança, adulto, idoso) dentro do contexto cultural cigano, escolheram fotografias que representam essas fases relacionando-as com palavras ou expressões. Dentre as palavras mencionadas: Vaidade, arrumar, cozinhar, cuidar, descansar.</p> <p>Observou-se que algumas participantes perdem o foco com frequência, principalmente durante as reflexões em grupo, hoje estavam mais agitadas. O rapaz que esteve presente durante o segundo exercício, estava constantemente fazendo conversas paralelas e desconcentrando o grupo.</p> <p>Somente Anita e Berthe estiveram presentes durante o último exercício, no qual criaram um painel sobre o que desejam para o seu futuro.</p>

Anexo V – Outros materiais visuais utilizados e produzidos que não foram incluídos no corpo do texto

#Sessão 1

Atividade 1

Figura 79 - Eve Arnold



Figura 80 - Annie Leibovitz



Figura 81 - Inge Morath



Figura 82 - Justyna Mielnikiewicz



Figura 83 - Carrie Mae Weems



Figura 84 - Justyna Mielnikiewicz



Figura 85 - Maureen Bisilliat



Figura 86 - Ruth Orkin



Figura 87 - Justyna Mielnikiewicz



Figura 88 - Farzana Wahidy



Figura 89 - Ruth Orkin



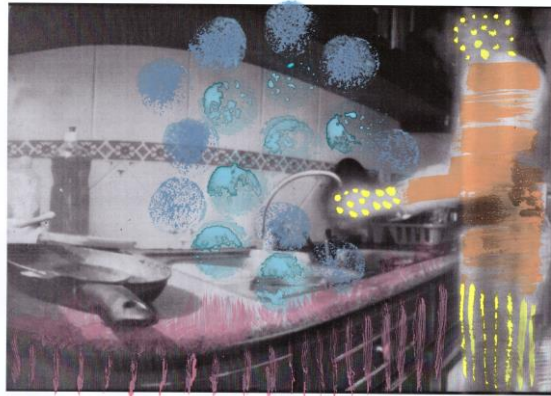
Figura 90 - Fabiana Figueiredo



#Sessão 2

Clarice:

Figura 91 - Clarice #sessão2

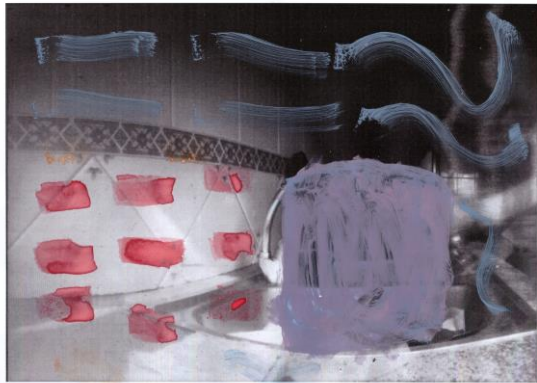


Berthe:

Figura 92 - Berthe #sessão2



Figura 93 - Berthe #sessão2



Hilda:

Figura 94 - Hilda #sessão2



Figura 95 - Hilda #sessão2



#Sessão 4

Atividade 1

Ser Rica
Figura 96 - Carrie Mae Weems



Ser Asseada
Figura 97 - Dorothea Lange



Ser Mãe
Figura 98 - Eve Arnold



Ser Mulher
Figura 99 - Juliana Rocha



Ser Guerreira
Figura 100 - Juliana Rocha



Ser Livre
Figura 101 - Annie Leibovitz



Ser Doida
Figura 102 - Farzana Wahidy



Ser Feliz
Figura 103 - Justyna Mielnikiewicz



Ser Fiel
Figura 104 - Nan Goldin



Ser Divertida
Figura 105 - Inge Morath



Ser Divertida
Figura 106 - Justyna Mielnikiewicz



Atividade 2

Berthe:

Hilda:

Figura 107 – Berthe #sessão4

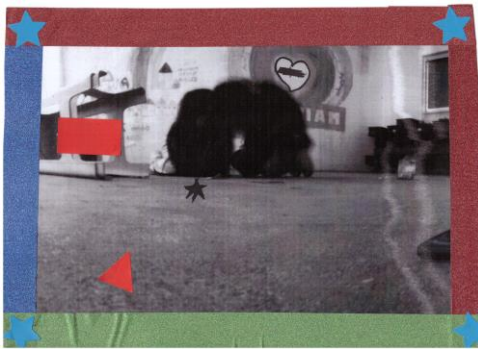
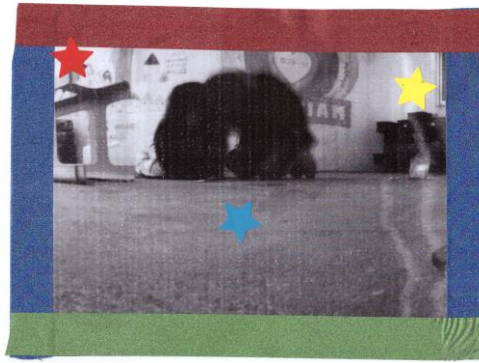


Figura 108 – Hilda #sessão4



Desafio Fotográfico:

Figura 109 – Desafio Fotográfico #sessão 4



Figura 110 - Desafio Fotográfico #sessão 4



#Sessão 6

Atividade 1

Figura 111 - Justyna Mielnikiewicz



Figura 112 - Jo Spencer



Figura 113 - Justyna Mielnikiewicz



Figura 114 - Justyna Mielnikiewicz



Figura 115 - Farzana Wahidy



Figura 116 - Anna Volpi



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>
- Albalawi, S. (2020). *'The sun does not have electricity': using photo elicitation and cultural models to explore secondary students' perspectives of connecting science with the real world* (Doctoral dissertation). Disponível em: <https://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.836128>
- Alves, D. S. (2015). A/R/Tografia: uma metodologia de pesquisa educacional baseada em arte na busca pela formação do artista-pesquisador-professor. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A9LEW7>
- Barbieri, D., Cazorla, A. G., THIL, L., Mollard, B., Ochmann, J., & Peciukonis, V. (2021). Gender Equality Index 2021: Health. Disponível em: <https://eige.europa.eu/gender-equality-index/publications>
- Barroso, A. P. P. (2015). *A autonomização feminina no grupo sociocultural cigano português: estudo de caso no Concelho de Braga: Programa Escolhas* (Doctoral dissertation). Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20779/1/Tese%20Final%20Ana%20Patr%C3%ADa%20Barroso.pdf>
- Barthes, R. (2006). *Elementos de semiologia*. Editora Cultrix.
- Blauth, L., Schmitt, D. M., & da Rosa, A. P. R. (2019). Violências cotidianas: a fotografia experimental como registro artístico de ações de empoderamento feminino. *Revista Digital do LAV*, 12(1), 018-037.
- Benjamin, W. (2018). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. L&PM Editores.
- Berth, J. (2019). Empoderamento. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Bittencourt, D. (2021). *Fotografia híbrida*. Chiado Brasil.
- Brandão, A. D. F. (2009). Transições da imagem: fotografia, contemporaneidade, cultura e hibridismo. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9200>
- Caldwell, C., & Leighton, L. B. (Eds.). (2018). *Oppression and the body: Roots, resistance, and resolutions*. North Atlantic Books.
- Caré, M. J. G. H. (2010). *Ciganos em Portugal: Educação e género* (Doctoral dissertation). Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2554>
- Casoli, R. (2019). Enfrentamento à violência doméstica contra a mulher: o exercício experimental da arte como exercício experimental da liberdade. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, 256-274.
- Chaves, R. C. (2016). *"Nunca Pensei Ser Artista!" Photovoice como forma de intervenção pelo bem-estar de pessoas idosas* (Master dissertation, Instituto Politecnico de Leiria

- Ciornai, S. (2004). *Percursos em arteterapia ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico elinguaagem expressiva, arteterapia e história da arte* (Vol. 63). Summus Editorial.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. R. C., & Vieira, S. R. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas.
- Dennett, T. (2009). Jo Spence's camera therapy: personal therapeutic photography as a response to adversity. *European Journal of Psychotherapy and Counselling*, 11(1), 7-19. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13642530902723041>
- Dias, B. (2014). Preliminares: A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes. *Conferências em Arte/Educação: Narrativas Plurais*, 1, 249-257. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/mestradoartesvisuais/files/2018/06/belidson.pdf>
- Dias, B. & Irwin, R. (2013). Pesquisa Baseada em Artes: A/r/tografia.
- Ferreira, A. T. (2021). Empoder [a (r)-te] Oficinas de Empoderamento através da Arte Educação (Bachelor's thesis).
- Flusser, V. (2002). Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Relume Dumara.
- Gibson, N. (2018). Therapeutic photography: Enhancing self-esteem, self-efficacy and resilience. Jessica Kingsley Publishers.
- Góes, M. C. R. D. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, 20, 9-25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3HggZgZCCZHZD85MvqSNWtn/?format=html>
- Goldbard, A., & Matarasso, F. (2021). Ética e Arte Participativa Caderno Arte e Comunidade (Fundação Calouste Gulbenkian, Ed.; Vol. N.01, p. 28) Disponível em: <https://gulbenkian.pt/publications/etica-e-arte-participativa/>
- Gonçalves, S., & Majhanovich, S. (Eds.). (2016). *Art and intercultural dialogue*. Springer.
- Greenwood, J. (2019). Arts-based research. In *Oxford Research Encyclopedia of Education*. Disponível em: <https://oxfordre.com/education/view/10.1093/acrefore/9780190264093.001.0001/acrefore-9780190264093-e-29>
- Ginzburg, C. (1989). Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras.
- Harper, D. (2002) Talking about pictures: A case for photo elicitation, *Visual Studies*, 17:1, 13-26. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14725860220137345>
- InPulsar (2019). Disponível em: https://www.inpulsar.pt/?page_id=17
- Irwin, R. (n.d). *A/r/tography: An invitation to think through art making, researching, teaching and learning* (site). Disponível em: <https://artography.edcp.educ.ubc.ca/>

- Junior, R. F. (2006). Processos de criação na fotografia. *Revista Facom*, (16), 10-19. Disponível em: https://www.fAAP.br/REVISTA_FAAP/REVISTA_FACOM/facom_16/rubens.pdf
- Macêdo, N. B. (2017). O feminino e o fotográfico: uma visão de Sherman, Ventura e Rennó (Doctoral dissertation). Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33408>
- Magano, O. (2011). Tracejar vidas normais: estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1750>
- Magano, O., & Mendes, M. M. (2014). Mulheres ciganas na sociedade portuguesa: tracejando percursos de vida singulares e plurais. *Revista Sures*, (3). Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/144>
- Magano, O. (2017). Mulheres ciganas, desigualdade de género e discriminação na sociedade portuguesa. *Violências de Género*, 153-187. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/10142/1/Magano%20Olga_MULheres%20Ciganas%20desigualdades%20de%20g%C3%A9nero%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20na%20sociedade%20portuguesa.pdf
- Mendes, M., Magano, O., & Candeias, P. (2014). Estudo nacional sobre as comunidades ciganas. *Estudo nacional sobre as comunidades ciganas*. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15587/1/estudonacionalsobreascomunidadesciganas.pdf>
- Mulvihill, T. M., & Swaminathan, R. (2019). *Arts-based educational research and qualitative inquiry: Walking the path*. Routledge. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=APm7DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=Arts-based+educational+reserch+\(ABER\),+&ots=KgnvnYUaHA&sig=86RcOuIJOBmydSt7-dP671YPzbU#v=onepage&q=Arts-based%20educational%20reserch%20\(ABER\)%2C&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=APm7DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=Arts-based+educational+reserch+(ABER),+&ots=KgnvnYUaHA&sig=86RcOuIJOBmydSt7-dP671YPzbU#v=onepage&q=Arts-based%20educational%20reserch%20(ABER)%2C&f=false)
- Oliveira, J., & Jardim, M. A. (2008). Terapia pela Arte numa abordagem hermenêutica. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/967/2/260-268.pdf>
- Paiva, M. M. V. D. R. (2013). *Aprender a ser cigano, hoje: Empurrando e puxando fronteiras* (Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa (Portugal)). Disponível em: <http://iceweb.org/wp-content/uploads/2017/01/Tese-Completa-Mirna-Montenegro.pdf>
- Pereira, R. P. (2010). Bem-estar e Educação pela Arte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 21-37. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_44-2_2/730
- Portugal Inovação Social: Giro ó Bairro (2019). Disponível em: <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/giro-o-bairro/>
- Quintas, G. (2015). Inquietações fotográficas: narrativas poéticas e crítica visual. *Fortaleza: Tempo dImagem*.
- Rago, M. (2014). O feminismo acolhe Foucault. *Labrys. Estudos Feministas*, 26.

- Rechena, A., & Furtado, T. V. (2020). *Gênero na Arte: Laboratórios de Arte Comunitária para Empoderamento de Mulheres em Casas de Abrigo*.
- Rose, G. (2016). *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials*. sage.
- Salles, C. A. (1992). *Crítica genética*. São Paulo, Educ.
- Scheffler, M. L. N. (2018). TERRITÓRIO E GÊNERO: territorialidades ausentes (23-82) *Territorialidades: dimensões de gênero, desenvolvimento e empoderamento das mulheres*. EDUFBA. Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2020/05/territorialidades-bahianas-21-RI_compressed.pdf
- Stubs, R. (2015). A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136107>
- Teixeira, P. L. C. M. (2010). Arteterapia-a arte no processo do autoconhecimento e resgate da autoestima. *Monografia) Especialização em Arteterapia em Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes-Instituto A vez do Mestre. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/i101525.pdf
- Understanding photography ethics in social research. (n.d.). Photography Ethics Centre. Disponível em: <https://www.photoethics.org/content/2018/5/31/understanding-photography-ethics-in-social-research>
- Wanderlei, L. C. (2020). Experimentalismos e ruídos na fotografia contemporânea. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38874>
- Weiser, J. (2001-2022). *Therapeutic Photography* (site). Disponível em: <https://phototherapy-centre.com/therapeutic-photography/>
- Weiser, J. (2015). History and Development of phototherapy. Disponível em: https://phototherapytherapeuticphotography.files.wordpress.com/2015/01/history_development_of_phototherapy.pdf
- Women, U. N. (2020). COVID-19 and Violence against Women and Girls: Addressing the Shadow Pandemic. *Policy Brief*, (17). Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/06/policy-brief-covid-19-and-violence-against-women-and-girls-addressing-the-shadow-pandemic>
- Zahidi, S., Ratcheva, V., Baller, S., Piaget, K. & Pal, K. K. (2022). The global gender gap report 2022. World Economic Forum. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2022.pdf